ADEMAR BOGO

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E POLÍTICA DE QUADROS

1ª edição
Editora Expressão Popular
São Paulo – 2011

Copyright © 2011, Editora Expressão Popular Ltda.

Revisão: *Ana Cristina Teixeira, Elaine Maria Andreoti*
Imagem da capa: Repa Lienas. *El socialismo es la liberación*
Projeto da capa: *Zap design*
Projeto gráfico, diagramação e fechamento da capa: *Krits Estúdio*
Impressão: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B675o

Bogo, Ademar
Organização política e política de quadros / Ademar Bogo
--1.ed.—São Paulo : Expressão Popular, 2011.
224p.

Indexado em GeoDados - http://www.geodados.uem.br
ISBN 978-85-7743-185-4

1. Política - Organização. 2. Política de quadros. I. Título.

CDD 320

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

Edição revista e atualizada de acordo com a nova regra ortográfica.

1ª edição: junho de 2011

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA
Rua Abolição, 201 – Bela Vista
CEP 01319-010 São Paulo, SP
Fone: (11) 3105-9500 / 4063-4189 – Fax: (11) 3112-0941
livraria@expressaopopular.com.br
www.expressaopopular.com.br

Sumário

Introdução 7

A espontaneidade e a consciência 17

A formação dos quadros 26

Os processos latino-americanos 31

A organização política da classe trabalhadora 35

Origens da organização política 36

A experiência russa 51

A solução chinesa 59

A resposta vietnamita 67

A engenharia das frentes 74

Visões associadas 78

A revolução e as tarefas organizativas 89

As possibilidades da revolução 90

A continuidade da revolução 98

Características atuais da organização política 108

Política de quadros 129

O movimento de massas e a consciência política 131

A organização da luta sindical e da luta política 137

Sobre a carência de quadros 143

Características de um quadro 145

Qualidades específicas de um quadro 146

Política de formação e projeção de quadros 149

A formação do quadro através da práxis 151

A continuidade na formação de quadros 159

O método de formação dos quadros 164

A educação escolar e a formação política 175
O papel da educação escolar nesta tarefa 183
A função da escola de formação política 190
A educação escolar e a luta pelo socialismo 192

A mística na prática dos quadros 195
A mística dentro da onda de descenso 197
A mística dentro das manifestações culturais 201
A mística dentro da pertença criativa 205
A mística dentro do projeto 209

Conclusão 215

Referências 221

Introdução

Quando caiu o muro de Berlim, em 1989, e posteriormente desfez-se o bloco dos países socialistas no Leste da Europa, muitos intelectuais e dirigentes políticos – em quase todos os lugares do mundo, tomados pela descrença antirrevolucionária – bateram em retirada das frentes de batalhas até então experimentadas, distanciando-se não só das práticas políticas transformadoras, mas também da teoria que interpretava corretamente o movimento das contradições na história.

Os movimentos revolucionários espalhados pela América Latina sentiram profundamente a violenta desintegração dos países socialistas e o restabelecimento do capitalismo na região do Leste europeu, tendo em vista que eles representavam (com todas as suas limitações) um passo à frente na correlação de forças mundial. A partir da desintegração das forças contrárias à exploração do capital, as massas e as vanguardas no mundo todo, cada qual à sua maneira, recolheram-se dos campos de batalha, deixando interrompido o caminho da revolução. A história, para os mais atentos, parecia andar em marcha ré, pois a contrarrevolução não se manifestou apenas com maior veemência nas ideias e práticas das forças de direita, mas avançou descontroladamente sobre as forças de esquerda; por conta disso, estas redefiniram os rumos das estratégias políticas, riscando de seu itinerário o velho endereço da utopia socialista.

Lenin viveu dilemas semelhantes ao nosso. No início do século 20, ao se deparar com a desconstrução das ideias revolucionárias e ao analisar o movimento das massas em ação, identificou os seus altos e baixos, como ondas. Para ele, a história se desenvolvia diferenciando-se entre períodos revolucionários e pacíficos. Nos períodos pacíficos, que fazem parte da pré-revolução e podem durar décadas, a marcha é lenta. Nos períodos revolucionários – curtos e rápidos – as massas e todas as forças querem decidir logo

as disputas. O avanço da revolução se dá, então, na medida em que as grandes massas se incorporam ao movimento revolucionário.[1]

Nos períodos revolucionários, a vida adquire características inovadoras, e até a parcela das massas que sempre se mantivera pacífica aparece ativa na cena política. "O movimento operário russo se elevou em poucos dias a uma etapa superior. Converteu-se, em nossa visão, em uma insurreição de todo o povo".[2] Este período, em que as massas se levantam por motivos diversos, desencadeia, ao redor da luta central pela conquista do poder, um movimento espontâneo incontrolável que rompe com todas as formalidades e restrições políticas estabelecidas.

É essa onda de ânimo das massas que obriga as forças políticas estruturadas a marcharem mais rapidamente. Enquanto este momento e esta reação não aparecem nos contextos sociais, as forças conscientes sofrem, pois as propostas e os chamamentos para as ações parecem cair no vazio.

Nos momentos de descenso da luta de classes, como este que vivemos na primeira década do século 21, quando as táticas experimentadas começam a perder a importância, as reações espontâneas das massas também diminuem, e as entidades e siglas partidárias, por falta do movimento ativo das forças, se debilitam e perdem a potencialidade das proposições e do comando. É como se, de um momento para outro, "ninguém" mais escutasse os chamados para a luta e se fechasse em si, desconsiderando inclusive a importância da unidade com as demais forças do mesmo campo ideológico. Mesmo estando em condições desfavoráveis na correlação de forças, cada organização imagina ser a portadora da mensagem mais adequada para as massas; porém, por mais que se esforcem, não conseguem reverter a situação de descrença e sentem que não há força externa que motive as massas apáticas a

---

[1] LENIN, V. I. "A propósito da revolução de toda a Rússia". *In: Obras completas.* T. 15. Moscou. Editorial progresso, 1983, p. 293.
LENIN, V. I. "Jornadas revolucionárias". *In: Obras completas.* T. 9. Moscou. Editorial Progresso. 1982. p. 212.

se mobilizarem para os fins estabelecidos pelas entidades historicamente constituídas.

Nos momentos de ascenso das lutas sociais, o movimento espontâneo das massas, mesmo sem ter consciência de sua importância, empurra a revolução para a frente, pois gera a desordem na ordem dominante e permite que as forças em movimento façam a sua própria experiência de luta. Assim, abrem-se perspectivas revolucionárias e aparecem novas alternativas que possibilitam a criação de novas formas de organizações sociais e políticas, deixando de lado algumas velhas estruturas pretendentes ao posto de vanguarda destas forças. A dinamicidade do movimento e a rapidez com que acontecem as ações das massas, que constituem as próprias direções, não permitem que todas as entidades estruturadas anteriormente se insiram neste processo e comandem as diversas reações. Surgem assim diferentes tipos de organizações populares e políticas, cuja possibilidade de estruturação não era vislumbrada no descenso. A natureza das ações indicará o tipo de organização a ser fortalecida: aparecem novas lideranças, e o processo político entra em outro período histórico de estruturação.

A conjuntura da segunda metade da década de 1970 no Brasil é um exemplo. Após os levantes operários nos grandes polos industriais do país, principalmente no ABC[3] paulista, onde as greves tomaram dimensões inesperadas, os operários, ao descobrirem a importância da luta política, decidiram criar o seu próprio partido, o Partido dos Trabalhadores, apesar de existirem no Brasil, neste período, dois partidos comunistas.

Cada período histórico de ascenso das lutas de massas forja a sua própria dinâmica. Cada indivíduo e cada força social, a seu modo, precisa fazer a própria experiência organizativa para desenvolver a consciência, pois não se faz história recordando apenas os feitos das gerações passadas. Cada geração busca formar, a seu modo, dentro ou fora das entidades de classe, o sujeito coletivo.

---

[3] ABC foi uma denominação dada pela articulação sindical operária na década de 1970 nos municípios de Santo André, São Bernardo e São Caetano, no Estado de São Paulo.

O processo de reação espontânea das massas apresenta, depois de pouco tempo de mobilização, a necessidade de um mínimo de organização; é este o momento em que os desejos de superação da situação em que se encontram fazem florescer formas organizativas de movimentos que apontam para o mesmo rumo. Assim, em geral, superam-se muitas formas de organização anteriores e voam pelos ares os mofos da enfadonha burocracia estabelecida nas fórmulas desarticuladas de agir, já desgastadas. As organizações idôneas anteriores são aceitas, solicitadas, ouvidas e respeitadas na medida em que respondem aos anseios das massas.

Entretanto, quando as ondas dos ascensos não atingem os objetivos esperados e as massas sofrem derrotas temporárias, elas se recolhem na passividade e vão cuidar de seus próprios afazeres: tudo parece recuar. O pensamento filosófico não encontra sustentação para as formulações, as teorias acadêmicas dispersam a sua centralidade científica, os artistas não vislumbram a utopia nascente e as iniciativas em geral parecem acometidas de uma grande enfermidade que lhes domina à força. Mesmo assim, não cessa o movimento das contradições na realidade, e as massas, a seu modo, buscam respostas aos seus problemas, e essas nem sempre são percebidas e corretamente interpretadas pelas organizações acostumadas a se orientarem por um tipo estático, dogmático e abstrato de análise de conjuntura. Embora mais lento e mais difícil, o descenso não é total; apenas as forças contrárias deixaram de se golpear num determinado tipo de cenário que, pelo movimento de novas contradições e mudanças estruturais em andamento, se modificou.

Da mesma maneira, nos períodos de descenso das lutas de massas, as formas organizativas anteriores, sustentadas pela parte mais consciente das forças, permanecem em funcionamento. Sem o movimento espontâneo das massas a seu favor, por não inovarem as suas táticas, elas não conseguem manter, mesmo na defensiva, ações que sejam ofensivas significativas. Com a demora em surgir a nova onda de ascenso, muitas entidades historicamente respeitadas se burocratizam, se atrasam ideologicamente e perdem a noção

dos desafios estratégicos, tornando-se conservadoras na linguagem e desatualizadas no conteúdo político dos princípios pelo simples fato de que sua forma organizativa não se permite abrir para as mudanças e inovações que as novas contradições apontam sem que elas se desestruturem.

Nos períodos de ascenso, quando renasce o ânimo das massas em torno de objetivos comuns, nem sempre as formas organizativas que se consideraram atualizadas de fato o estão; podem inclusive ser esquecidas, como ocorreu no século 20 com os partidos comunistas em diversos países da América Latina (Cuba, Bolívia, Uruguai, Brasil etc.), quando, a seu modo, em cada local desencadearam-se os movimentos revolucionários. Esta tendência de atualização organizativa pode ser identificada nas experiências históricas feitas em diversos pontos do mundo. Os movimentos revolucionários da Rússia, China, Vietnã etc. são provas concretas de que, junto com o novo movimento, surgem também novas formas organizativas capazes de acompanhar a dinamicidade da diversidade das ações das massas. Mas é importante perceber que a forma organizativa surge por exigência do movimento das forças em constante movimento, e não o contrário. Os instrumentos novos, criados fora da necessidade do movimento das forças em ascensão e sem elas, tendem a imitar os demais instrumentos desgastados já existentes.

É verdade que, a partir da derrocada do bloco socialista soviético no Leste europeu, a correlação de forças ficou desvantajosa para as massas populares e para as classes trabalhadoras em todo o mundo. Embora aqueles países não simbolizassem as inovações revolucionárias, nem contribuíssem diretamente com elas, representavam a oposição ao imperialismo. O movimento de desconstrução dos Estados socialistas, juntamente com as profundas mudanças na infraestrutura da base produtiva capitalista introduzidas pelo capital fundamentalmente industrial e financeiro, "descolocou" os sujeitos associados por categorias, durante décadas, acostumados a lutar contra um modelo centralizado de capital. Os avanços processados nas forças produtivas levaram à fragilização das or-

ganizações de classe. Isso não quer dizer que estas organizações já não representam nada ou se tornaram totalmente obsoletas, mas que uma parte significativa de sujeitos da revolução enquanto força motora deixou de participar das entidades de classe que há décadas os representavam.

Essa problemática também foi enfrentada por Antonio Gramsci quando, em 1919, analisou a questão da "conquista do Estado", detectando que no período da Primeira e da Segunda Internacionais o princípio do associativismo que garantira o crescimento dos partidos socialistas e dos sindicatos por categorias também induziu a fortalecer tanto o desvio do "apoliticismo" de não combater o Estado quanto a "perda da capacidade crítica" em relação à ordem existente.

Para Gramsci, os comunistas marxistas deveriam direcionar as suas ações orientadas por uma expectativa crítica. Para ele, sendo a história ao mesmo tempo "liberdade e necessidade", as instituições somente se conservavam quando tinham uma missão a realizar. Para tanto, tinham que levar em consideração as "condições objetivas de produção dos bens materiais e de consciência espiritual dos homens".[4] Se essas condições se modificavam, alteravam-se as relações, a consciência dos homens, a configuração social e as instituições tradicionais se debilitavam e deixavam de cumprir suas funções. Isso era válido para as instituições do Estado como também para as formas organizativas das forças sindicais e políticas que queriam superar a dominação do capital.

A nova ofensiva do capital, com a reestruturação produtiva e as políticas neoliberais, provocou mudanças estruturais na organização do processo produtivo, na composição da sociedade civil e na definição do papel do Estado. Houve a desclassificação ou a expulsão de quantidades significativas de categorias profissionais e, consequentemente, de indivíduos da classe trabalhadora, remetendo os sujeitos clássicos da revolução a se somarem às massas

---

4 GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 260.

populares céticas para a luta sindical e política. Este fenômeno qualificado e quantificado leva à comprovação da previsão dos elaboradores do *Manifesto Comunista* de 1848, quando disseram que "tudo o que era sólido desmancha no ar".[5] Há infinitos aspectos para a ilustração deste movimento: no momento registramos apenas que na sociedade civil modificou-se desde a família, os costumes, a linguagem até a participação efetiva nas entidades de classe. Isso também pode ser verificado nas mudanças estruturais em processo na base produtiva, na qual se introduz cada vez mais tecnologia reduzindo os contingentes operários que antes estavam concentrados no mesmo local de trabalho, modificando, assim, as relações das forças produtivas e enfraquecendo as formas organizativas.

Sem o ascenso, ou seja, sem a retomada das lutas de massas, as forças motoras e dirigentes não aparecem claramente no cenário e, quando reaparecerem, podem não ocupar o mesmo lugar que ocupavam anteriormente.

Lenin esclareceu esse aspecto ao tratar do "problema agrário e das forças da revolução", quando, em 1907, caracterizou o caráter burguês da revolução na Rússia e avançou em sua análise dizendo que a burguesia não a concretizaria: "O movimento de libertação burguês, por seu conteúdo social e econômico, não o é por suas forças motrizes. Suas forças motrizes não podem ser a burguesia, mas, sim, o proletariado e o campesinato",[6] pois o proletariado e o campesinato sentiam mais que a burguesia as consequências da servidão e necessitavam da liberdade mais que ela. A pergunta a ser respondida é: qual será a natureza da revolução brasileira e, dentre todas as forças hoje, quais são as que sofrem mais as consequências da exploração capitalista?

As forças contrarrevolucionárias sempre preveem o agravamento das crises do capitalismo com certa antecedência e lançam mão de todos os artifícios para aniquilar as possibilidades de reação das

---

5 MARX, K-ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 6ª ed. São Paulo: Global, 1986, p. 22.

6 LENIN, V. I. *Obras completas*. Ed. cit., T. 15, p. 218.

forças revolucionárias. As forças repressivas e as medidas coercitivas ampliam o leque do espectro ideológico para criminalizar e desautorizar as organizações de classe a lutarem pela defesa dos direitos, quando não conseguem convencê-las de que as disputas devem ser processadas em outro terreno. Foi o que ocorreu a partir da última década do século 20 em diversos países da América Latina, quando muitas formas organizativas abandonaram as táticas ofensivas e adotaram outras que cabiam dentro da ordem, sem ameaçá-las.

A propaganda enganosa do exercício da democracia da ordem, que arrasta para os processos eleitorais (desligados de outras formas de luta) as forças de esquerda e, atrás de si, as massas populares a cada pleito, induz a pensar que o poder de decisão e de realização das mudanças está unicamente na articulação dos três poderes que constituem a ordem republicana: Executivo, Legislativo e Judiciário. Sendo assim, seguimos docilmente o pensamento liberal burguês consolidado a partir de 1789 com o triunfo da Revolução Francesa, que atacou o poder absoluto dos reis e o regime monárquico, defendendo um poder impessoal, de formato republicano representativo. Montesquieu, teorizando sobre a república chegou à conclusão – através do princípio da moderação – de que a melhor saída era a separação entre os três poderes: o Executivo, encarregado dos serviços e negócios públicos; o Legislativo, encarregado de instituir leis; e o Judiciário, encarregado de aplicá-las. Em lugar do rei, o povo deveria ser soberano, ainda que com muitas restrições, e deveria eleger os seus representantes; e até hoje damos continuidade a essa prática, sem nos darmos conta de que entramos na estrutura do Estado para governar e não para provocar mudanças.

Montesquieu alertou, porém, que: "A corrupção de cada governo começa quase sempre pela dos princípios".[7] Daí que, após dois séculos de se ter instalado o pensamento liberal, uma relativa

---

[7] MONTESQUIEU. "Da corrupção dos princípios". *In:*. WEFFORT, Francisco C. (org.) *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática, 2003, p. 161.

revisão nos mostra que o centro do poder e das decisões políticas, se esteve, já não está propriamente nos três poderes institucionais, mas, sim, em pelo menos outros três que os submetem: a) as empresas, sistema financeiro e grandes corporações que financiam as campanhas eleitorais e têm nos cofres públicos as reservas para os investimentos econômicos; b) a mídia, também usada pelo capital para pressionar, chantagear ou ameaçar os adversários e as massas em geral quando os interesses de certos grupos correm riscos ou não estão sendo atendidos, ou quando querem que os poderes da República se coloquem a serviço da criminalização de forças sociais que lutam por outros interesses; c) o crime organizado, seja na esfera econômica que move vultuosas somas através de contrabandos e negócios ilegais, seja por dentro da institucionalidade, quando os recursos públicos são desviados pelo superfaturamento de obras, compras ilícitas, propinas etc.

Marx e Engels não se enganaram quando revelaram no *Manifesto Comunista* a tese de que "A necessidade de expansão constante do mercado impele a burguesia a estender-se por todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte".[8] É o que vemos hoje não só nos aspectos geográficos, como também em todos os espaços da vida social.

Tomemos como exemplo os processos eleitorais. Houve épocas em que as propagandas eram livres, havia colagens de cartazes, disputas nas ruas, e a militância fazia a diferença. As proibições legais levaram as campanhas a serem terceirizadas, significando um duro golpe na militância, cujo lugar foi ocupado por empresas. Logo, o capital estabeleceu-se com o auxílio da lei, e as candidaturas eleitas são as que mais investem financeiramente. É certo que uma grande parcela do dinheiro vem das próprias empresas, mas aquilo que supostamente é visto como "doação de campanha"

---

[8] MARX, K-ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 6ª ed. São Paulo: Global, 1986, p. 22.

nada mais é do que um adiantamento pelos serviços que terão que ser prestados no parlamento ou na institucionalidade.

Neste sentido, as forças políticas institucionais que não se propuserem a atacar os três poderes "marginais" aos três poderes da República, vencendo os pleitos, já entram para o exercício do mandato dominados. Como nos alerta Mészáros: "há momentos em que, na luta para enfrentar as próprias contradições, o capital se coloca como (...) força extraparlamentar *par excellence*, cujo poder de controle sociometabólico não pode ser politicamente constrangido pelo Parlamento (...)"[9]

No entanto, nas últimas décadas, o movimento orientado pelo capital, que reorganizou o mundo do trabalho, se apropriou do patrimônio e da poupança pública, desempregou e remanejou a cadeia produtiva e não impediu a crise de seus próprios paradigmas democráticos e repressivos contrarrevolucionários. Ambos os lados, direita e esquerda, sofreram com a aceleração das mudanças tecnológicas, fundamentalmente pela rápida urbanização e pela favelização das periferias das grandes metrópoles.

No período do ascenso anterior, que se estende, fundamentalmente, da Segunda Guerra Mundial até o final do século 20, a contrarrevolução tinha aprendido a combater as forças revolucionárias organizadas nos aparelhos partidários e sindicais, nas portas das fábricas, nas greves de massas e na "guerra de todo o povo", com lutas armadas para a transformação dos países. Com as mudanças tecnológicas e a urbanização, os conflitos cotidianos, por conta da repressão, adquiriram duas diferentes naturezas entre as massas: a) do crime organizado, através de ações de grupos paramilitares, narcotraficantes e atividades ilegais; b) das lutas reivindicatórias, movimentos de moradia e de desempregados, associações de moradores etc. Estas ações, desenvolvidas entre as massas por grupos voltados para os próprios interesses e desprovidos de estratégias revolucionárias, constituíram, por conta própria,

---

[9] MÉSZÁROS, István. *A atualidade histórica da ofensiva socialista*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 39.

um novo conceito, conhecido pelas forças de inteligência burguesa como "guerra entre o povo".[10] Em tais circunstâncias consideram que as populações, pela ótica dos movimentos, são sujeitos; pela ótica do crime organizado, são escudos.

Se o movimento acelerado no mundo do trabalho desarranjou a ordem tradicional da organização das classes, fazendo crescer ainda mais os contingentes das massas populares no meio urbano em cada país, ele também colocou em crise os paradigmas da repressão. As Forças Armadas, preparadas para combater guerras provocadas entre os Estados e para manusear armamentos de longo alcance, além de terem se tornado demasiado caras – tendo em vista as facilidades da penetração do capital em todos os lugares –, tendem a diminuir a sua intensidade de uso, pois os treinamentos e os armamentos foram preparados para atingir o inimigo a longa distância. Como atualmente os confrontos entre forças oficiais e movimentos sociais articulados ou grupos armados voltaram a ser corpo a corpo, e os territórios em disputa ficaram cada vez menores, grande parte do arsenal bélico tornou-se obsoleto. O palco das batalhas já não é mais o campo nem a selva, mas, sim, as periferias das grandes cidades.

A espontaneidade e a consciência

A polêmica sobre estes dois conceitos perpassou a história do marxismo e ainda sobrevive em nossos dias. Muitas vezes, a polêmica se dá pela maneira de colocar o debate num tom mais corporativo, na defesa de alguns setores populares; outras vezes, por desvios voluntaristas, imaginando que as massas facilmente compreendem a causa de sua pauperização. Por fim, há ainda os desvios vanguardistas induzindo a pensar que as massas não se mobilizam porque falta uma convocação.

Primeiro, o conceito de "espontaneidade das massas" é o reconhecimento, por parte das forças conscientes, de que as massas

---

[10] SMITH, Rupert. *A utilidade da força: a arte da guerra no mundo moderno*. Lisboa: Edições 70, 2008.

possuem uma dinâmica própria para se motivarem e se mobilizarem e, através dela, produzem seu próprio aprendizado.

Isso não significa dizer que os instrumentos de organização política sejam dispensáveis e que as massas por si só farão as transformações, mas, se não houver motivação entre as massas, os instrumentos não conseguirão propagar suas ideias e propostas entre elas, pois faltará justamente o movimento das forças que puxe a revolução e envolva a maioria da sociedade no processo de mudanças. "Quanto ao apelo dirigido às massas para a ação, surgirá por si mesmo, sempre que houver uma enérgica agitação política e denúncias vivas e ressonantes."[11] As revelações políticas se somam à vontade das massas de se envolverem nas lutas, por estas sentirem que chegou a sua vez. As organizações cumprem o papel de dar conteúdo à vontade, ampliando o alcance e a profundidade das intenções. Quando ocorre o encontro da vontade com a consciência, proporcionado pelo desenvolvimento da experiência da participação, as lutas se tornam consequentes e duradouras.

A experiência particular e coletiva é fundamental para que os processos revolucionários encadeiem o próprio movimento das forças. Conforme destaca Walter Benjamin (1940), quando há dificuldades para narrar os feitos é porque as ações da experiência estão em baixa "(...) Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo do que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis".[12] Quanto mais ações, maiores e mais intensas são as narrativas, e estas cumprem o papel de incentivarem a pertença ao processo.

Dessa maneira, podemos entender por que muitos instrumentos e formas organizativas tiveram presença importante na

---

[11] LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento.* São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 137.

[12] BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.* São Paulo. Brasiliense, 1994, p. 198.

história, mas, num segundo momento, não foram nem compreendidos nem respeitados pelas massas, o que não significa que não estivessem bem intencionados, mas, sim, que as forças sociais não sintonizaram os seus interesses com os objetivos propostos, fazendo com que importantes iniciativas ficassem à margem da história. Como disse Rosa Luxemburgo: "A luta de classes não é produto da social-democracia. É o contrário: a própria social-democracia é apenas um produto tardio da luta de classes".[13] Esta definição demonstra que é o movimento dos conflitos – que existem independentemente dos partidos – que estabelece as exigências para criar o tipo de instrumento de luta, e não o contrário.

Assim, nos diz Antonio Gramsci[14] que em cada movimento espontâneo existe um elemento primitivo de direção consciente com disciplina e método. Sendo assim, não há movimento sem direção; cada ação possui a sua própria direção e seu próprio comando. Neste sentido, não há como dirigir de fora para dentro, mas é diante das fragilidades e deficiências das lutas locais que se faz necessária a formação do instrumento político, cuja função é reunir todos os interesses em torno de um objetivo estratégico universal que, por si só, as lutas restritas não alcançam. O formato deste, ou de outros instrumentos posteriores, será estabelecido pelas próprias exigências das contradições existentes naquele período histórico. A genialidade de Lenin, Mao Tsé-tung, Fidel Castro, Ho Chi-minh e outros não está simplesmente na elaboração da estratégia revolucionária junto com seus coletivos revolucionários, mas, sim, na capacidade de organizarem instrumentos adequados às exigências reais e de sintonizarem as ações programadas e conscientes com as ações espontâneas das massas em constante movimento.

É verdadeiro afirmar que as possibilidades das mobilizações são geradas pelo movimento das contradições da realidade social, e não apenas pela vontade política dos militantes organizados em

13 GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 34.

14 SADER, Emir (org.). *Gramsci, poder, política e partido*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular. 2005. p. 111.

um instrumento político. O tempo histórico das massas é diferente do tempo histórico dos instrumentos estruturados, porém é falso afirmar que o ascenso das massas no particular não pode ser motivado e que não seja possível desenvolver lutas específicas, aproveitando as contradições locais num processo de acúmulo de forças, mesmo que no conjunto ainda não se tenha a motivação para realizar as lutas mais universalizantes. O papel do militante no meio das massas é de, através de sua capacidade motivadora, agitadora, organizadora, propagandística e formadora[15], estabelecer a ligação entre os aspectos particulares da luta específica com os aspectos universais da luta de classes.

Nem sempre as massas se dispõem a lutar quando a conjuntura lhes é favorável, sobretudo pela demora de perceberem a profundidade das crises econômicas e políticas. No entanto, pode ocorrer o contrário, ou seja, as reações espontâneas podem aparecer nos momentos em que menos se planeja tornando-se, com isso, insurreição de todo um povo, como ocorreu na Argentina a partir de 1999, após o confisco da poupança. O confisco desencadeou um processo de luta que provocou a renúncia do presidente da República e, em seguida, sucessivas deposições de presidentes; no entanto, as massas não tiveram suficiente compreensão para tomar o poder e nem tampouco havia um instrumento político capacitado para propor tais tarefas, pois, fundamentalmente na década de 1970, a Argentina viveu um dos períodos mais repressivos e sanguinários da América Latina, que interrompeu a tradição das lutas revolucionárias com a eliminação física, pela ditadura militar, da maioria dos quadros revolucionários.

Este e outros fatos demonstram que os elementos das forças constitutivas de uma revolução, vanguarda e massas, não podem estar separados ou desproporcionalmente colocados diante das exigências das tarefas históricas.

Os processos vitoriosos apontam para a necessidade das forças políticas conscientes e organizadas estarem em sintonia com

---

[15] LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento*. Ed. cit.

a reação das massas e repartirem entre si a responsabilidade da realização das tarefas como se fossem uma só organização. Um exemplo é a Revolução Cubana, vitoriosa em 1º de janeiro de 1959. Ela foi resultado do grande esforço de mobilizações populares e estudantis integradas com as ações militares da guerrilha; mas, sem a formação da "Frente Cívica Revolucionária" composta pelas diversas forças políticas em julho de 1958, todo o esforço poderia ter sido em vão.

Concretamente, a espontaneidade entendida como motivação e reação das massas não pode ser confundida com a espontaneidade dos métodos e a dispensabilidade do instrumento organizativo na forma adequada às tarefas. Costuma-se chamar "subjetivismo" o desvio que não considera o estudo, planejamento e distribuição de tarefas para levar em frente a luta revolucionária.

Entretanto, não significa que se deva dogmatizar os métodos e as formas de luta como se na luta de classes tudo pudesse ser programado com antecedência. A capacidade de criar e formular alternativas, improvisando mediações e sobressaindo-se com astúcia das armadilhas inimigas, faz parte da sabedoria política de estruturação das táticas.

Lenin, ao explicitar sobre os métodos artesanais, estabelece uma ligação estreita entre a experiência das massas (fundamental para o ascenso revolucionário) e a experiência dos velhos militantes organizados. Acentua que, por inúmeras vezes, as reações eram feitas quase sem equipamentos, e que as pessoas iam para as ações como se fossem camponeses que tivessem acabado de largar o arado, sem ligação com os velhos militantes, com os círculos de outras localidades ou bairros, estabelecimentos de ensino; sem qualquer coordenação das diferentes partes do trabalho revolucionário, sem plano sistemático de ação para um período.[16]

Compreende-se que, acima de tudo, os planos de ação devem ser conscientes, preparados com antecedência e devem visar a continuidade com certo grau de segurança física; dessa forma se

[16] LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento*. Ed. cit., p. 168.

torna importante a presença da organização política de natureza partidária.

A espontaneidade também não pode ser confundida com pequenos levantes de um movimento social, de uma categoria ou de setores de classe. A espontaneidade, mais do que reações particulares e passageiras, diz respeito a reações universais. Ela se expressa quando o estado de ânimo das massas se manifesta amplamente com a mesma disposição em cada setor, cada bairro, fábrica, no campo, universidades etc. e se interligam entre si. Não é, tampouco, uma manifestação através de uma forma de luta, uma greve, uma ocupação de terra ou o fechamento de uma rodovia, senão a possibilidade de, em cada espaço, criar maneiras de expressão que se articulem por um período e visem o reconhecimento da participação de cada força social. É um sentimento de mudança generalizado que toma conta de todos os espaços onde as ações e posições se voltam para a mesma direção. Os sujeitos, mesmo sem um conhecimento prévio, sentem que estão do mesmo lado e reagem como se fossem velhos camaradas. "O marxismo admite as formas mais diversas de luta; ademais, não as 'inventa', mas as sintetiza, organiza e torna consciente as formas de luta das classes revolucionárias que aparecem por si mesmas no desenvolvimento do movimento."[17]

As ações criativas continuadas, com a participação das grandes massas, são o início da afirmação da consciência política. Em vários processos pré-revolucionários, os partidos buscam, por décadas, por meio da propaganda, de jornais e de publicações, elevar o nível de consciência das massas, sem conseguir êxito. Entretanto, elas aprendem rapidamente pela sua ação e pela agitação com palavras de ordem que sintetizam o programa. Daí em diante, passam a prestar atenção à propaganda feita através de jornais e outras publicações.

---

[17] LENIN, V. I. "A guerra de guerrilhas". *In: Obras completas*, ed. cit. t. 14, p. 1.

Ao contrário do que defendia Karl Kautsky, que "a consciência é um elemento importado de fora"[18] – por acreditar que os portadores da ciência eram apenas os intelectuais e não o proletariado, e que por isso a consciência socialista ia de fora para dentro da classe como uma ação mecânica –, Lenin defendia que a "forma embrionária do consciente"[19] era a luta espontânea. A partir disso, os operários e as demais forças aprenderiam a ver além dos seus interesses imediatos, reconheceriam as outras classes e saberiam os motivos pelos quais lutavam. Mas isso não era suficiente; fazia-se necessário o partido – formado por operários e intelectuais, membros das mesmas fileiras e executores das mesmas tarefas – divulgar as ideias socialistas científicas no seio das lutas concretas e produzir novos conhecimentos. Para Lenin, os operários em luta entenderiam facilmente as ideias socialistas, que só se desenvolveriam entre eles com a sua própria organização. Neste sentido, entendia que as ideias formuladas em outros espaços e a teoria socialista produzida fora da luta específica chegariam até as massas dos operários levadas pelos membros do partido que estudavam e assimilavam tais teorias. Os membros não eram outros senão os próprios operários destacados na organização da classe.

Lenin, ao analisar os resultados da revolução, diz que, em outubro, tinham varrido os inimigos dos camponeses, mas havia um complicador, porque: "Nós, os socialistas, sabíamos que sem esta luta não haveria socialismo; porém sabíamos também que não bastava somente nós sabermos, era necessário que milhões de pessoas soubessem, não através da propaganda, mas como resultado de sua própria experiência".[20]

Segundo ele, o papel dos revolucionários era "não se ajoelhar" diante da espontaneidade, pois somente com o embrião da consciência não se chegaria à consciência socialista. Neste sentido é

---

18 KAUTSKY, Karl. "Um elemento importado de fora". *Revista do Partido Social-Democrata Alemão Neue Zeit*, número 3, p. 79, 1901-1902.

19 LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento*. Ed. cit., p. 88.

20 LENIN, V. I. "Discurso sobre o aniversário da revolução em 6 de novembro (1918)". *In: Obras completas*. Ed. cit. T. 37, p. 150.

que entrava a tarefa do partido em agregar ao aprendizado espontâneo, a partir de dentro do próprio movimento, os conhecimentos científicos e revolucionários.

> Estas massas – diz Lenin – aprendem na prática, ensaiam seus primeiros passos à vista de todos, tateiam o caminho, fixam objetivos, põem à prova suas próprias forças e as teorias de todos os diálogos. Realizam heroicos esforços para se elevar à altura das tarefas gigantescas, de envergadura universal que a história lhes impõe (...).[21]

Logo, é a combinação entre luta concreta e conhecimentos profundos sobre os assuntos fundamentais para a luta revolucionária – como economia, política, história, filosofia etc. – que formam a consciência de classe. Assim se combinam espontaneidade e consciência, ação espontânea das massas com a organização política.

A organização política, por sua vez, se dá com as parcelas conscientes das classes e das forças sociais, pois a participação efetiva se trata de uma opção individual. Esta opção ainda não pode acontecer no nível da espontaneidade, pois as massas e os sujeitos em particular ainda não possuem o alcance da visão de todas as tarefas que a revolução demandará.

O elemento do desenvolvimento da consciência na força social em movimento, que suscitou tanta polêmica no início do século passado entre os dirigentes revolucionários, parece ter sido resolvido, em parte, por Marx e Engels em 1845, em *A ideologia alemã*. Para eles, a consciência passa por dois estágios: consciência em si e consciência para si. "A consciência, naturalmente, começa por ser apenas consciência acerca do ambiente sensível *mais imediato* e consciência da conexão limitada com outras pessoas e coisas fora do indivíduo que se vai tornando consciente de si (...)".[22] É aquilo que outros chamam de "senso comum". Esta percepção é fundamental para despertar a consciência reivindicatória, que se dá quando a

---

[21] LENIN, V. I. *Jornadas revolucionárias*. Argentina: Distribuidora Baires, 1974, p. 12-13.

[22] MARX, Karl-ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 44.

coletividade unifica os seus interesses e passa a buscar formas de resolvê-los em si mesmos, desarticulados de outras táticas.

A consciência "para si" é quando a classe ou a força social compreende que as soluções dependem dela e que as intermediações impostas são apenas limites que impedem a realização dos objetivos. A coletividade ganha importância, mas a consciência de classe não está em cada indivíduo de forma nivelada. Cada qual tem um desenvolvimento que lhe foi possível produzir durante a história. "(...) O amadurecimento subjetivo da consciência de classe revolucionária se dá de forma desigual, depende de fatores ligados à vida e à percepção singular de cada indivíduo."[23]

A parte consciente de dentro e de fora da classe constituída por indivíduos organizados em suas categorias ou dispersos entre as massas populares, como intelectuais ou lideranças de movimentos que já possuem a posição de classe proletária, descobre as suas limitações, e com isso surge a necessidade de criar instrumentos para enfrentar os novos desafios impostos pelas forças da contrarrevolução.

A espontaneidade não cessa nem mesmo durante o processo revolucionário, devido aos amplos setores que vão se agregando ao movimento da revolução e pelas motivações constantes produzidas no seio do próprio movimento. O fundamental é que exista sempre sintonia entre as massas e as direções.

Vivemos tempos de poucas reações populares; as massas – por diversos fatores oriundos das contradições do capital, das políticas governamentais, da alienação ideológica por parte dos meios de comunicação e do fetiche do mercado, entre outros – persistem em estado de passividade para as lutas de transformação.

O estado de passividade das massas ocorre por inumeráveis fatores, isto porque ele é real e se constitui pelo não movimento a favor das forças rumo à revolução. Os movimentos de ascenso, por sua vez, também são reais e objetivos, pois dependem do

---

[23] IASI, Mauro Luis. *Ensaios sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 35.

estabelecimento e revigoramento das táticas, que podem a princípio ocorrer espontaneamente. Não raro, estas mesmas táticas espontâneas apontam para a necessidade da criação de novos instrumentos com novas lideranças e novas formulações programáticas. Os instrumentos existentes que comandaram as diretrizes táticas no período anterior são colocados à prova, e os que se atualizam reformulam-se e seguem; os demais tendem a perder a importância e, embora continuem existindo, já não preocupam a ordem dominante. Isto ocorre também com os instrumentos novos que ao nascerem repetem o perfil dos velhos. Assim, ao não conseguirem ultrapassar os limites dos entraves anteriores, igualam-se ao senso comum da política de definições e métodos e, sem aceitação, não progridem.

A FORMAÇÃO DOS QUADROS

Um processo revolucionário é constituído de diferentes tarefas, o que obriga a encontrar executores para cada uma delas. A organização política da parte consciente das forças revolucionárias deve buscar, a partir dos planos táticos e estratégicos, implementar um programa que fortaleça o acúmulo de forças e imponha derrotas às forças contrarrevolucionárias.

O acúmulo de forças se estrutura pelo menos sobre três aspectos interligados: a mobilização das massas, a organização das forças e a elevação do nível de consciência das massas e dos quadros.

As mobilizações, sejam de motivação espontânea ou articuladas pelos instrumentos organizados, são as mediações fundamentais para estabelecer os embates com as forças opostas à revolução. No ascenso do movimento das massas, as mobilizações ocorrem diariamente, mas no período de descenso são mais esparsas, respeitam calendários aguardando as datas previstas com antecedência, conhecidas como "jornadas de lutas", exigindo empenho e investimento de muitas energias por parte das forças conscientes para organizarem as ações particulares. Mas, pela experiência, sabemos que este tipo de mobilização por si só não vai além dos protestos, e estes, após um período de enfrentamentos sem vitó-

rias, levam as massas ao cansaço e ao desânimo, fazendo com que elas se recolham à espera de outra oportunidade em que possam vislumbrar a possibilidade de alcançar algum ganho concreto. É fundamental, então, buscar maneiras de organizar estas forças dando a elas tarefas que lhes sejam próprias e que as mantenham em atividade permanente, ainda que específicas ao seu meio, para não perderem as referências organizativas já criadas.

Por este viés é possível perceber o papel das forças e a natureza das lutas nos períodos de ascenso e de descenso das lutas. Nos períodos de descenso, em que as mobilizações se tornam mais esparsas e desarticuladas umas das outras, as forças conscientes e os instrumentos existentes dedicam-se, enquanto esperam pelo ascenso generalizado, a contabilizar perdas, em organizar pequenas reuniões, a realizar debates com pequenas plateias, a escrever e a divulgar ideias para poucos leitores, a organizar cursos de formação restritos a círculos já conhecidos e a realizar mobilizações para alcançar pequenas conquistas ou para manter conquistas anteriores ameaçadas pelo poder hegemônico. Nos períodos de ascenso, tendo em vista que as tarefas de enfrentamento se dão mais facilmente pelas ações das massas com poucos líderes, o papel dos quadros e dos instrumentos organizativos é cuidar das tarefas conspirativas que as massas não conseguem cumprir. Nestes, há maior disponibilidade da militância e as tarefas se tornam mais atrativas. A todo instante surgem notícias de ações imprevistas e de vitórias significativas que, visivelmente, trazem o acúmulo de forças.

Podemos tomar como exemplo a Revoluções Russa e a Revolução Chinesa. Na primeira, no período de ascenso, desde a revolução de 1905, as forças populares foram convocadas a integrarem os conselhos – conhecidos como sovietes – na constituição de um poder paralelo ao poder oficial antes do triunfo da Revolução. Embora os Sovietes cumprissem tarefas do Estado, não se confundiam com ele; ao contrário, o tinham como inimigo e, por isso, motivavam as massas a se empenharem para o triunfo da revolução.

Na Revolução Chinesa o processo motivado pela "Grande Marcha", realizada desde 1934 a 1936 – tendo em seu auge pelo menos 100 mil soldados percorrendo, do Sul ao Norte do país, cerca de 10 mil quilômetros, por onde passou –, antecipou a tomada do poder através do controle de territórios pelas forças revolucionárias integradas ao Exército Vermelho e ao Partido Comunista Chinês. Ao longo das regiões liberadas, e nos 13 anos de lutas posteriores à marcha, até o triunfo da revolução em outubro de 1949, o poder local foi de fundamental importância para a estratégia do acúmulo de forças. Através da organização dos governos distritais com administradores e força militar própria, conhecida como "Guarda Vermelha", os dirigentes do partido, integrados ao poder local, cuidavam da formação da consciência e colaboravam no planejamento das tarefas que incluíam fundamentalmente as massas locais.

Há exemplos opostos a estes, em todas as partes da América Latina, nos quais as massas mobilizadas não assumiram tarefas específicas. Na década de 1980, tivemos a luta pelo fim da ditadura militar, a instalação de assembleias nacionais constituintes e eleições diretas para presidente da República em diversos países. As massas foram às ruas e apoiaram os partidos, mas não constituíram uma estrutura orgânica de pressão e de poder popular permanente. Concluída a elaboração das constituições e estabelecidos os processos eleitorais, coube às massas participar de comícios e votar em seus representantes. Com o movimento desfeito e disperso, sem ter um programa estratégico para realizar, o acúmulo de forças não se concretizou, e as massas tornaram-se reféns dos limites do programa anterior, que não visava transformações profundas, apenas queria democratizar espaços de participação na ordem do capital.

A partir da década de 1990, em vários países de nosso continente, houve reações massivas pela mudança de modelo econômico. Sem ter claro o que colocar no lugar do modelo neoliberal, muitos países não foram além das vitórias eleitorais: isso ocorreu na Venezuela, Equador, Bolívia, Brasil, Uruguai, Paraguai, El Salvador e Nicarágua; mas há poucas evidências de que as massas constituíram, nesses paí-

ses, estruturas organizativas para aprofundar as mudanças anteriormente motivadas pelas lutas e reinvindicações. Tampouco pode se perceber avanços na elaboração, assimilação ou valorização da teoria do materialismo histórico dialético, como forma de conhecimento necessário para lutar pela emancipação humana.

Nos períodos de ascenso da luta de classes, com intensa participação das massas, o próprio movimento destaca indivíduos que se tornam lideranças e, posteriormente, através do estudo e da integração em círculos de direção, tornam-se quadros. Este movimento também aponta e multiplica as tarefas de mobilização, organização, planejamento, propaganda, agitação e formação da consciência.

Embora nesses períodos não se possa diferenciar a natureza das tarefas, pois todas cumprem a função de acumular força contra a ordem dominante, os quadros, como sujeitos mais preparados, assumem as tarefas de comando, coordenação e aquelas que exigem maior capacidade de seguir a linha estratégica sem se perderem em desvios. Os quadros constituem, por assim dizer, o corpo de liderança que aglutina e influencia a reação das massas em torno do cumprimento das tarefas estabelecidas. O quadro é uma exigência do movimento da revolução; ele cobra o empenho da organização política na multiplicação de milhares e milhões de indivíduos conscientes para agarrarem todas as tarefas que surgem diariamente.

Além de os quadros atuarem orientados por um programa político – que é a formulação clara daquilo que a organização política pretende alcançar –, há ainda a preocupação com os princípios políticos, organizativos e metodológicos que estabelecem o perfil prático do ser de toda a militância. Estes princípios se tornam características e valores, como disciplina consciente, companheirismo, lealdade, compromisso, honestidade, solidariedade etc.

Estes e outros elementos permitem que os quadros verifiquem a cada instante se a sua competência política está respondendo a todos os desafios implicados e quais são as deficiências que precisam ser superadas.

Os princípios organizativos, como direção coletiva, democracia participativa, distribuição de tarefas, prestação de contas dos gastos etc., se desenvolvem à medida que são executadas as tarefas planejadas. As tarefas dos quadros e das massas, cada qual com suas responsabilidades, desempenham um papel fundamental para o fortalecimento da organização; elas abrem caminhos que estavam obstruídos e, ao abri-los, impõem novas tarefas. Há tarefas defensivas e ofensivas. As tarefas defensivas visam preservar e defender o que se conquistou; as ofensivas buscam abrir novas frentes de confronto com as forças dominantes. Para cada referência necessita-se de meios e métodos adequados. Nada existe sem conteúdo e forma, e, na dinamicidade da luta de classes, tanto o conteúdo quanto a forma precisam de acertos e alterações constantes, de acordo com o movimento das contradições. Na medida em que muda a qualidade do momento político, muda também a natureza das tarefas e, principalmente, a qualidade da organização.

As massas possuem habilidades diversas e infinitas, mas precisam ser educadas para certos ofícios. Educa-se pela luta, pela convivência, pela cooperação, pela prática da solidariedade e pela escola. As salas de aula, inicialmente, cumprem o papel de universalizar o conhecimento básico que a humanidade elaborou, mas deve ir além e motivar a juventude a se embrenhar nas pesquisas para responder aos dilemas criados pelo avanço das contradições na luta de classes.

As civilizações desenvolveram-se estruturando mediações postas à disposição das gerações futuras. Conforme Antonio Gramsci: "A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais em diversos níveis".[24] Estes intelectuais, para as forças dominantes, devem cumprir as tarefas da ordem estabelecida; do ponto de vista revolucionário, a escola deve ser vista como um instrumento que auxilia no processo de formação e capacitação dos sujeitos da revolução.

---

[24] GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. V. 2. Ed. cit., p. 18.

Os processos latino-americanos

Os atuais processos de luta existentes em vários países latino-americanos, como os processos de "refundação das repúblicas" na Venezuela e na Bolívia, nos ajudam a compreender a importância de continuar mobilizando as massas e utilizando o controle do poder político do Estado, mas também colocam o alerta da necessidade de se avançar nas formas organizativas que respondam aos desafios impostos pela reestruturação do capital, que levou à "desclassificação" das pessoas de suas categorias tradicionais, – anteriormente identificadas por suas profissões (operários, comerciários, bancários etc.) e que hoje, por conta da reestruturação produtiva, engrossam as fileiras das massas populares. Além disso, os grandes contingentes de massas concentrados nas grandes metrópoles e centros urbanos necessitam saber quais são suas tarefas políticas para compreenderem também quais são as suas funções sociais. Não se trata de desqualificar a classe, mas, sim, de fazer com que se some a ela, agora, não mais pela possibilidade da identidade profissional, mas pela posição de classe que articula as coletividades para o cumprimento das mesmas funções políticas locais e continentais.

As experiências históricas nos indicam que os processos de transformação social de qualquer natureza, independentemente das fronteiras geográficas entre os países, se configuram por ondas. Podemos notar isso nas independências, quando, em pouco mais de uma década (1810-1824), os países da América Latina e o Brasil conquistaram a emancipação do colonialismo. O inverso também pode ser verdadeiro: basta lembrar a onda de golpes militares que surpreendeu diversos países na América Latina, tendo o primeiro se originado na Guatemala, em 1954, passando por outros, e se encerrando no Chile em 1973.

Com a derrota das ditaduras, vieram as lutas populares e sindicais, e o acúmulo de forças se deu por dentro da legalidade e da institucionalidade. A onda eleitoral, a partir da década de 1990, desencadeada no confronto com os modelos neoliberais levou as forças progressistas ao governo em diversos países da América

Latina. Mas, embora a vontade das massas tivesse apontado para as mudanças estruturais do modelo econômico, político e social, elas não ocorreram.

De alguma forma, apesar da correlação de forças desfavorável para os movimentos sociais e organizações políticas, somado com os limites dos programas, nem todas as forças que chegaram ao governo seguiram na mesma direção, como analisa João Pedro Stedile ao visualizar a conformação de três projetos de naturezas distintas em andamento na América Latina:

1) Quando as forças populares não conseguem alterar a correlação de forças, continua em vigor o projeto de dependência total aos interesses do imperialismo norte-americano. A referência para definir esta alternativa é a Colômbia, pois ali o imperialismo controla as forças políticas locais e busca, através da intervenção direta, manter o controle do território nacional e ameaçar os seus vizinhos. Através dessa política, as empresas imperialistas se apropriam das fontes energéticas e das reservas naturais, como a água doce, as florestas e a biodiversidade.

2) A segunda alternativa procura a integração latino-americana através do desenvolvimentismo sem romper com o império, com a ordem e com a dominação do capital, fortalecendo os Estados e empresas nacionais com a participação do capital internacional. Ao mesmo tempo que articula o crescimento econômico, procura conter os movimentos sociais com políticas assistenciais aos mais pobres e com o cerceamento jurídico e institucional aos movimentos sociais organizados. O Brasil lidera este projeto, atraindo para o seu campo países como Paraguai, Uruguai e Argentina.

3)Uma terceira alternativa se materializa no projeto da Alba que visa a integração dos países através dos governos e da solidariedade entre as forças políticas e populares com um caráter anticapitalista e anti-imperialista. Lideram este projeto a Venezuela e a Bolívia.

O que chama a atenção é que o imperialismo norte-americano tem se comportado como um carrasco precavido, pois, nos países onde não há interesse de choque direto, comporta-se amavelmente

com negociações e diálogo contido; onde percebe que pode interromper os avanços, ou atacar de forma violenta, age sem se importar com as opiniões externas, como foi o caso do golpe militar realizado em Honduras em julho de 2009 e com o acordo para instalar sete bases militares na Colômbia, com o intuito de provocar conflitos contra a Venezuela e frear a Alba a partir de 2010.

Acima de tudo, é importante acreditar na possibilidade das mudanças. Como destacou o operário russo-alemão Joseph Dietzgen, na carta que escreveu a Marx parabenizando-o pela contribuição teórica dada ao movimento operário: "Pensar significa desenvolver o geral a partir do que é dado pelos sentidos, do particular".[25] Este deve ser o esforço: a partir do estudo, notar que cada um vive em suas particularidades, com forças de diferentes naturezas organizadas ou não em toda a América Latina, mas que o geral deve ser o horizonte da unidade da grande pátria socialista construída no embate das contradições, através das iniciativas revolucionárias particulares em cada país. Muitas referências históricas e atuais serão citadas como argumentos comprovadores de que as circunstâncias fazem os homens e os homens fazem as organizações para aproveitar as circunstâncias que os fazem.

Estamos vivendo uma época em que as inovações do capital não permitem imitações ou suposições de formas organizativas para enfrentá-lo. O momento presente exige capacidade criativa para descobrir quais são os sinais antecipados do que poderá ser o futuro e, com isso, buscar a formulação de mediações que possam ligar o sujeito político ao objetivo histórico a ser alcançado. Propor o previsível é disputar as exigências oferecidas pela conjuntura do possível, na qual os diferentes sujeitos passivos, com idêntica natureza e substância, sofrem da mesma ironia que os conduz à mesma entrada para despencarem na vala comum da ineficácia propositiva e a desfilarem nos porões da história como instrumentos ineficazes para a luta de classes.

---

[25] MARX, Karl. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 203.

Este livro, além de retomar os ensinamentos da teoria histórica que orientou e foi orientada pela luta revolucionária em vários lugares do mundo, no século passado, pretende não só reafirmar a importância dos instrumentos organizativos como mediação necessária para conduzir as forças revolucionárias ao poder, como também alertar para a importância da criatividade e da inovação das formas organizativas e dos conteúdos programáticos de acordo com as circunstâncias apresentadas em cada momento histórico. Neste sentido, os períodos de descenso e ascenso passam a ser vistos como as descidas e subidas na estrada pela qual viajamos; elas somente intimidam se o meio de transporte que usamos não estiver qualificado para enfrentar o trajeto pretendido.

Sem dúvida, qualquer mudança social depende da força humana. Esta precisa estar preparada e consciente para realizar as mudanças sem cometer equívocos. Há um pensamento de Sartre que nos chama a atenção: "O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós fazemos com o que os outros fizeram de nós".[26] Assim se coloca a questão para os sujeitos revolucionários iniciarem e continuarem a construção do próprio destino.

---

[26] Disponível em: http://www.pensador.info/autor/Jean-Paul_Sartre Acesso em: 18/9/2010.

A organização política da classe trabalhadora

Hoje, um dos grandes dilemas para discutir e organizar a luta de classes diz respeito à validade das formas organizativas criadas historicamente para conduzirem as lutas sociais, sindicais e revolucionárias. Com o movimento de desenvolvimento das forças produtivas, durante o último período, não houve a extinção da estrutura das classes sociais, mas, sim, o deslocamento ou uma mudança na composição das categorias e das forças sociais que principiaram suas definições, mais claramente, a partir da Revolução Industrial no século 18 na Europa. Nas potentes categorias proletárias e em suas entidades sindicais se processavam as lutas entre o capital e o trabalho, através do uso costumeiro de táticas como greves, sabotagens, mobilizações e também enfrentamentos armados, nas fábricas e locais de trabalho urbanos.

Agravara-se também, com o avanço tecnológico e a implantação do modelo de agricultura comercial, o esvaziamento populacional do campo, transferindo para as cidades os grandes contingentes de massas dos camponeses, enfraquecendo suas estruturas organizativas

Sem colocar unilateralmente o peso sobre a base econômica como responsável por todas as contradições atuais – pois como disse Engels: "O desenvolvimento político, jurídico, religioso, literário, artístico etc. se funda no desenvolvimento econômico. Mas estes elementos interagem entre si e reatuam também sobre a base econômica.", influindo no comportamento ideológico e organizativo das forças"[27] – podemos afirmar que vivemos, já há algumas décadas, uma profunda mudança, jamais vista na história da humanidade, na base da infraestrutura produtiva.

---

[27] "F. Engels a H. Starkenburg" *In:* MARX, K. ENGELS, F. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos.* São Paulo; Expressão Popular, 2010, p. 104-105.

As mudanças estruturais perpassam a base econômica, produtiva, através da centralização do capital, introduzindo novas tecnologias que permitem acelerar a produtividade de novas mercadorias, exaurindo ainda mais as riquezas naturais, desorganizando o mundo clássico do trabalho e trazendo como consequência a dispersão e o enfraquecimento da organização de categorias de trabalhadores que tinham, através de seus instrumentos e com lutas constantes, capacidade de fazer frente ao capital na luta de classes para reverter a correlação de forças desfavorável aos trabalhadores.

Diante disso, é importante interrogar se a instituição partidária, tal qual como conhecemos, foi e será válida para todo o sempre. Os sindicatos, grêmios estudantis, associações de moradores e movimentos sociais de natureza reivindicatória, em tempos de enfraquecimento das lutas por reformas, são formas de organização ainda importantes para a transformação social? Para compreendermos estes dilemas e para que possamos enfrentar os desafios de nosso tempo, faremos um apanhado histórico numa tentativa de atualizar o debate, procurando revelar, fundamentalmente neste capítulo, como as forças revolucionárias, em momentos de estagnação dos processos revolucionários, principalmente no século 20, recriaram as táticas revigorando assim as energias das forças em movimento.

Origens da organização política

Data do século 3 a.C. o referencial de transformação no âmbito da política. Com as frequentes guerras desencadeadas contra as cidades gregas pelo império macedônico, a *pólis* deixa de existir como centro político, tendo em vista que, a partir da expedição de Alexandre Magno – Rei da Macedônia (334-323) –, a Grécia passou a ser definitivamente dominada por outros povos, deixando de ser o lugar da produção teórica e do exemplo de organização social estruturada através da Cidade-Estado.[28]

[28] Para os gregos a *pólis* era tudo. Um cidadão grego vivia na cidade e para a cidade. Representava o valor maior da existência pessoal. Era na *pólis* que ele se sentia livre de todos os tipos de ameaças. Em particular, cada *pólis* se bastava a si própria, tanto assim

Com o fim da *pólis* como lugar de referência política, desaparece o que os gregos conheciam como "virtudes civis", e assim as funções públicas passam a ser vistas como profissão, e o administrador torna-se um funcionário público. Na esfera social deixa de existir o cidadão, para dar lugar ao indivíduo desinteressado, avesso ao trato com a política. A busca da felicidade passa a ser uma luta individual, pois a coletividade perdera a importância.

A dominação macedônica, superada pelo império romano, a partir do último quarto do século 1 a.C. teve como referência um Estado provocador de guerras. O período histórico era de início da crise do império romano e da longa transição para o modo de produção feudal, que irá se concretizar por volta do século 4 d.C. O imperador era a autoridade maior e tinha como instrumento principal, para assegurar a ordem e expandir os seus domínios, exércitos profissionais, bem treinados.

A era cristã veio marcada, em seus primeiros séculos, por guerras intensas entre os povos. Até o ano 117, o império romano continuou avançando e se estendeu até a Índia. O cristianismo, apesar de fortemente perseguido pela intensa militância de pequenos grupos, representava uma nova forma de resistência coletiva e se impôs também como um novo pensamento político; a filosofia será assimilada pela teologia que estabelece o dever do homem com Deus, acima das obrigações com o Estado.

A inovação político-organizativa dos cristãos se deu através da formação de pequenas comunidades nas quais instituíam sua própria ordem e normas morais. Contestavam o império e suas decisões e normas, como a de prestar culto ao imperador – que, desde o ano 27 a.C. quando se oficializou o império romano, acrescentava ao seu nome a extensão "Augusto", que queria dizer "sagrado", e, como tal, detinha todos os poderes. Contestavam também as orientações do Estado, que era altamente centralizador

---

que um cidadão fora de sua cidade natal era considerado estrangeiro, não podia sequer obter propriedade em outra.

e preservado por um potente exército bem formado para oprimir os cidadãos, controlados por rígidas leis e pesados impostos.

Devido à extensão cada vez maior do império, o descontrole tornou-se evidente. Durante o século 3, além das rebeliões generalizadas, provocadas por uma significativa crise econômica, faltou mão de obra escrava e a própria nobreza começou a se retirar para os campos, onde organizou vilas e passou a dominar grandes propriedades de terra.

A crise econômica se transformou também em crise moral do império, fato que favoreceu os cristãos que agiam inversamente às práticas autoritárias do Estado, que, além de nada oferecer, cobrava pesados tributos de todos. A tensão entre os poderes se estendeu até o ano 313, quando o imperador Constantino deu liberdade de culto aos cristãos e transformou o cristianismo na religião oficial do Estado, tendo o papa como representante divino e o imperador como representante do poder terreno.

A decadência se estendeu até o ano 476, quando se processou a invasão dos bárbaros e o imperador Rômulo foi deposto, e com isso o império deixa de existir. Em meio às profundas mudanças estruturais, a Igreja é a única instituição que não foi abalada em sua referência moral; ao contrário, teve a sua força política e moral ainda mais reconhecida. O fim do império deu lugar à formação de pequenos reinos que eram ligados entre si apenas pela força da igreja católica, que aproveitou e também constituiu os seus.

O pensamento de Santo Agostinho (354-430) – que defendia a ideia de que o Estado, por ter os seus objetivos temporários, devia estar sempre subordinado à Igreja e se ocupar em vigiar e controlar o povo para evitar que este cometesse erros – influenciou profundamente o pensamento político da Idade Média. São Tomás de Aquino (1225-1274), influenciado pelas ideias anteriores, escreveu o livro *Do governo dos príncipes*, buscando orientar Hugo II sobre a origem do reino e o que competia ao rei segundo a autoridade divina. Defendeu a monarquia e alertou sobre os riscos da tirania.

Nicolau Maquiavel desde o início do século 16, conhecedor de todo o pensamento político anterior, começa a refletir e elaborar sobre a situação do Estado e as formas de governo. Ele havia se dado conta de que a humanidade evoluíra teorias tanto nos aspectos econômicos e tecnológicos quanto no pensamento filosófico, o que não estava ocorrendo com a política. No caso da Itália, em especial, a divisão dos pequenos Estados caminhava na contramão do restante das mudanças universais. Era necessário desapegar-se de certos preceitos do passado, fundamentalmente os religiosos, e atuar com decisão para estabelecer uma nova ordem, tendo na estrutura centralizada do Estado a principal referência para assegurar o poder.

Maquiavel era profundo conhecedor dos dilemas do feudalismo e de sua prolongada crise, que se estendia já havia dois séculos (14 e 15). Percebeu a combinação de uma soma de fatores que apontavam para profundas transformações universais como o avanço das navegações, que expandiam o comércio e punham em ascensão a burguesia comercial; a revolução intelectual proporcionada pelo Humanismo[29] e pelo Renascimento[30] faziam com que a razão se sobrepusesse à fé; essa inversão, por sua vez, abalava a autoridade política da Igreja e da nobreza feudal atacada também pelas ideias de Martinho Lutero, voz insurgente em defesa da Reforma Protestante, na Alemanha, em 1517. Na verdade, Lutero apenas expressava o que já se configurava em um movimento de protesto às práticas e aos princípios religiosos que freavam moralmente as profundas mudanças estruturais econômicas e

---

29 O Humanismo foi um movimento de intelectuais iniciado no século 14 que reuniu obras de autores antigos que, sem pretender voltar ao passado, passaram a valorizar a cultura greco-romana. O Humanismo influiu na mudança dos métodos de ensino, fundamentalmente no aprendizado das línguas grega e latina, gerando uma renovação cultural que desembocou no surgimento do Renascimento.

30 O Renascimento foi a expressão do Humanismo nas artes, filosofia, letras, música e ciências, mais fortemente entre 1490 e 1560. Aproveitando o avanço do comércio, a burguesia "capitalizada" buscou se firmar na sociedade através de seus próprios valores, contestando os valores da Igreja e da nobreza feudal. A própria política absolutista de centralização monárquica aproveitou-se da arte, das letras e da ciência para atrair adeptos às suas ideias.

políticas em andamento com o avanço das forças produtivas e o crescimento do comércio e das cidades. Embora a Igreja resistisse com a Contrarreforma, projetada na reunião do Concílio de Trento (1545-1563), não conseguiu evitar a sua própria divisão.

Surge como inovação no campo do conhecimento o que se chamou "ciência experimental", que buscava não mais simplesmente classificar os fenômenos, mas, sim, explicá-los racionalmente. Para estabelecer esta ruptura com a concepção religiosa entraram em cena, na Inglaterra, Francis Bacon (1561-1626), propondo o método indutivo (que sustenta como ponto de partida os aspectos singulares para se chegar a uma verdade universal); na França, René Descartes (1596-1650) com seu *Discurso sobre o método*, que consiste em começar com verdades simples e evidentes e seguir até chegar a conclusões profundas. Para ele, somente era verdadeiro aquilo que a razão podia compreender e que fosse passível de comprovação, numa clara rejeição à metafísica. Mais adiante, na Inglaterra, Isaac Newton (1642-1717), primeiro com o livro *Princípios matemáticos de uma filosofia da natureza*, demonstrou que as leis físicas aplicáveis na Terra também poderiam ser aplicadas ao universo. Sendo assim, o século 17 passou a ser visto como um laboratório de descobertas e aprofundamentos científicos em diversas áreas e em todas as partes da Europa.

As profundas tensões no campo do conhecimento que se apresentavam como verdadeiras luzes para o futuro fizeram surgir, nos diferentes países, intelectuais preocupados com as questões políticas e sociais. Na Inglaterra, John Locke (1632-1704); na França, Montesquieu (1689-1755), Voltaire (1694-1778) e Rousseau (1712-1778) empenharam-se a pensar o tipo de Estado necessário e o contrato social a ser estabelecido entre governo e sociedade, tendo a burguesia como força dirigente do processo de mudanças.

Influenciados pelas ideias de René Descartes, os pensadores do século 18 promovem a grande revolução teórica, mantendo os princípios básicos do método como referência. Para o novo momento, as ideias da antiguidade e o catolicismo foram relegados,

e também foram rejeitadas as velhas instituições sociais. A lógica desta compreensão era de que, se o universo estava em constante movimento e desenvolvendo-se rumo a um estágio superior, tais ideias não alcançariam essas possibilidades de mudanças. Para a burguesia, era fundamental remover os empecilhos da superestrutura do poder do Estado feudal. O movimento conhecido como Iluminismo[31] é que fornecerá as bases do pensamento para a burguesia fundamentar as mudanças que pretendia, cuja essência era derrotar as monarquias absolutistas.

O filósofo que mais encarnou o espírito do século 18 foi o francês François Marie Arouet (mais conhecido pelo pseudônimo de Voltaire), que, preocupado com as instituições oficiais de poder do Estado, possivelmente tenha sido o formulador do conceito de "partido". Nascido em Paris em 21 de novembro de 1694, teve sua vida literária e política ligada ao abade de Châteauneuf. Seu estilo crítico e irônico de escrever o levou à prisão em 1717 por ter satirizado o duque de Orléans".[32] Esteve exilado na Inglaterra e lá conheceu as ideias de John Locke. Publicou cartas filosóficas e dedicou-se, entre tantas outras coisas, a estudar a física de Newton.

Até aquele momento, embora já estivessem se desenvolvendo os germes do Estado Moderno, apesar da dominação da forte tradição feudal monarquista, os burgueses ainda não tinham claro que o poder político devesse estar ligado a um instrumento político partidário ou a qualquer forma semelhante. O poder era monárquico, absoluto, por descendência divina. Mesmo na Inglaterra, palco de várias lutas constitucionalistas, como a Revolução Democrática de 1648 dirigida pelo general Oliver Cromwel, a questão do partido,

---

31 O século 18, também chamado de "Século das Luzes", foi um período em que se aprofundaram as críticas ao Antigo Regime (predominou nele o capitalismo comercial, o absolutismo, o sistema colonial) no qual se propuseram novas formas de organização social, política e econômica. O iluminismo inspirou posteriormente o surgimento do nacionalismo e do socialismo.

32 VOLTAIRE, *Os pensadores,* Trad. Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 3.

como organização, não teve grande importância, o que podemos verificar em Arinos quando cita Thomas Erskine May:

> As divisões, as conspirações e as guerras civis que perturbaram a Inglaterra até uma fase bastante avançada do século XVI não devem ser confundidas com o desenvolvimento dos partidos... Não poderíamos tampouco descobrir a origem dos partidos naquelas lutas antigas que sustentaram contra a Coroa ora os nobres, ora o povo e às quais devemos muitas das nossas mais preciosas liberdades.[33]

Os instrumentos políticos organizativos tinham pouca importância. As consciências estavam tomadas pelo referencial pessoal de um líder, que era sustentado no poder pela força militar. As poucas iniciativas que se formavam como referência organizativa "partidária" eram conhecidas como facções. Vistas de modo pejorativo, elas não podiam ser tomadas como referências políticas. Voltaire então escreveu resumidamente na *Enciclopédia*: "A palavra partido não é, em si, repulsiva; a palavra 'facção' sempre é".[34]

Para compreendermos o significado da palavra "partido" recorremos ao verbo latino *partire*, que significa dividir, separar. A palavra antecessora, que tinha conotação parecida, era *seita*, que significa *separar*. "Partido transmitia basicamente a ideia de parte, e parte não é em si uma palavra depreciativa: é um construto analítico."[35]

Segundo Sartori,

> (...) quando 'parte' se torna 'partido' temos, então, uma palavra sujeita a duas influências semânticas: a derivação de *partire*: dividir, de um lado, e a associação com tomar parte, e portanto, com participação, do outro. Esta última é na verdade mais forte do que a primeira derivação. Devemos observar, porém, uma complicação, enquanto 'partido' entrava no vocabulário da política, 'seita' saía dele. Durante o século 17, esta última passou a ligar-se à religião, e especialmente ao sectarismo protestante...[36]

---

33 FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1980, p. 11.

34 SARTORI, Giovani. *Partidos e sistemas partidários*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 23.

35 *Idem*, p. 24.

36 *Idem*, p. 24.

O partido era a nova proposição necessária para superar as entidades políticas anteriores; aos poucos foi ganhando forma não apenas no sentido de estruturação orgânica na sociedade, mas, acima de tudo, a palavra ganhou o significado de "associação" da parte consciente, das pessoas conscientes, com programa, princípios e métodos de ação, tendo em vista a tomada do poder e a administração da estrutura do Estado moderno. Diferenciou-se assim da palavra "facção", usada anteriormente para definir o instrumento organizativo. Enquanto a facção significava "parte contra o todo", o partido passou a representar "parte do todo" e a favor dele, ou seja, a função do partido organizado com uma parte da sociedade é ser uma organização ligada a ela com o dever de defender os interesses da maioria a favor da maioria.

Maquiavel se referiu ao tema sem vincular a ideia de se fazer política através do partido político; para ele, tudo girava em torno do príncipe como autoridade maior. Quatro séculos depois, das palavras de Antonio Gramsci podemos extrair o entendimento que se forjou a partir das ideias maquiavelianas iniciais:

> O moderno príncipe, o mito-príncipe, não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto; só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha se iniciado a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e fundamentada parcialmente na ação. Este organismo já é determinado pelo desenvolvimento histórico, é o partido político: a primeira célula na qual se aglomeram germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais (...).[37]

Ou seja, o Estado moderno previsto por Maquiavel necessitava da autoridade do príncipe com capacidade agregadora.

> O partido, como sabemos – diz Sartori – é um nome novo para uma coisa nova, e o nome é novo porque a coisa é nova. A palavra não foi usada em sentido político até o século 16, e só com Bolingbroke a questão se tornou visível. Durante todo o século 18 os partidos ainda eram considerados de um modo geral, com grande desconfiança, não só por ainda estarem conceitualmente misturados com as facções, como também porque era difícil distingui-los na

[37] GRAMSCI, Antonio. *A política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991, p. 6.

> prática concreta. Foi no século 19 que esta distinção se afirmou com clareza e os partidos passaram a ser geralmente aceitos como instrumentos legítimos e necessários do governo livre...[38]

Será com Marx e Engels que a classe trabalhadora ganhará elementos filosóficos para se organizar de forma partidária, com ideologia de classe. "Partido" então passou a significar não apenas "parte consciente", mas associação de ideias e pessoas e a organização destas. A rigor, poucas vezes encontramos escrita a palavra "partido" na elaboração dos fundamentos do comunismo científico, cuja forma primeira de organização e articulação propostas foram os "Comitês de Correspondência".

O partido no sentido associativo do termo foi colocado justamente na necessidade que um grupo social tinha de canalizar a "vontade coletiva" em benefício da maioria, pois sem este requisito jamais haveria ação organizada com capacidade de ir além das conquistas de subsistência, pois faltaria justamente o "germe" desencadeador do interesse comum. Dele se esperava sempre, e a qualquer tempo, o novo impulso qualificativo da luta de classes.

Marx e Engels, ainda jovens, foram influenciados por dois movimentos importantes: a) o igualitarismo revolucionário que teve origem na Conspiração dos Iguais, a ala esquerda dos jacobinos na Revolução Francesa, dirigida por Babeuf (1760-1797), e que posteriormente serviu como referência organizativa para a Liga dos Justos e as sociedades secretas conspirativas; b) o movimento operário cartista[39] que surge na Inglaterra devido ao elevado grau de exploração que os trabalhadores sofriam com a industrialização. A forma de ação desse movimento era a luta política, e seus objetivos foram sintetizados na Carta do Povo – proclamada em 1838 – com diversas reinvindicações democráticas, dentre elas a redução da jornada de trabalho e o direito ao voto para eleger os governantes.

---

38 SARTORI. *Op. cit.*, p. 87

39 O movimento cartista, organizado pela associação dos operários, foi estruturado entre 1837-1848 na Inglaterra para exigir melhores condições de trabalho, jornada de trabalho de oito horas diárias, regulamento para o trabalho feminino, extinção do trabalho infantil, folga semanal e salário mínimo. Também lutou pelos direitos políticos, pelo direito ao voto.

É claro que esta ideia se fundamentava no processo histórico. Leandro Konder, ao fazer a retrospectiva histórica das ideias socialistas, relata que se desencadeou na Europa, no início do século 19, um movimento operário muito forte, que visava superar a eficiência dos socialistas utópicos. Isso levou ao surgimento de novas concepções que oscilavam entre o "reformismo" de Pierre Joseph Proudhon (1809-1865) passando pelo legalista alemão Ferdinand Lassalle (1825-1864), que se interessava pela organização de sindicatos como forma pacífica de conduzir as ações, mas acirrava-se mais quando apareciam as posições do francês Auguste Blanqui (1805-1881) que acreditava nas táticas violentas, pois tinha a convicção de que a burguesia não seria desalojada do poder a não ser pela força; e fechava o espectro das ideias com o anarquista russo Mikhail Bakunin (1814-1876), que defendia que tudo deveria começar pela negação do Estado e da Igreja e que a direção do movimento deveria vir diretamente das massas, nunca de "cima para baixo".[40]

Exilado em Paris em 1844, Marx, além de manter ativa a sua elaboração teórica, dedicou-se a fazer contatos políticos. Organizou o que chamara "Comitês de Correspondência" com o objetivo de fazer o intercâmbio das ideias comunistas com os revolucionários alemães e de outros países. Em 1846 a Liga dos Justos em Londres, fundou o seu Comitê de Correspondência com militantes exilados de vários países, o que facilitou para disseminar a teoria revolucionária. A Liga havia sido criada em 1837, fruto da extinção da "Liga dos Proscritos" que funcionara apenas um ano. Esta, além dos exilados, tinha ramificações em Paris, Alemanha, Suíça, Inglaterra e outros países da Europa.

Marx inicialmente não demonstrou interesse em participar da Liga dos Justos, por ser uma sociedade secreta – por conta da ofensiva conservadora vigente na Europa – embora tivesse muita ansiedade em encontrar uma forma de organizar a classe operária e através dela fazer o embate ideológico. A sua passagem por Paris

---

40 KONDER, Leandro. *História das ideias socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2003, p. 15-16.

em 1844, quando fez contato com os operários daquela cidade, contribuiu para o avanço de suas concepções organizativas. Foi com a ajuda de Engels que, em 1846, organizou o primeiro Comitê de Correspondência Comunista em Bruxelas, na Bélgica, pois ali residiam exilados de vários países. Logo os Comitês se multiplicaram por vários países. Nas correspondências enviadas, Marx e Engels alertavam para que, no futuro, fosse criada uma organização internacional de todos os trabalhadores.

Por insistência de Engels, em 1847, Marx aceita participar da Liga, contanto que ela efetuasse três mudanças: a) na forma organizativa, passando de sociedade secreta para uma organização de propaganda; b) de lema, que até então era "Todos os homens são irmãos!", para "Proletários de todo o mundo, uni-vos"; c) do nome, para Liga dos Comunistas. A Liga dos Comunistas passaria a ter como programa político o *Manifesto do Partido Comunista*, tornando-se o embrião do que Marx e Engels pensavam ser um partido. É importante notar também que as mudanças propostas pelos dois revolucionários buscavam liquidar as influências de uma "confusa mescla de filosofia alemã e socialismo francês", em especial por discordarem das influências filosóficas dos alemães, baseadas fundamentalmente no comunismo artesanal de Weitling, um importante dirigente da Liga dos Justos.

A Liga então já cumpria a função de partido, ou seja, de associação para reunir militantes e ativistas políticos e, portanto, restava a tarefa de organizar mais firmemente nos vários países da Europa as lutas operárias, mas isto não substituiu a iniciativa de Marx de continuar organizando os Comitês de Correspondência.

A situação em toda a Europa a partir de 1848 ficou insustentável para os trabalhadores. Diante do golpe de Estado dado por Luis Napoleão Bonaparte, em dezembro de 1851 na França, e da dura repressão desencadeada contra os militantes da Liga dos Comunistas na Alemanha, com prisões e condenações de seus militantes, em maio e junho de 1851 Marx e Engels avaliaram que a Liga já havia cumprido seu papel. Na reunião de 17 de novembro de 1852, em Londres, Marx propôs a sua dissolução. Mas a ideia

do partido revolucionário continuou ainda em articulação através dos Comitês de Correspondência.

A Liga dos Comunistas não conseguiu tornar-se um partido de massas, conforme sonhavam Marx e Engels. O motivo teria sido o baixo nível ideológico de seus componentes, na sua maioria artesãos e intelectuais de diferentes pensamentos que estavam exilados.

A visão que Marx e Engels tinham sobre o partido, na época, aproximava-se da ideia de "Associação". Iniciando pelos "Comitês de Correspondências", com os trabalhadores perseguidos pelos governos e exilados na Inglaterra e em outros países, surgiu, em 5 de agosto de 1862, em um banquete dos exilados em Londres, a ideia de ir além e fundar a Associação Internacional dos Trabalhadores, como descreve Morato:

> Em 28 de setembro de 1864 trabalhadores ingleses, franceses, alemães, polacos, italianos e suíços elegeram um Comitê encarregando-o de redigir os estatutos da Associação e um Manifesto a todos os operários do mundo, convocando para um Congresso Universal (...).[41]

A ideia de "associar" todos os trabalhadores do mundo, já constava da conclusão do *Manifesto do Partido Comunista*, na palavra de ordem que encerra o documento: "Proletários de todos os países, uni-vos!

As intenções de Marx e Engels, de que a organização dos trabalhadores tivesse natureza partidária com forma associativa mundial, deviam-se ao fato de esta reunir todas as correntes de pensamento, comitês e ligas organizadas, podendo se associar pessoas e grupos organizados. Mas esta forma não produziu os frutos desejados. Em 1872, a primeira Associação foi extinta por divisões internas e por falta de unidade ideológica.

Já em 1863 Ferdinand Lassale, líder sindical alemão, havia organizado a Associação Geral dos Trabalhadores na tentativa de estabelecer a base social de uma força política que tomaria o Estado e, através dele, arrancaria os privilégios dos exploradores.

---

[41] MORATO, Juan Jose. *El partido socialista obrero*. Madrid: Editorial Ayuso, 1976, p. 13.

Um dos principais motivos do fechamento da Primeira Associação Internacional foi as divergências sobre a derrota da Comuna de Paris de 1871. Daí em diante, sobretudo com o Partido Social-Democrata Alemão, iniciou-se a formulação que via a possibilidade de se realizar a transformação pacífica da sociedade, entendendo que o avanço das forças produtivas colocaria a classe operária em melhores condições para tomar o poder. A fatalidade de um fato histórico deu argumentos para que os desvios reformistas aflorassem e delineassem o processo, ilusoriamente novo, mas que acentuava a fragilização da luta de classes.

O movimento operário alemão comandou através de seus intelectuais, principalmente Karl Kautsky e Eduard Bernstein, a vanguarda do pensamento social-democrata como estratégia para a tomada do poder, tendo as disputas eleitorais como a tática principal. Favorecia esta alternativa a grave crise econômica de 1870, causada pela superprodução de mercadorias, trazendo como consequência um alto nível de desemprego e de descontentamento dos trabalhadores, que, desesperados, se insurgiam contra os governos.

Os resultados concretos pareciam confirmar a teoria social-democrata, sendo que, em 1871, quando o partido disputou as primeiras eleições legislativas, conseguiu 3,3% dos votos, elegendo dois deputados; quatro anos depois duplicou o avanço, conquistando 6,5% dos votos e elegendo dez deputados. Em 1890, um ano após a criação da Internacional Socialista, também conhecida como Segunda Internacional, o Partido Social-Democrata Alemão alcançou a porcentagem de 19,7% dos votos, elegendo 35 deputados, ou seja, o partido demonstrava concretamente que a tática eleitoral era o caminho mais curto para levar a classe operária ao poder, pois este não apenas crescia em votos, mas também em filiações de indivíduos, confirmando que o partido de massas com a tática eleitoral era a solução.[42]

---

[42] Na sequência, a Social-Democracia Alemã, com a sua estratégia de fortalecer o partido de massas e chegar ao poder pela via pacífica, se fortalecia cada vez mais. Nas eleições parlamentares de 1912, o SPD conseguiu 34,6% dos votos, elegendo 110 deputados, e em 1919, através de uma aliança com a classe dominante, após um intenso movimento

O próprio Engels, em 1895, em um de seus últimos escritos, verifica que o sufrágio universal se constituía em um instrumento de agitação e de mobilização das massas, principalmente porque havia corretamente interpretado que o capitalismo provocava profundas mudanças estruturais nas forças produtivas, na inovação da construção das cidades, na modificação dos armamentos e das técnicas de repressão. Constatou que "A ironia da história universal põe tudo de pernas para o ar. Nós, os 'revolucionários', os subversivos, prosperamos muito melhor através dos meios legais do que pelos ilegais e pela subversão (...)"[43]

Engels foi o principal idealizador da Segunda Internacional, fundada em 1889, na tentativa de reorganizar o movimento internacional e unificá-lo mesmo com as diversas concepções existentes. Os partidos de massas e os sindicatos formavam sua base principal.

Pouco mais de duas décadas depois, em 1914, as divergências políticas relacionadas com a Primeira Guerra Mundial levaram à quebra da unidade e esta também perdeu força na construção revolucionária, embora continue existindo até hoje. Lenin, ao enxergar o esgotamento da Segunda Internacional, cria, em oposição a ela, em 1919, a Terceira Internacional, composta somente pelos partidos comunistas; Trotsky, em 1938, tendo sido alijado do processo comandado por Stalin, para fazer-lhes oposição cria a Quarta Internacional.

Tanto as internacionais como os partidos políticos, na busca de desempenhar os seus papéis na história, tornaram-se essencialmente pragmáticos, salvo aqueles poucos que, em períodos não tão longos, se mantiveram na luta revolucionária, produzindo a

---

de massas que contrariava os ideais do partido, chegou ao poder, mas a composição com as forças contrarrevolucionárias levou ao grande equívoco do partido de compor um governo com diferentes interesses, com a garantia de que a elaboração da nova Constituição, da qual participou o destacado sociólogo Max Weber, fez com que o movimento operário insurgente fosse desmobilizado.

43 NETTO, José Paulo (org.). "As lutas de classes na França (1848-1850) de Karl Marx". *In: Friedrich Engels*. São Paulo: Ática, 1981, p. 224.

própria teoria para a sua condução, mas se burocratizaram logo após a tomada do poder. Os exemplos que veremos mais adiante parecem confirmar a tese de que os partidos que nascem com uma perspectiva clara de chegar ao poder, enquanto não realizam o seu intento, progridem, teorizam e praticam as próprias contradições; os que não nascem com esta determinação e os que chegam ao poder, após tomarem para si o Estado, como instrumento, deixam-se dominar pela sua força, fazendo justamente o inverso do que deveriam fazer: em vez de enfraquecer e destruir o instrumento de dominação de classe, o fortalecem.

"Há cerca de 150 anos, os partidos se comportaram e se desenvolveram muito mais como uma prática do que como uma teoria. Por isso, entre outras coisas, a mensagem tende a se perder".[44] Ao caírem no "pragmatismo", os partidos ao longo da história seguem dois caminhos: no primeiro, retrocedem para a prática de "facções", rígidos nas formas organizativas e sectários na política de alianças com as demais forças sociais. No segundo, perdem a natureza de classe e passam de contestadores a subservientes da ordem estabelecida, com estrutura, normas e objetivos parecidos com os dos partidos da classe defensora da ordem, ou seja, equiparam-se para as disputas dentro da legalidade, na democracia restrita e na institucionalidade, visando somente a sucessão parlamentar como meio para participar da democracia burguesa.

Com isso, a natureza organizativa partidária para a transformação, nos moldes concebidos por Marx e Engels, degenerou e desviou-se do sentido original: passou a ser um potente aparelho de disputa de espaço político formal e enfraqueceu a ideia de ser um elemento "associativo" revolucionário, mantendo a referência nominal, mas descaracterizando, através da prática de táticas que se tornaram fórmulas, o aspecto de sua natureza, que é a luta pela transformação social permanente.

Quando o partido não consegue propor e conduzir as lutas pelas transformações sociais, nem tocar a parte consciente e as

---

[44] SARTORI. *Op cit.* p. 46

massas com suas propostas, regride para o terreno das facções, que, por falta de eficiência e excesso de burocratização, passam a fazer a pequena política, isolada dos interesses da maioria.

A EXPERIÊNCIA RUSSA

Em paralelo à experiência alemã e europeia, na Rússia, a partir da década de 1860, seguia-se outro caminho.

Entre os anos de 1853-1856, Nicolau I, que governava a Rússia tentando suplantar a crise interna, buscou ampliar as fronteiras de seu domínio declarando guerra contra a aliança anglo-franco-sardo (Inglaterra, França e parte da Itália, a Sardenha) na península da Crimeia, situada ao Sul da Rússia, onde hoje se localiza a Ucrânia.

Perdida a guerra, Nicolau I se deparou em seguida com uma situação de instabilidade política interna provocada pelos camponeses que exigiam o direito à terra e à liberdade como cidadãos.

Alexandre II sobe ao trono em meio a uma enorme conturbação social e convence a nobreza da necessidade da reforma com a seguinte frase: "Mais vale abolir o direito à servidão a partir de cima do que esperar que a abolição venha de baixo, sem a nossa participação". Em 1861 as mudanças são efetivadas e os servos conquistam o direito de serem cidadãos.

Com a conquista da cidadania, os camponeses passaram a ter o direito à propriedade da terra e a dispor do próprio trabalho. Influenciados por intelectuais, prosseguiram com suas lutas para exigir a renúncia do governo e efetuar a mudança de regime.

A junção das forças culmina em 1870 na formação da tendência política conhecida como "populismo", que tinha como concepção política o "economismo", fundamentado na luta econômica como fator determinante para a revolução.

Ao lado dessa tendência, surgiu a conhecida como "terrorismo", que defendia a espontaneidade das massas, isto é, elas por si, através das ações violentas, chegariam à consciência revolucionária. Ao mesmo tempo, no aspecto político, a organização defendia como tática o assassinato das autoridades como caminho para a

conquista do poder. Foi por causa de um desses atentados que Alexandre, irmão mais velho de Lenin, foi preso, julgado e enforcado em 1887. Esse fato sensibilizou profundamente Lenin e sua família; ele teria descoberto ali, com 17 anos, que era preciso encontrar outro caminho para a revolução.

Esse caminho iniciou-se em 1894 com Plekhanov, um dos primeiros marxistas russos. Devido à perseguição política, decidiu criar fora do país o grupo Emancipação do trabalho. Dois anos depois, Lenin, além de escrever uma análise intitulada "Quem são os 'amigos do povo' e como lutam contra a social-democracia?", se opôs a Plekhanov e criou dentro da Rússia o círculo União de Luta pela Emancipação da Classe Operária, que para ele era o primeiro passo para criar o partido revolucionário.

Vários grupos se fundiram com a União de Luta. Logo de início, como estratégia de comunicação, decidiram criar o jornal *A causa operária,* mas, pouco antes de imprimi-lo, Lenin e seus companheiros foram presos ao prepararem clandestinamente o primeiro número; e, no final de 1897, foram deportados para a Sibéria para cumprirem três anos de pena.

Lenin dedicou-se ali a estudar "o desenvolvimento do capitalismo na Rússia", quando, em 1898, foi surpreendido pela chegada de sua noiva, Nadejda Krupskaia, presa e deportada por ter participado, em março do mesmo ano – na pequena casa de madeira do ferroviário P. Rumiantsev com nove delegados – do congresso de fundação do Partido Operário Social-Democrata da Rússia (POSDR)"[45]

Durante o ano de 1899, Lenin, ainda preso, se dedicou a escrever um esboço do que deveria ser "O projeto de programa do nosso partido". Ao sair da prisão, em 1900, encontrou o partido profundamente dividido. As duas principais tendências – economistas e terroristas que haviam entrado para o partido – continuavam com suas concepções equivocadas.

---

[45] GOMES, Oziel. *Lenin e a revolução russa.* São Paulo: Expressão Popular, 1999, p. 44.

Diante daquela situação, Lenin decidiu que sua principal tarefa era reorganizar o partido. Como havia várias proibições a seu respeito pelos órgãos de repressão, saiu do país e, após passar por vários lugares, em Genebra, em contato com Plekhanov e juntamente com o grupo Emancipação do Trabalho, criou um jornal com o nome *Iskra* (*A centelha*), com seis diretores, sendo que Plekhanov, escolhido editor-chefe, tinha o direito a dois votos. Foi através desse jornal que convocaram o II Congresso do Partido para 1903.

Nos dois anos que antecederam o Congresso, Lenin aproveitou para escrever e contestar as ideias equivocadas das várias tendências dentro do partido. Em 1901, publicou no jornal o texto "Por onde começar?" e, em 1902, ampliou o mesmo texto e o publicou com o título *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento*.

O II Congresso começou em Bruxelas com 44 delegados com direito a voto e 14 com direito a voz, mas, poucos dias depois do início, a repressão descobriu e expulsou todos os delegados do país. Eles foram para Londres e lá concluíram o Congresso, que acabou com o partido dividido em dois: bolcheviques (maioria) e mencheviques (minoria).

Lenin expressou as causas da divisão no livro *Um passo à frente, dois atrás*. Teve que usar este recurso porque no Congresso ficou impossibilitado de permanecer na redação do jornal; pouco tempo depois foi obrigado a abandoná-lo. Os quatro pontos polêmicos no Congresso foram:

1. Partido unitário ou federado

Essa proposta era defendida pelos judeus da tendência conhecida pelo nome de "bundistas", que defendiam o direito das etnias se organizarem livremente dentro do partido. A proposta não foi aceita e os "bundistas" revoltados se retiraram do Congresso.

2. Objetivos da luta e a centralização

Os representantes do economismo eram contra a centralização e defendiam as reformas econômicas como objetivo principal. A

luta política deveria estar submetida à lógica das disputas econômicas.

3. Partido de vanguarda ou partido de massas

Lenin defendia que somente poderia se filiar quem participasse efetivamente em tempo integral do partido. Martov defendia o oposto: que os filiados poderiam também ser pessoas que apenas apoiavam o partido.

4. A eficiência do jornal

Até então, Lenin era o único representante de seu grupo na elaboração do jornal; Martov e Plekhanov tinham mais três aliados. Lenin, visando controlar o jornal, propôs que se reduzisse de seis para três o número de redatores. Foi o motivo do racha no partido. Lenin perdeu; alguns dias depois saiu da redação, na edição de número 51. Mas em seguida os bolcheviques se reuniram e decidiram criar outro jornal que se chamou *Avante!*

Em 1905 o ascenso das lutas operárias fez com que se desencadeasse a revolução. Lenin escreveu *Duas táticas da social-democracia* como forma de orientar o partido, constituindo-se, assim, em mais um belo documento da teoria da organização. Em dois anos a revolução foi derrotada e veio o descenso das lutas. Lenin então aprofundou as reflexões tanto na política quanto na filosofia e, no III Congresso, realizado em 1905, os bolcheviques retomam o controle do jornal *Iskra* que estava sob o comando dos mencheviques, e o transformam em uma publicação semanal com o nome de *O Proletário.* O jornal, feito em Paris, tinha o objetivo de animar a militância que havia sofrido um duro golpe com a derrota da revolução.

A partir de 1898 e, principalmente, de 1903, após o II Congresso do Partido, Lenin e um grupo de revolucionários russos fizeram com que a humanidade se colocasse em contato, pela primeira vez, com uma nova concepção revolucionária de partido político, com uma estrutura centralizada, com quadros

profissionais, disciplinados, com estratégia definida e com natureza classista para cumprir o papel de vanguarda de todo o povo. Para Lenin:

> Sem um partido que saiba conduzir a classe operária e o povo, através de todas as fases da luta de classes, de todos os conflitos e combates econômicos, políticos, ideológicos, à conquista do poder, jamais haverá uma revolução socialista.[46]

Logo, o caminho não era nem o economismo nem o terrorismo, nem tampouco constituir uma seita ou uma facção, mas organizar um partido que considerasse as forças sociais como sujeitos da revolução.

Lenin representa o marco divisório na concepção partidária, pois consegue articular a teoria política da organização com a prática. Para ele, o partido de quadros, bem preparados, era a "forma superior de organização". É através do partido que a classe trabalhadora tem o poder de "autodeterminar" o seu destino; e para isso precisava formular um programa, a estratégia e as táticas para chegar ao seu objetivo.

Foi através do estudo da realidade econômica, política e social da Rússia que Lenin percebeu as diferentes formas de exploração dos camponeses e a tendência da concentração da terra e das riquezas. Com o avanço da indústria e do mercado interno, os camponeses seriam rapidamente transferidos para as fileiras do proletariado e do semiproletariado, explorados pelos kulaques ou pelos grandes capitalistas.

Dessa forma, Lenin chegou à conclusão de que havia dois caminhos para o desenvolvimento do capitalismo na agricultura: o primeiro, de transformação da velha economia latifundiária para a economia capitalista, que ele chamou de via "prussiana", que se daria através da transformação lenta da realidade agrária do país, condenando, porém, os camponeses à eterna miséria. O segundo caminho era a destruição rápida do regime de servidão e principalmente da grande propriedade latifundiária que chamou de via "norte-americana". Este, no entendimento de Lenin, era o

---

[46] LENIN, V. I. *Partido proletário de novo tipo*. Lisboa: Avante, 1975, p. 16.

mais propício para acelerar as contradições e desencadear as ações para a revolução, pois entendia que, quanto mais rapidamente se desenvolvessem as forças produtivas, mais rapidamente se chegaria à transformação socialista da economia.

Foi com este estudo que Lenin despertou para a importância de se estruturar a estratégia da revolução sobre a base da aliança operária e camponesa. No prefácio à segunda edição de seu livro *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, em 1907, ele afirma: "Se tem colocado plenamente em relevo o papel dirigente do proletariado, porque a sua força no movimento histórico é incomensuravelmente maior do que a sua proporção numérica na massa total da população...".[47]

Para ele, o proletariado crescia ligeiramente tanto na indústria quanto na agricultura, e, por isso, este tenderia a assumir o papel de direção da revolução, mesmo sendo minoria, contrariando a tese da corrente oportunista internacional, que defendia que o proletariado somente poderia lutar pelo poder quando fosse a maioria na sociedade.

Podemos dizer que, na origem do pensamento leninista, com relação à organização, há a ideia de "associação", primeiro, na forma de "círculos" e, num segundo momento, na forma de "união", que era, sem dúvida, a integração das ideias com a ação operária nas fábricas. Mas a dura situação de repressão levou-o a evoluir para a concepção de um "partido" mais coeso, como destacamento de vanguarda, formado por quadros bem preparados.

Lenin fundamentou teoricamente que o partido marxista de novo tipo representava a união do socialismo científico com o movimento operário de massas. A base teórica do partido tinha como referência o marxismo adaptado à situação concreta da realidade de seu país, o que o diferenciava das formulações dos partidos social-democratas existentes nos demais países da Europa naquele período.

---

[47] LENIN, V. I. *Obras completas*, *op. cit.* T. 3, p. 13.

As circunstâncias históricas da Rússia, marcada por uma dura repressão que obrigava os membros do partido a atuarem na clandestinidade ou no exílio, fizeram com que os revolucionários levassem a concepção da organização de um partido de quadros às últimas consequências, tendo dois centros dirigentes conforme expressou o próprio Lenin:

> (...) Frente à necessidade de manter o mais rigoroso caráter conspirativo e assegurar a continuidade do movimento, poderão e deverão existir em nosso partido dois centros dirigentes: o OC (Órgão Central) e o CC (Comitê Central). O primeiro deverá dirigir ideologicamente; o segundo, prática e diretamente. A unidade de ação e a necessária identificação entre esses dois grupos deverão ser asseguradas não somente pelo programa único do partido, mas também pela composição de ambos os grupos...[48]

Para Lenin, "partido de novo tipo", diferentemente do que existia, significava uma organização de ação revolucionária que funcionasse como um todo organizado e disciplinado. Para ser membro deste partido era necessário aceitar o seu programa, apoiá-lo com meios materiais e participar pessoalmente numa das organizações de base do partido. Vemos, portanto, que o partido era a ação e não simplesmente a estrutura burocrática. A inserção era estritamente de natureza individual, com atividades definidas para cada membro. De forma alguma deveriam ser aceitas pessoas sem capacidade política de direção e ação, um contingente de pessoas "sem nome" e "sem rosto", para poder enfrentar aquelas circunstâncias perversas de repressão.

A causa da repressão – da qual também se beneficiava o partido – era o extraordinário ascenso do movimento dos trabalhadores, que, mesmo aparecendo com altos e baixos, representava forte reação popular contra a crise econômica. As forças em conflito forneciam os elementos para a elaboração das táticas e da estratégia para se chegar ao poder.

---

[48] BOGO, Ademar (org.). *Teoria da organização política*. Vol. I. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 139.

Para além da organização partidária na Rússia, duas outras formas organizativas foram desenvolvidas pela população: os sovietes e os grupos guerrilheiros.

Os sovietes surgiram a partir do ascenso revolucionário das greves operárias de 1905, quando os operários decidiram criar os seus próprios Conselhos de Representantes Operários. Posteriormente, estes Conselhos se transformam em formas organizativas populares na luta revolucionária, servindo como base organizada para os bolcheviques, os mencheviques e os socialistas revolucionários.

Os sovietes de operários, camponeses e soldados passaram a influir decisivamente na revolução de fevereiro de 1917, com a derrubada da monarquia e a instalação do governo provisório. Eles serviam tanto de referência organizativa para as massas em geral quanto de referência política para os mencheviques e bolcheviques, alas do Partido Operário Social-Democrata da Rússia – POSDR – que disputavam o espaço e a influência política nos sovietes.

Estes conselhos adquiriram tal importância que passaram de conselhos organizativos a um poder paralelo ao governo provisório e uma referência primordial para preparar a insurreição e decidir o seu rumo em seus próprios congressos.

Lenin, na reunião do Comitê Central do Partido em 3 de novembro, afirmou:

> O dia 6 de novembro será demasiado cedo. Devemos ter uma base de apoio em toda a Rússia para a insurreição; e no dia 6 ainda não terão chegado todos os delegados do Congresso... Por outro lado, dia 8 será demasiado tarde. Nessa data, o Congresso já estará organizado, e é difícil que uma grande massa organizada tome decisões rápidas e decisivas. Devemos agir no dia 7, dia da Reunião do Congresso, a fim de podermos dizer-lhe: 'Eis o poder! O que ides fazer com ele?'.[49]

Embora Lenin tivesse uma concepção clara sobre a questão da luta armada, pois acreditava que somente o povo armado poderia sustentar a luta pela libertação, não significa que o partido orga-

---

[49] REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Lisboa: Edições Avante, 1967, p. 87-88.

nizasse e controlasse todos os grupos armados que enfrentavam a polícia, soltavam presos da cadeia e desenvolviam ações guerrilheiras em todas as partes do país.

Para Lenin, todas as formas de luta e, principalmente na insurreição, todas as forças deveriam ter liberdade de ação: "A insurreição se fará, inevitavelmente, em condições tais que os elementos não organizados serão mil vezes mais numerosos que os organizados; haverá inevitavelmente casos em que será preciso atuar com precisão sobre o lugar, em dupla ou individualmente; devemos preparar-nos para atuar por nossa própria conta e risco".[50]

Desta maneira é que a Revolução Russa contribui com o alerta de que é necessário defender e organizar todas as formas de luta possível, incentivar todas as formas organizativas que envolvam as massas, podendo ser também em destacamentos de "(...) 3, 10, 30 ou mais homens. Que se armem imediatamente eles mesmos, com o que cada um possa, quem com um revólver, este com um facão, aquele com um pano embebido em querosene para provocar incêndios etc."[51]

A SOLUÇÃO CHINESA

A proclamação tardia da República na China ocorreu em 1911 (quando foi derrotada a dinastia Quing), em uma luta levada a cabo pelas organizações da burguesia, da qual participou uma parte do exército. Isso, porém, não significou que a República tivesse sido implantada de imediato, pois o país continuou dividido em feudos governados por senhores locais que tinham, além do poder econômico e político, uma força militar própria.

O Partido Nacionalista Kuomintang (Kuo-min-tang, KMT) foi fundado logo em seguida à proclamação da República, mas somente chegou ao governo através de um golpe de Estado liderado por Chiang Kai-shek em 1927, permanecendo até 1949, quan-

---

50 LENIN, V. I. "Tareas de los destacamentos del ejército revolucionário". *In: Obras militares escogidas*. Havana: Biblioteca Oficial, 1970, p. 107.

51 *Idem*, p. 99.

do a revolução popular tomou o poder e organizou a República Popular da China.[52]

Nos anos seguintes, o Kuomintang foi a força política mais avançada existente no país, sendo que a maioria da população era camponesa, submissa e controlada pelos poderes locais.

Em 1918, uma decisão tomada pela Conferência de Versalhes mudou a conjuntura política de toda a China. Uma parte do território situado no nordeste chinês, que até então era controlado pelos alemães derrotados na Primeira Guerra Mundial, foi entregue ao Japão pelas potências mundiais. Esse fato revoltou a população e os estudantes, que organizaram grandes levantes e passaram a exigir também a democratização do país.

A luta dos estudantes, organizados em associações estudantis, duramente reprimidas, ganhou apoio dos operários e comerciantes e motivou os setores mais conscientes que tinham algum contato com a teoria marxista a criarem seu próprio partido político, o que ocorreu em julho de 1921, com 13 delegados representando um total de 57 membros; assim se origina o Partido Comunista da China (PCC).

Enquanto Lenin estava vivo e tinha influência sobre a Terceira Internacional Comunista, criada em 1919, todos os movimentos e as revoluções anti-imperialistas nos países pouco desenvolvidos eram considerados parte integrante da revolução mundial, mas, a partir de janeiro de 1924, quando Lenin faleceu e Stalin ascendeu ao poder, todos os movimentos de libertação nacionais dispersos pelo mundo foram desprezados. Na China, o interesse da Internacional Comunista era apoiar o Kuomintang dirigido pela burguesia nacional. Mas o Kuomintang sofria de sérios problemas que o tinham enfraquecido ao longo dos anos, pois jamais tinha conseguido organizar um congresso. O PCC sofria

---

[52] A partir da vitória da revolução em 1949, os nacionalistas, com seu partido, fugiram para a ilha de Taiwan, onde fundaram a República Nacionalista da China. O Kuomintang governa a ilha, mesmo sem ter conquistado a independência da China Popular, desde 1970. A última vez que foi reeleito um candidato para o governo foi em 22 de março de 2008.

da mesma paralisia,[53] o que obrigou o partido, a partir de 1923, a contribuir com o Kuomintang a fim de reorganizá-lo, inclusive integrando militantes às fileiras do partido nacionalista. Em 1924, no primeiro Congresso do Kuomintang, Mao Tsé-tung e mais dois camaradas passaram a fazer parte do Comitê Central e ajudaram a elaborar as três grandes políticas: "Aliança com a Rússia; aliança com o partido comunista; ajuda aos camponeses e operários".[54] Apesar desta participação, o Partido Comunista continuou sua organização tendo seus núcleos clandestinos preservados.

Tudo estava como os dirigentes da Internacional Comunista queriam; o objetivo era realizar a revolução democrático-burguesa sob a liderança da burguesia nacional, mas, em maio de 1925, irrompem as greves operárias em Xangai e Hong Kong contra as empresas imperialistas, reunindo mais de 200 mil operários em cada uma, e estas se estendem por 16 meses. Esse levante ficou conhecido como o início da revolução e se manteve até 1927, sendo derrotado com a ajuda das forças da burguesia nacionalista que deveria apoiá-lo. Daí em diante, tanto a militância perseguida quanto as lutas massivas se deslocam para o campo, onde havia possibilidades de refúgio.

Até o início de 1927, Chiang Kai-shek preservara a aliança com os comunistas, principalmente porque recebia ajuda financeira da Rússia. Mas, tendo conseguido êxito na política de unificar o país, em 12 de março, grupos paramilitares assassinam dezenas de militantes comunistas e líderes sindicais nas manifestações de Xangai.

Após o massacre de Xangai, uma intensa disputa se estabeleceu dentro do PCC, tendo em vista que, nas derrotas, mais do que buscar compreender os acertos do inimigo, busca-se geralmente individualizar os erros e culpar os indivíduos nas próprias fileiras

---

[53] O PCC era muito mais perseguido que o Kuomintang, por isto tinha enormes dificuldades de crescimento. Em 1925, o PCC não tinha conseguido chegar a mil filiados. Foi a partir da chegada do capital estrangeiro, que dominou as principais indústrias no país, que irromperam grandes greves e que o PCC elevou a quantidade de militantes.

[54] TSÉ-TUNG, Mao. *Obras escolhidas*. T. I. Pequim: Edições em Línguas Estrangeiras, 1975, p. 14.

derrotadas. As divergências no interior da Internacional Comunista, entre Stalin e Trotsky, também era outro fator importante a ser considerado pelos chineses.

A posição oficial da Internacional Comunista foi a de justificar a aliança com a burguesia nacional e acusar os comunistas chineses de terem cometido dois desvios: a) que a aliança com o Kuomintang não deveria ter desmobilizado o PCC; b) que o PCC não havia analisado corretamente o momento em que a burguesia havia passado para a contrarrevolução.[55] Apesar de tudo, os emissários da Internacional Comunista insistiam que estava em marcha a revolução mundial, e que haveria a necessidade de se manter a aliança com a ala esquerda da burguesia nacionalista.

Ao mesmo tempo em que as greves continuavam, Mao, perseguido pela repressão, envolvia-se com os camponeses da região de Hunan, no sul do país, de onde também era originário. Para ele, era impossível avançar com a revolução sem despertar a fúria dos camponeses. O seu pensamento era completamente oposto ao pensamento da direção do partido e dos emissários da Internacional Comunista; para estes, as lutas deveriam ser travadas no meio urbano, mas, para Mao Tsé-tung, como a maioria da população residia no campo, era impossível triunfar sem esta força.

Em março de 1927, após ter feito uma investigação de 32 dias naquela região, mais propriamente nos cinco distritos de Hunan, onde o movimento camponês era mais desenvolvido, Mao Tsé-tung levantou argumentos contrários aos que o partido defendia (que não deveriam dar muito apoio às associações de camponeses porque cometiam excessos nas lutas; o movimento camponês era formado por gente preguiçosa e de "pés descalços" e que eram incapazes de se organizar) mesmo estando mobilizados com "dez milhões" de pessoas. Diante dos dados, sentenciou Mao, que havia três possibilidades para o partido: 1) marchar à frente dos camponeses e dirigi-los; 2) ficar atrás deles, gesticulando e criticando; 3) erguer-se diante deles para combatê-los, isto porque era notório que se levantariam por conta

---

[55] SADER, Eder (org.). *Mao Tsé-tung*. São Paulo: Ática, 1982, p.14.

própria. E defendeu a formação de um "Exército Vermelho" para encorajar os camponeses a tomar as terras dos latifundiários.

As previsões de Mao Tsé-tung se confirmaram no mesmo mês de março de 1927. Cerca de 800 mil camponeses, estudantes e operários tomaram a cidade de Xangai. Depois de vários dias de mobilização, o Exército conseguiu controlar a cidade cometendo as maiores atrocidades já vistas contra a vida e os direitos humanos. No auge do levante, a ala direita do Partido Comunista Chinês recuou por não acreditar nos camponeses, que, sem direção política, foram facilmente derrotados.

Mao Tsé-tung refugiou-se em Hunan e, em agosto do mesmo ano, após uma mobilização de camponeses reprimida pela polícia, teve de fugir para as montanhas e organizar a resistência armada. Este e outros grupos guerrilheiros, como o de Chu En-lai e de Chu Te, reuniram-se e deram origem ao que posteriormente se chamou Exército Vermelho.

A direção do partido e a Internacional Comunista teceram, a partir daquele momento, profundos debates sobre "o caráter da revolução", o "ascenso e o descenso" e o "papel da burguesia nacional e das alianças de classe". Mao Tsé-tung, no entanto, não dava importância a tais discussões e procurava convencer o partido de que era preciso organizar uma força militar e atuar entre os camponeses. Foi acusado de divisionismo e de se negar[56] a ajudar nas lutas urbanas, bem como de substituir os operários pelos camponeses. Aos poucos foi sendo excluído da direção do partido, mas, enquanto as lutas urbanas eram facilmente derrotadas, a luta guerrilheira resistia às ofensivas do Kuomintang, que não dava trégua aos camponeses.

Foi nessa situação de extrema dificuldade e derrota que Mao Tsé-tung não somente buscou novas alternativas para enfrentar a repressão e acumular para a revolução, mas também iniciou a produção de uma nova teoria que, além de explicar a situação em que viviam, apontava qual era a estratégia que deveriam seguir.

---

[56] *Idem*, p. 16.

Para além de tudo, Mao percebeu que no interior do partido começava a crescer uma infinidade de desvios. Em dezembro de 1929, por ocasião da realização do IX Congresso da organização do Partido, aproveitou para expor o que de fato acontecia na prática partidária. O texto ficou conhecido sob o título "Sobre a eliminação das concepções erradas no seio do partido".

No seu entendimento, havia no seio do partido "todas as espécies de concepções não proletárias", e aquilo atrapalhava a aplicação da linha política. Em oito tópicos, Mao estabeleceu a crítica aos desvios, ao mesmo tempo em que colocou o caminho a ser seguido. Se não fossem tomadas as devidas providências, ali se perderia a possibilidade do avanço da revolução.

Em janeiro de 1930, com o texto cujo tema sugestivo foi extraído de um velho provérbio chinês, "Uma faísca pode incendiar toda a pradaria", procurou combater as tendências pessimistas que havia no partido. Chamou a atenção para a importância do estudo da aparência, mas apenas como a porta de entrada; dever-se-ia ir além e chegar até a essência dos problemas.

Chiang Kai-shek – principal dirigente do Kuomintang e general do exército contrarrevolucionário – criou, em 1933, uma escola de formação de oficiais na região da guerra, com o intuito de adaptar os soldados àquele meio, contando com instrutores alemães, italianos e norte-americanos.

A estratégia traçada por Mao Tsé-tung estava correta. O movimento na região, após quatro anos, tinha crescido e se tornado uma referência indestrutível, obrigando Chiang Kai-shek, em 1934, a lançar uma ofensiva com um milhão de soldados. O Exército Vermelho teve que se deslocar para se defender e, em 27 de outubro daquele ano, com cerca de 100 mil soldados, o cerco foi rompido e iniciaram a Grande Marcha, em direção ao Norte do país. A marcha se tornou o símbolo da revolução que triunfaria em outubro de 1949.

Ao analisar a justeza da tática da luta contra o imperialismo em dezembro de 1935, Mao Tsé-tung assim descreveu a iniciativa da Grande Marcha: "(...) a primeira de seu gênero registrada na

História, um manifesto, um destacamento de propaganda e uma máquina semeadora".[57]

Ainda em 1935, um ano depois da ofensiva de Chiang Kai-shek, Mao Tsé-tung percebeu uma mudança significativa na política internacional. Interpretou corretamente as intenções do império japonês de tornar a China uma colônia. No final de dezembro de 1935, estabeleceu-se uma disputa no partido comunista: se deveriam ou não organizar a Frente Única, e Mao Tsé-tung saiu vencedor, o que possibilitou o avanço para a formação do que ficou conhecido como "Política de Frente Única", formada com todas as forças, incluindo a burguesia nacional, para expulsar os japoneses da China, constituindo-se, assim, o centro da tática para aquele momento.

Mao Tsé-tung diz em um de seus textos: "Quando a situação revolucionária muda, as táticas para a revolução e os métodos de direção da revolução devem mudar correspondentemente". A luta pela independência naquele momento ajudava a acumular forças para a revolução.

Essa ampliação no aspecto da reunião das forças, através da Frente Única, forneceu os elementos para que se formulasse o conceito de "República Popular", da qual faziam parte os operários, os camponeses e a população em geral. Havia um relativo distensionamento nas regiões liberadas pela revolução até então. Naqueles locais, o poder político passou a ser organizado em forma de "República Popular", com total independência. Posteriormente, esses locais foram fundamentais para a tomada do poder. Naquela situação de conflitos e guerra prolongada, Mao sentiu a necessidade de estudar a guerra para seguir em frente com a Grande Marcha. Em 1936, apresentou o texto "Problemas estratégicos da guerra revolucionária na China", constituindo-se um manual de estudo e da prática da luta revolucionária.

---

[57] TSE-TUNG, Mao. *Obras escolhidas*. T. 1. Pequim: Edições em Língua Estrangeira, 1975, p. 261.

A revolução chinesa fez esta longa construção combinando as ações políticas, militares, de organização e mobilização das massas, por acreditar que a guerra seria popular e prolongada. Construiu o partido político, enquanto fazia a Grande Marcha do Sul para o Norte do país, primeiro com o objetivo de expulsar os japoneses que haviam invadido a China. Enquanto avançavam, preparavam-se política e militarmente para impulsionar a revolução.

As características da guerra revolucionária na China, desde a sua origem, foram de expressão popular, na qual o partido, o exército e o próprio povo compuseram as forças revolucionárias. Sua preocupação irredutível era com a eliminação do latifúndio feudal, a distribuição da terra aos camponeses e a organização do poder popular, por onde a guerra se desenvolvia.

Para Mao Tsé-tung, embora a China fosse um país habitado por camponeses, a revolução teria natureza proletária porque deveria tomar os meios de produção e distribuí-los para o povo. Os recursos fundamentais a serem utilizados eram a ação político-militar e organizativa no campo, a fim de desenvolver a insurreição urbana. O fortalecimento dessa estratégia dar-se-ia se houvesse gradualmente a ocupação dos territórios com as massas camponesas e com o Exército Vermelho, formado por camponeses, operários e lumpens que vinham de diferentes realidades, sendo que, entre eles, muitos eram descendentes de exércitos mercenários, corrigidos pela organização disciplinada no trabalho produtivo e pela intensa preparação política feita pelos quadros do partido.[58]

Mao Tsé-tung foi um exímio estrategista da autossustentação econômica da organização. "Se, nesses heroicos e combativos VIII e Novo IV Exércitos, cada homem aprender não apenas a combater e trabalhar entre as massas, mas também a produzir, não

---

[58] O próprio Mao reconhece o acerto da linha de organizar as massas, adotada em 29 de novembro de 1943, na recepção que fez aos heróis do trabalho. A linha consistia em mobilizar e constituir um grande exército do trabalho com todas as forças disponíveis sem exceção, tendo como referência o povo, o exército e as escolas.

mais teremos que recear as dificuldades e... seremos invencíveis sob o Céu."[59]

O aspecto principal que permitiu a grande inovação na forma de organizar o processo revolucionário aconteceu nos métodos organizativos. Mao Tsé-tung tinha enorme habilidade em lidar com este assunto. Para ele, as massas tinham por natureza uma enorme força criadora. Era preciso conviver com as massas e aprender com elas, sintetizar as experiências para extrair delas princípios e melhorar os métodos.

O entendimento de Mao Tsé-tung sobre a natureza da Revolução Popular e, posteriormente, da República Popular, era que ela não se realizaria somente com os camponeses e operários, mas necessitava da participação de toda a nação na luta contra a invasão japonesa, independentemente da classe a que pertenciam as pessoas. Era preciso incorporar as grandes massas, os operários, os camponeses e a pequena burguesia urbana no processo, o que seria feito através de uma intensa propaganda e agitação, com uma posterior organização. Essas atividades exigiriam muito esforço, persistência, paciência e dedicação.

A RESPOSTA VIETNAMITA

O Vietnã foi colônia da França desde o século 17, país que investiu muito nas plantações de seringais utilizando-se da população local como mão de obra escrava. No final do século 19, para ampliar o seu domínio, estendeu-se para os territórios de Anam, Cambodja, Tonquim, Laos e a colônia da Cochinchina, criando a União da Indochina. Além de submeter a população a maus-tratos, os franceses tentaram impor sua cultura e seus conceitos de modernidade. Mas a história milenar do povo originário que data de 208 a.C., quando Nam Viet era província chinesa,[60] tinha criado raízes muito profundas na cultura e no coração da população.

---

[59] TSE-TUNG, Mao. *Obras escolhidas*, T. III. São Paulo: Alfa Ômega, 1979, p. 235.

[60] ALVAREZ, Marta Elena. (org.). *Ho Chi Minh*. São Paulo: Ática, 1984.

A partir de 1905, os japoneses passaram a influir também na Indochina e a colaborar com os rebeldes vietnamitas para combater os franceses. Com o objetivo de restaurar a monarquia, Phan Boi Chau, um dos principais líderes da resistência, formou no Japão o Movimento Modernista, do qual Ho Chi-minh, o futuro líder da guerra de libertação, foi convidado a participar, mas por não gostar dos franceses e não confiar nos japoneses não aceitou.

Em 1914, quando teve início a Primeira Guerra Mundial, Ho Chi-minh tinha 18 anos e alistou-se para trabalhar em navios que transportavam suprimentos entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Naquele contexto iniciava-se a preparação, através do recolhimento de diversas experiências mundiais, da liderança principal da guerra do povo vietnamita. Permaneceu por algum tempo em Nova York e, após ter decifrado o segredo da liberdade norte-americana, que segundo ele tinha diferentes graus, pois dependia exclusivamente da riqueza que cada um possuísse, transferiu-se para a Europa. Conheceu Londres e Paris, onde estudou os socialistas franceses. No mesmo período, com sua derrota na Primeira Guerra, a França buscou explorar ainda mais as colônias para recompor as perdas.

Ho Chi-minh participou em 1920 do Congresso do Partido Socialista Francês, quando presenciou a divisão que originou o Partido Comunista Francês, ao qual aderiu, e passou a escrever artigos para os jornais locais procurando incluir em suas análises elementos da teoria marxista-leninista.

Inspirado pelas ideias comunistas, tomou a iniciativa de organizar o jornal revolucionário vietnamita *A Alma do Vietnã*, com o objetivo de ganhar a simpatia nos diversos países do mundo e instalar a tribuna dos colonizados.

Em 1924, como delegado do Partido Comunista Francês, foi enviado ao V Congresso da Internacional Comunista, quando conheceu Moscou, fato que o influenciou profundamente. Ali, passou a ler mais intensamente as obras de Marx e Lenin. No retorno ao Vietnã, preocupado com a falta de organização política dos trabalhadores, fundou a Associação da Juventude Revolucio-

nária Vietnamita, de cunho nacionalista, para não amedrontar os camponeses.

Em 1926 Chiang Kai-shek, ao perseguir os comunistas chineses, invadiu também o Vietnã na região de Cantão, na qual Ho Chi-minh estava escondido, obrigando-o a exilar-se por algum tempo na Rússia; foi quando, por volta de 1927, ao aprofundar os estudos, relacionou três elementos fundamentais que fariam a diferença na construção do caminho revolucionário vietnamita: a teoria marxista-leninista da revolução; a filosofia tradicional de seu povo e o sentimento de revolta contra o colonialismo.

Em Moscou, passou a ser membro da Terceira Internacional, o que lhe possibilitou retornar para a Europa com melhores condições de viajar para os diversos países da Ásia. Em 1930, tendo conhecimento de que os exilados políticos vietnamitas refugiados em Hong Kong haviam se dividido em três grupos, Ho Chi-minh partiu em busca de unificá-los dentro da Associação da Juventude Revolucionária Vietnamita, obtendo êxito. Esta junção logo se tornaria o Partido Comunista Indochinês (PCI). Em 1951, o partido mudou de nome e passou a se chamar Partido dos Trabalhadores do Vietnã.

Paralelamente, as intenções de Ho Chi-minh seguiam as posições nacionalistas, organizadas através do Vist Nam Quoc Dan Dang, uma espécie de partido nacionalista que nos primeiros meses de 1930 convocou uma insurreição popular para expulsar os franceses. Em poucos dias, o exército francês conseguiu controlar a situação e assassinou todos os militantes rebelados.

Com a maioria dos seus membros fora do país, taticamente o Partido Comunista buscou o caminho do fortalecimento da organização popular, apoiando as ações menos ofensivas como as ocupações de terras por camponeses pobres. Porém, afetadas pela situação de miséria, as massas camponesas, em 12 de setembro de 1931, ocuparam com seis mil pessoas grandes propriedades próximas da capital de Anam, sendo duramente reprimidas. Motivando uma nova perseguição, mesmo não estando presente, Ho Chi-minh foi condenado à morte pelo governo francês.

A repressão se tornou mais branda durante o ano de 1936, quando Léon Blum assumiu o governo como representante da Frente Popular na França e, por ter ideias próximas dos ideais socialistas, permitiu a legalização do PCI vietnamita e libertou os presos políticos. Mas a pressão foi tão grande que, um ano depois, caiu o governo de Blum e o PCI foi colocado na ilegalidade.

Em 1939, Ho Chi-minh foi enviado à China pela União Soviética para observar a relação entre Mao Tsé-tung e Chiang Kai-shek. Ao encontrar Mao, convenceu-se de que este estava certo em sua estratégia e aceitou ir ao Sul da China com um grupo de vietnamitas para treinar táticas de guerrilha; ali conheceu seu grande companheiro, e talvez o maior estrategista militar de todos os tempos, Vo Nguyen Giap.

Giap tinha se formado na Sorbonne, em Paris, e era professor de história militar francesa na Universidade de Hanói. Tinha vários textos escritos, dentre eles, um manual de guerrilha chamado *Guerra do povo, exército do povo*.

Os dois revolucionários, ao estudarem em 1939 as possibilidades de irromper a Segunda Guerra Mundial, passaram a defender que este fato ajudaria a situação do Vietnã, isto porque havia a possibilidade de o Japão perder a guerra e a França sair enfraquecida.

Com a clareza da análise, apressaram-se em levar a força guerrilheira para dentro do Vietnã. Em 1941, na VIII Conferência do PCI, aprovou-se a criação do Viet Minh (Liga pela Independência do Vietnã) e para ampliar a força organizativa, todas as forças organizadas de diferentes concepções ideológicas foram reunidas. Com o andamento da Segunda Guerra Mundial entre as grandes potências, eles interpretaram que a correlação de forças possibilitava combater o imperialismo abertamente e traçaram a estratégia da guerra de guerrilha com a participação dos camponeses.

A desvantagem militar era superada pela capacidade de resistência dos soldados, que tinham como uniforme sandálias, uma camisa leve, calças de algodão e um revólver. A comida era à base de arroz ou extraída das florestas.

Com os ataques norte-americanos sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki no mês de agosto, o Japão iniciou a retirada das tropas do Vietnã e no dia 15 rendeu-se definitivamente. Deixavam para trás o imperador Bao Dai, que reinava desde 1932 e que havia servido de escudo aos japoneses. Desacreditado, ele tentou reabilitar-se convocando em 17 de agosto uma mobilização onde se fizeram presente cerca de 100 mil pessoas, mas a astúcia do Movimento Revolucionário, utilizando-se do elemento surpresa, tomou a manifestação, tornando-a favorável à independência.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, era preciso impedir o acordo entre os Estados Unidos e a Inglaterra, que defendiam que o Norte do Vietnã deveria ser entregue aos chineses para o controle de Chiang Kai-shek e o Sul ficaria com a Inglaterra. Grandes mobilizações e confrontos armados foram travados, e, em duas semanas, o imperador Bao Dai renunciou. O ascenso revolucionário levou Ho Chi Minh a proclamar a República Democrática do Vietnã em 2 de setembro de 1945, sendo escolhido como presidente do governo provisório.

A vitória política não amenizou os problemas sociais nem tampouco significou uma vitória militar definitiva. Para combater a fome, além de determinar que o milho e o arroz não poderiam mais ser usados para destilar álcool, como vinha sendo feito a cada dez dias, todos os cidadãos deveriam fazer um dia de jejum. A palavra de ordem era vencer "a fome, a ignorância e o invasor."[61]

Os chineses, liderados por Chiang Kai-shek, não deram trégua e avançaram tomando posições em Tonquim, aproveitando-se das divergências internas para fortalecer a oposição contra o governo, que foi levado a fazer um acordo tático com os franceses; estes, após terem sido derrotados pelos japoneses, em alguns pontos retomavam suas posições.

Em 6 de março de 1946, o general francês Leclerc forçou um acordo com o governo vietnamita no qual haveria a disposição de cessar-fogo mediante duas condições: o governo francês respeitaria

---

[61] ALVAREZ, Marta Elena (org). *Ho Chi Minh*. São Paulo: Ática, 1986, p. 29.

as decisões do povo vietnamita, mas a República seria parte da União francesa e o governo se comprometeria, após a expulsão dos chineses, a receber amistosamente o exército francês. Taticamente, as forças revolucionárias compreenderam que não podiam enfrentar dois inimigos ao mesmo tempo e, entre os dois, os chineses eram considerados os mais perigosos, pois faziam fronteira com o país. Assinaram o acordo, mas o cessar-fogo durou menos de oito meses: no dia 20 de novembro de 1946 explodem conflitos em Haiphong, todas as negociações foram desfeitas e as forças populares retomaram a guerra civil. As forças revolucionárias adotam a estratégia da resistência prolongada. Em um apelo feito em 19 de junho de 1947, Ho Chi-minh convoca toda a população para a guerra, dizendo que era preciso que cada cidadão se tornasse um combatente e cada aldeia, uma fortaleza.

O agravamento da situação política foi atenuado a partir de outubro de 1949 com a vitória da revolução chinesa, quando Ho Chi-minh começou a ser reconhecido pelos países do bloco socialista como o verdadeiro presidente do Vietnã. Mas as lutas seguiram contra os franceses até 1954, quando as forças revolucionárias comandadas por Giap derrotaram definitivamente as forças coloniais na batalha de Dien Bien Phu. Esta região é composta por um vale cercado por penhascos, para onde os franceses foram atraídos, pensando que haviam cercado as forças inimigas. Mas, durante a noite, os soldados orientados por Giap desmontaram a artilharia pesada do inimigo e a levaram para o alto das montanhas, de onde definiram a guerra.

Temendo perder os seus interesses no Norte da Ásia, os Estados Unidos da América forçaram a divisão do país a partir do Paralelo 17.[62] Orientado pela União Soviética e pela China, Ho Chi-minh aceitou o acordo do Tratado de Genebra para dividir temporariamente o país em duas partes.

---

[62] Paralelo 17 diz respeito às linhas imaginárias traçadas acima e abaixo da linha do Equador e que vão sempre de Leste a Oeste, formando uma espécie de semicírculos sobre a terra, e que servem de referência para demarcar posições e localizações.

O acordo previa que, no prazo de um ano, seria convocado um plebiscito para que a população decidisse se aceitaria a divisão definitiva do país. Mas antes disso os Estados Unidos começaram a deslocar tropas para o Sul do país, então governado por Ngo Dinh Diem, que começou a perseguir os remanescentes do exército revolucionário na região. Eles foram obrigados a organizar a Frente de Libertação Nacional. Diem passou a chamá-los de Viet Congs. A partir disso, iniciou-se a repressão contra todos os cidadãos, inclusive com a pena de morte. Em 1960 havia cerca de 50 mil presos políticos.

A cada ano as tropas norte-americanas eram ampliadas. Em 1964, os Estados Unidos decidiram assumir a guerra enviando mais de 500 mil soldados e agentes militares para a região. No mesmo ano aprovou uma decisão permitindo ao seu exército atacar em qualquer lugar do Sudeste asiático. Teve início, assim, uma das mais violentas e covardes agressões sobre um povo indefeso. Ao término da guerra, 2 de julho de 1976, com a derrota dos Estados Unidos, mais de 3 milhões de vietnamitas estavam mortos.

Se com os franceses a tática de enfrentamento fora a guerra de guerrilha nos campos, contra os Estados Unidos – devido à sua superioridade militar – a tática foi levar as forças revolucionárias e os combates militares também para os 36 grandes centros urbanos, incluindo a capital do Vietnã do Sul, Saigon, naquela que ficou conhecida como a "Ofensiva de Tet", ocasionando a morte de 33 mil revolucionários em poucos dias. A linha estratégica da luta revolucionária no Vietnã pode ser basicamente subdividida em três sentidos: 1) um pequeno grupo guerrilheiro deslocando-se intensivamente para se proteger; 2) ampliação da guerrilha com várias frentes guerrilheiras que se localizavam em pontos específicos no território, considerados como espaço de resistência e sobrevivência das forças revolucionárias na convivência com os camponeses; 3) deslocamento das forças do campo em direção aos centros urbanos, integrando o Exército do Povo com a Guerra do Povo, atacando através da resistência, garantindo posições; da defensiva recuando as forças para melhores posições e a contraofensiva, respondendo

aos ataques do inimigo, procurando surpreendê-lo em seus pontos vulneráveis.

Giap empenhou-se em buscar formas para que a guerra realmente fosse do povo e não do exército ou do partido somente, pois, diferentemente da Revolução Chinesa, para ser vitoriosa, a guerra vietnamita tinha que se espalhar por todo o país, tomar os campos e as cidades, com dois objetivos: conquistar a independência e a democracia. Para tanto, necessitavam esclarecer as massas, educá-las, encorajá-las e organizá-las, a fim de que, de fato, a "guerra de libertação" se transformasse em "guerra do povo".

Os camponeses constituíam a maioria da população e representavam a força principal, mas, pela natureza da guerra – de libertação nacional –, todos os setores deveriam ser envolvidos, mesmo porque era necessário reunir todas as forças para atacar um inimigo muito mais forte e bem aparelhado.

Com a sabedoria milenar asiática, Giap compreendera que, quando o inimigo é mais forte, é preciso evitá-lo; quando é mais fraco, é preciso atacá-lo, combinando as operações militares com as ações políticas e econômicas sem manter uma linha fixa. Para ele, a frente de combate estava em toda parte onde se fazia presente o adversário. Neste sentido, a guerra generalizou-se no Vietnã por todas as regiões do país, e cada habitante se transformou num soldado da revolução.

As formas simples de organização e as ações de massas fizeram a diferença no processo revolucionário vietnamita.

A engenharia das frentes

Na América Latina e na África, a partir da década de 1950, iniciou-se um fenômeno diferenciado que fugiu um pouco do modelo leninista de organização partidária e concretizou, aparentemente, outra forma organizativa de natureza associativa das forças, reunidas através das "Frentes Políticas e Militares", da mesma maneira que Marx e Engels vislumbraram na formação da Primeira Associação Internacional em nível mundial – agora, porém, em um só país, unificando as forças em torno de objetivos

estratégicos comuns, tornando-se, neste sentido, uma só parte, uma só força.

As "Frentes" de natureza associativa, embora com nomes próprios, não negaram o "partido" na sua definição e natureza: ele foi composto, juntando-se naquilo em que possuíam acordo político, filosófico e programático, quando perceberam a iminência da derrota ou a possibilidade da vitória. Buscaram na junção das forças a saída para a ofensiva e o posterior triunfo. A busca de alternativas para o triunfo da revolução, apesar das divergências, por um lado significa uma virtude; por outro lado, revela que há, em cada força isolada, profundas deficiências organizativas que somente a cooperação política pode superá-las.

Para Lenin, o partido, de uma forma ou de outra, sobreviveria se conseguisse, sem deixar de ser a força de vanguarda, criar o consenso entre as diferentes forças. Diz ele: "(...) é preciso proceder de forma a que *todos* os outros destacamentos se deem conta e sejam obrigados a reconhecer que somos nós que marchamos à frente (...)."[63]

"Marchar à frente" significa antecipar-se e prever os acontecimentos políticos que podem ser produzidos, para onde devem ser direcionados os esforços e quais meios devem ser utilizados para derrotar os inimigos.

Em vários lugares, em momentos determinados, o conjunto das forças se deu conta de que sozinho não derrotaria o inimigo comum; por isso, essas forças revolucionárias em luta, em um só país, passaram a se guiar por princípios e objetivos comuns. Essas "associações" receberam o nome de frentes, movimentos, exércitos etc. e mais precisamente, nas palavras de Marta Harnecker, "vanguardas compartilhadas".

> Foi então – 20 de julho de 1958 – que Fidel considerou chegado o momento propício para chamar à formação de uma ampla Frente Cívica Revolucionária. Representantes do mais variado espectro de forças políticas e sociais do país

---

63 LENIN, V. I. *Que Fazer? Questões candentes de nosso movimento*, ed. cit., p. 150.

assinam um documento unitário, conhecido historicamente como 'Pacto de Caracas'.[64]

A junção das forças na "Frente Cívica Revolucionária" demonstra que, para além do desejo da unidade, para triunfar, há a necessidade de sobrevivência e a dependência coletiva. No caso da vitória ser alcançada, aprofunda-se ainda mais a junção, podendo vir a se formar, como ocorrera no processo cubano, a organização de um partido único, extinguindo as formas organizativas particulares e com elas as identidades das parcelas que compunham a "vanguarda compartilhada". No caso de não lograr alcançar o intento desejado, as forças se separariam novamente.

Este processo de junção e desarticulação das forças foi vivenciado no Brasil. Tivemos a primeira experiência significativa em 1935, com a formação da "Aliança Nacional Libertadora" (ANL), proposta e hegemonizada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB).

A iniciativa de organização da ANL pelo PCB se baseou na experiência europeia da criação das articulações populares para fazer frente ao avanço do nazifacismo. No Brasil, além de a iniciativa ser hegemonizada pelo PCB, seus núcleos eram coordenados por militares da ativa e também por profissionais liberais, católicos e socialistas.

A estratégia política buscava a realização da revolução brasileira em duas etapas. A primeira visava a questão agrária e a libertação nacional do imperialismo; a segunda, de caráter democrático e socialista, seria feita contra a burguesia nacional. Por falta de apoio popular, a tática insurrecional foi derrotada em 27 de novembro de 1935, nos pontos onde se processaram as rebeliões (Natal, Recife e Rio de Janeiro). Luís Carlos Prestes, a liderança mais expressiva do movimento, foi preso alguns meses depois, em 5 de março de 1936.

Beneficiado pela aliança dos países alinhados na Segunda Guerra Mundial – Rússia, Estados Unidos, Brasil etc. – contra a

---

[64] HARNECKER, Marta. *Fidel e a estratégia política da vitória*. São Paulo: Expressão Popular, 2000, p. 98.

Alemanha de Hitler, o PCB foi legalizado e Prestes teve sua pena reduzida em quase 8 anos, sendo eleito, em 1946, senador pelo Distrito Federal.

A aliança formada com Getúlio Vargas durou pouco. Em 1947, o PCB foi novamente declarado ilegal e todos os mandatos de seus parlamentares foram cassados. Assim, mesmo na clandestinidade, o PCB continuou a não medir esforços para compor alianças, no intuito de realizar a revolução nacional.

No período seguinte, o PCB mais contribuiu com a formação de novos instrumentos do que colaborou para unificar as demais forças. Na década de 1960 vimos surgir, a partir de um rompimento brusco, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB); em seguida, do mesmo tronco, saiu o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e a Ação Libertadora Nacional (ALN).

Na Nicarágua, a partir da década de 1960, os sandinistas estabeleceram um processo que passou a ser conhecido como "o grupo dos doze"; eram pessoas vindas das diferentes classes que, antes do triunfo da revolução, decidiram juntar as forças na Frente Sandinista, que, daí em diante, passou a ser verdadeiramente a vanguarda da revolução.

Foi em 1969, em uma reunião em Havana, Cuba, com a junção das três tendências: a) proletária; b) da guerra popular prolongada; c) a insurrecional ou "terceiristas" que se reorganizou o comando da Frente Sandinista, na qual Carlos Fonseca tornou-se o secretário-geral, posto que ocupou até 1976, quando foi assassinado. Com a junção das forças, o programa e os estatutos foram reformulados e a concepção estratégica passou a se chamar "a revolução necessária", cujos objetivos se fixaram sobre a "libertação" e a "reconstrução nacional".

> O grupo, em que havia intelectuais, membros do clero, proprietários rurais e empresários, serviu de fator mediador para introduzir a Frente Sandinista como fator indispensável na procura de qualquer solução política para a crise, e sem dúvida conseguiu alargar a hegemonia da FSLN a importantes setores sociais.[65]

---

[65] HARNECKER, Marta. *Tornar possível o impossível*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 366.

A vitória da Revolução Nicaraguense, em julho de 1979, demonstrou a justeza da política traçada por Carlos Fonseca, mas a derrota do governo dez anos depois não somente fez retroceder o processo da revolução em crise como também desfez a Frente Sandinista em diversas tendências.

O fenômeno do ajuntamento das forças, anterior e posterior à formação da Frente Sandinista, se reproduziu também em El Salvador, a partir de 1972, com a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN); no Uruguai, para combater a ditadura militar, já se havia organizado a Frente Ampla, em 1971; na Colômbia, na década de 1980, também se tentou unificar as forças na luta contra a violência das classes dominantes para enfrentar a dura repressão através da Esquerda Unida. No Peru, da mesma forma, e, em 1994, no México, ressurgiu em forma de organização político-militar o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

No continente africano, desde a década de 1950, ocorreu fenômeno similar: visando à conquista da independência nacional, diversas forças juntaram-se formando frentes de lutas revolucionárias. Assim aconteceu em Angola, com a fundação do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) por vários movimentos patrióticos, no dia 10 de dezembro de 1956; em Moçambique, com a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), fundada na Tanzânia em 25 de junho de 1962 pela união de três movimentos: União democrática Nacional de Moçambique (Udenamo); Mozambique African National Union (Manu); e União Nacional Africana para Moçambique Independente (Unomi).

Visões associadas

Estas e outras iniciativas poderiam colocar em dúvida se o partido, como instrumento das forças revolucionárias, desde Marx e Engels continua sendo válido para conduzir os processos de transformação, já que surgiram outras formas "associativas" que, em determinados momentos, ampliaram seu alcance para além da classe e, com isso, superaram a visão particular do

partido de quadros. Há muito que se pensar e perceber como evoluíram e como terminaram essas experiências; porém, o que podemos adiantar é que as circunstâncias históricas indicam quais devem ser as formas organizativas a serem estruturadas para que as forças revolucionárias possam conduzir os processos de transformação social.

É possível perceber também, pelas referências históricas, que uma revolução pode ser "dirigida" por uma "vanguarda política militarizada", um exército integrado às massas ou simplesmente por um amplo espectro de forças que se juntam para o desfecho da tomada do poder, através de ofensivas combinadas entre ações militares e ações de massas e que no processo vão formando o núcleo dirigente. Se a diversidade das formas organizativas combina-se também com a diversidade das táticas, em todos os processos vistos a insurreição é a passagem comum; sem que ela, em um determinado momento da luta de classes, mudasse a correlação de forças, era impossível fazer triunfar as revoluções.

Em todas as revoluções citadas, durante e em seus desfechos, presenciamos o uso da violência revolucionária. As classes dominantes e o imperialismo, com suas empresas como forças principais entranhadas nos territórios nacionais, não entregaram sem resistência, para os trabalhadores, os meios de produção e o poder político que detinham.

No entanto, cada organização, composta livremente, participou com sua capacidade, com seus próprios métodos e formas organizativas, mais abertas ou mais conspirativas, dependendo da ofensiva inimiga. Cada força construiu seu próprio poder através da estrutura política que estabeleceu. O poder se ampliou no momento em que a parcela orgânica da população se ligou às outras parcelas organizadas em torno de um objetivo estratégico que só o instrumento político, como referência associativa superior, poderia alcançar.

O caminho para a construção da "força dirigente", com o nome de partido, frente, exército ou movimento, pelas diferentes circunstâncias históricas, pode não ser, na forma, o mesmo

organizado por Lenin; nem assemelhar-se na estrutura política, nem tampouco nas alternativas organizativas como foram os conselhos populares (sovietes), sobretudo porque as condições atuais se diferenciam profundamente daquelas de então. Porém, em um certo momento, pelo destaque de uma das forças existentes, a força dirigente pode tornar-se referência e ser reforçada pelas demais, ou a parte mais avançada, consciente, de cada organização pode integrar o mesmo comando para seguir em uma só direção sem desfazer ou deformar as organizações existentes que continuarão desenvolvendo as suas ofensivas particulares, com estreita articulação com o todo. Somam-se a isto os quadros oriundos do próprio processo político que ainda não pertencem à organização alguma. Em ambas as formas, a vanguarda (força dirigente) é necessária para a elaboração do programa e para a direção estratégica. Ela é a parte avançada do instrumento político que compreende o momento histórico, analisa a correlação de forças, define estratégias, táticas e elabora métodos de ação para implementá-las.

Uma referência partidária próxima a esta ideia descrita foi a forma defendida por Antonio Gramsci na primeira metade do século 20, na qual estabeleceu que uma organização partidária deveria ter três grupos de elementos para ser constituída:

> 1 – Um elemento difuso de homens comuns, médios, cuja participação é dada pela disciplina e pela fidelidade e não pelo espírito criativo e altamente organizativo. Sem este grupo o partido não existiria, é verdade, mas é também verdade que o partido não existiria somente com eles...
> 2 – O elemento principal de coesão que centralize o plano nacional, que torna eficiente e potente o conjunto de forças que, sozinhas, valem zero ou pouco mais... É verdade que ele sozinho também não formaria o partido, mas teria mais condições de formá-lo que o primeiro elemento considerado..."
> 3 – Um elemento médio que articule o primeiro com o segundo, que os coloque em contato não só 'físico', mas moral e intelectual...[66]

Esta visão organizativa está voltada para a construção do poder em longo prazo, naquilo que Gramsci denominou "guerra

---

[66] SADER, Emir (org.). *Gramsci: Poder, política e partido*. Ed. cit., p. 16-17.

de posição" em contraposição à hegemonia da sociedade civil e política que governa e que, pela contestação e organização das forças contra-hegemônicas, perderá a capacidade de comando, e, portanto, o poder político passará para as forças organizadas.

Nesta estrutura, o que se poderia chamar "vanguarda" é o elemento "2", cuja tarefa é centralizar o plano nacional e coordenar as forças, de modo que este "destacamento" teria obrigatoriamente que estar ligado aos dois elementos circundantes, que têm como base o elemento "3". Assim, subentende-se que a "vanguarda" está intimamente ligada às massas. O ritmo da velocidade dos passos será dado pelas próprias circunstâncias históricas.

Entretanto, Ernesto Che Guevara nos apresenta o dilema da vanguarda, como força dirigente, de uma forma bem ilustrativa:

> O caminho é longo e cheio de dificuldades. Às vezes para desviar o rumo há que retroceder; outras, por irmos demasiado depressa, nos separamos das massas; noutras ocasiões, por fazê-lo lentamente, sentimos a respiração próxima dos que vem atrás. Na nossa ambição de revolucionários, procuramos caminhar tão depressa quanto seja possível, abrindo caminhos, mas sabemos que temos de nos apoiar nas massas e que estas só poderão avançar mais depressa se as animamos com nosso exemplo.[67]

Falta a esta estrutura organizativa o aspecto que preveja e se predisponha a conduzir a ação militar, justamente porque ela obedece à construção do poder através das ações cotidianas. Mas, ao se deparar com golpes de Estado ou processos duros de repressão, careceria de retornar ao esquema conspirativo leninista. Não seria frutífero criar uma estrutura puramente militar para enfrentar as forças inimigas quando é possível combatê-las ainda com outras formas. Quem determina quando as forças revolucionárias devem ir para a clandestinidade são sempre as forças da contrarrevolução.

Rosa Luxemburgo, contemporânea de Lenin, reafirma a importância da organização partidária, mas valoriza imensamente a espontaneidade das massas, compreendendo que elas têm a ca-

---

[67] GUEVARA, Che. *Textos revolucionários*. São Paulo: Global, 1986, p. 95.

pacidade genuína de tomar a iniciativa e constituir-se no próprio comando, fazendo que com isto, muitas vezes, a "vanguarda" se veja colocada na retaguarda da luta revolucionária.

Rosa se indispõe com a maneira como Lenin expõe o "centralismo democrático" por achar que este continha um princípio que diferenciava e separava os grupos organizados.

> (...) É suficiente observar que, segundo essa concepção, o comitê central está autorizado a organizar todos os comitês locais do partido, portanto, goza também o poder de decidir a composição pessoal de cada organização russa local... para impor-lhes seus próprios estatutos, dissolvê-los por decreto e criá-los novamente e, deste modo, influir indiretamente até na composição da instância suprema do partido, o congresso partidário (...).[68]

Para ela, o único núcleo ativo do partido seria apenas o comitê central, e as demais instâncias seriam apenas instrumentos executivos.

Além de ser defensora da "espontaneidade das massas", Rosa é uma exímia questionadora da maneira hierárquica e disciplinada que os bolcheviques estruturavam o partido. Tampouco concordava com a separação das táticas no campo econômico e político, pois a "greve de massas" ganha aspecto de insurreição arrastando a revolução para frente; neste momento, as lutas "econômicas e políticas se fundem em uma só, e a separação artificial entre sindicalismo e social-democracia, como duas formas de organização do movimento operário totalmente independentes entre si, é varrida do mapa"[69]. Ou seja: Rosa, para além da visão associativa das massas, funde os próprios instrumentos de diferentes naturezas para o desfecho da revolução socialista.

O que é comum em todas as concepções, acima de tudo, é a compreensão sobre a natureza associativa, seja como indivíduos, seja como coletivos de forças diferentes, que, através de seus instrumentos, tornam-se referências para a junção de todas as forças no

---

[68] LUXEMBURGO, Rosa. *Partido de massas ou partido de vanguarda*: polêmica Rosa/Lenin. São Paulo: Nova Stella, 1985, p. 13.

[69] LUXEMBURGO, Rosa. "Greve de massas, partido e sindicato". *In:* BOGO, Ademar. *Teoria da organização política*. Vol. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 321.

cumprimento das tarefas. Como disse Carlos Marighella: "A ação faz a organização!". A estrutura depende justamente da natureza das ações que pretendemos desenvolver.

As formas organizativas associadas terão a função de articular ao seu redor as massas desorganizadas que nem pela referência do trabalho, nem pela localização geográfica se dispõem a participar de modalidades fixas de organização. Chamemos aqui de forças populares àquilo que Marx chamou "lúmpen" ou que Rosa classificou "subproletariado", que são contingentes cada vez maiores e que vivem em estado avançado de barbárie.

É fundamental compreender que não existe uma única forma para organizar as massas. Inicialmente, isto pode ser feito através de mobilizações específicas para suprir as necessidades imediatas, com o objetivo pedagógico de criar algum grau de referência política e de consciência de classe. É possível perceber historicamente que os grandes contingentes de massas são fundamentais para o processo insurrecional no desfecho da revolução política e social, mas também possuem potencial de se organizarem antecipadamente por um período mais longo para a construção do que se passou a chamar "poder popular", quando as massas se inserem no processo de acúmulo de forças, como parte do sujeito coletivo.

O que se procurou aqui, ao se tentar atualizar as *formas organizativas* para conduzir a luta de classes, foi resgatar a matriz marxiana e marxista, subentendida como sendo uma concepção *associativa* de pessoas da classe ou de organizações diversas de classe e das massas populares em luta permanente. Com a parcela consciente se constitui o "partido", se estruturando de acordo com as circunstâncias históricas, podendo receber a denominação de frente, exército, movimento, partido, organização política etc. Com a parte menos consciente, buscam-se formas diversas de organização, além de incentivar e valorizar as formas espontâneas e particulares de mobilização popular, formando assim a grande unidade das forças em movimento rumo à transformação da sociedade.

Para Lenin, a realidade russa necessitava de uma vanguarda verticalizada, pois a estratégia era de cerco ao objetivo revolucionário. O poder centralizado pela burguesia, localizado no aparelho central do Estado, deveria ser tomado através de uma insurreição (atenção, nem assalto, nem golpe, mas, sim, insurreição), sendo necessária a organização das massas em movimentos, sindicatos e conselhos. A continuidade do legado leninista não significa copiar as suas formulações, mas imitá-lo na capacidade intelectual e organizativa de responder aos desafios de sua época.

Como pudemos perceber, na Rússia havia uma revolução em andamento, mas lhe faltava a consciência política. Essa consciência, representada pelas análises corretas, pela ampliação da visão da categoria para a classe etc., necessitava de um instrumento portador e de quadros profissionais que deveriam ir para todos os lugares, como "tribunos", contribuir com a organização local, o que demonstra que não somente os quadros do partido tinham tarefas a executar, mas também as tinham as grandes massas e o povo em geral.

Para Mao Tsé-tung era fundamental a organização dos "governos provinciais" nos locais onde a marcha ia liberando os territórios; era o poder alternativo e paralelo ao Estado oficial. As massas camponesas se organizavam em comunas e ensaiavam formas simples de cooperação.

Para Gramsci, necessitava-se de uma estrutura mais ampliada, de formato horizontal, em que a parcela dirigente estivesse integrada à construção do poder no seio da sociedade civil. Esta forma de ver a organização se baseava na maneira como o Estado, "sociedade política", se estruturava na sociedade italiana e também nas sociedades ocidentais. Para ele, "A política é ação permanente e dá origem a organizações permanentes (...)"[70], portanto não dogmatizar as formas organizativas permite manter sempre atualizados os instrumentos políticos.

---

[70] GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 14.

Haverá virtudes e defeitos em ambas as propostas se procurarmos a fundo, mas é preciso considerar que é a natureza das táticas que utilizamos para combater os inimigos da revolução quem determina, na totalidade, a estrutura que a organização deverá ter.

A ação e o pensamento revolucionário se combinam no mesmo processo de organização: ambos exigem uma estrutura que seja capaz de cumprir com todas as tarefas para levar a revolução ao triunfo sobre a classe dominante e seguir, de forma revolucionária, na organização da sociedade socialista.

Mas, acima de tudo, o que estrutura o processo revolucionário e permite à organização revolucionária ser ou não vitoriosa é a capacidade da formulação das táticas para cada momento. Este fator, desde Marx e Engels, perpassa a preocupação teórica do materialismo com o fazer histórico, considerando dois aspectos principais: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado".[71] Sob tais circunstâncias aplica-se o complemento: "É por isso que a humanidade só se propõe às tarefas que pode resolver, pois, se se considera atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem, ou, pelo menos, são captadas no processo de seu devir (...)."[72]

Há de se compreender que "circunstâncias" e "táticas" possuem íntimas relações que não podem ser ignoradas quando se pensam os períodos históricos. São as condições materiais que definem as tarefas e revelam se são adequadas ou não àquele período. É claro que as circunstâncias sempre abrem e fecham múltiplas possibilidades, cabendo aos que se preocupam com a história acertar nas táticas para influir sobre o período e conduzi-la na direção dos objetivos estratégicos.

---

71 MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 27.

72 MARX, Karl. *Para a crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 26.

É o movimento das contradições reais que estabelece o ritmo das mudanças e, por mais que as circunstâncias permitam avanços, nem sempre os tempos se harmonizam. Às vezes, por andar devagar demais, as forças dirigentes se atrasam e o momento das soluções passa; assim, os problemas se ampliam como um peso insuportável para ser carregado por aqueles que perderam a oportunidade. Outras vezes, por andarem rápido demais, as forças dirigentes esquecem que as classes e as massas ainda não se colocaram as tarefas para a transformação social por acharem que não as podem resolver.

O movimento para a aplicação das táticas na luta política possui duas naturezas interligadas, mas de diferentes alcances: "Estrutural e conjuntural". Como nos alertou Gramsci: "O erro em que se incorre frequentemente nas análises histórico-políticas consiste em não saber encontrar a justa relação entre o que é orgânico e o que é ocasional...";[73] o que decorre do equívoco na interpretação das causas dos fenômenos.

As mudanças orgânicas ou estruturais, diferentemente das mudanças ocasionais ou de conjuntura, ocorrem com profundidade, o que é valido para ambos os lados na correlação de forças. Atacar as mudanças conjunturais como se elas fossem estruturais é um equívoco. Gramsci chamou isso de "ideologismo"; e, ao contrário, ao se atacar as mudanças estruturais como se fossem conjunturais, incorre-se no desvio do "economismo".

É desta maneira que uma organização de origens combativas, com táticas de natureza revolucionárias pode incorrer e se aprofundar cada vez mais no desvio do burocratismo. Não é que ela deixe de fazer lutas e disputas; continuará a fazê-las, principalmente para manter a formalidade da estrutura em evidência, mas as táticas perdem as características ofensivas e se convertem em "fórmulas" defensivas ou "limitadas", como disse Che:

> (...) lançam-se algumas fórmulas limitadas: lutas eleitorais de menor importância, algum avanço eleitoral, aqui; dois deputados, um senador, quatro pre-

---

[73] GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Trad: Carlos Nelson Coutinho. Vol. III. Ed. cit., p. 26.

> feituras; uma grande manifestação popular que é dissolvida a tiros; uma eleição que se perde por menos votos que a anterior; uma greve que é vitoriosa; dez que são derrotadas; um passo que se avança, dez que se retrocedem; uma vitória sindical aqui, dez derrotas acolá. E no momento preciso as regras do jogo são mudadas e é necessário reiniciar. São pequenas colinas – disse ele – dominadas pelo fogo da artilharia do inimigo.[74]

Alguém pode perguntar: então nada disso faz sentido; o que faz sentido é a luta armada?

Vista desta forma ela seria mais uma "fórmula": eficiente por um período, curto ou longo, e viria a se tornar um estorvo. Voltemos, então, para as mudanças "estruturais e conjunturais".

Tomemos como ponto de partida a questão: quais mudanças as forças revolucionárias devem realizar? Elas certamente se combinam entre as que são conjunturais e as que também são estruturais. Para tanto, as táticas destacadas anteriormente, na reflexão de Che, não estão descartadas. No entanto, não podem deixar de serem "táticas" que ao perder o dinamismo se convertem em "fórmulas" que favorecem o oportunismo.

E quando é que as "fórmulas" passam a fortalecer o oportunismo? Quando são desenvolvidas isoladamente, visando não o acúmulo para o objetivo estratégico real, mas, sim, a sobrevivência conjuntural oportunista da força em ação.

O que impede que a tática se converta em fórmula? A intervenção nas mudanças orgânicas do processo histórico. Elas obrigam a procurar o caminho do acúmulo de forças que se baseia em três pilares de sustentação: a) mobilização; b) organização; c) formação da consciência política.

As táticas precisam fortalecer o objetivo político estratégico que vem sempre em primeiro lugar: aquilo que contribui com as mudanças estruturais ou, na conjuntura, representam um avanço no acúmulo de forças.

Cabe aqui o alerta ilustrativo que fez Marx ao analisar a excessiva valorização que os alemães davam às eleições em 1848:

---

74 GUEVARA, Che. *Obras de Che Guevara: Textos revolucionários*. São Paulo: Global, 1986, p. 92-93.

"Uma bela manhã, a esquerda poderá descobrir que a sua vitória parlamentar e a sua derrota real coincidem",[75] ou seja, a vitória particular não levou senão a uma derrota da própria força, deixou de ter importância enquanto esquerda.

Sendo assim, a "fórmula" admite a mobilização para dar evidência à estrutura; mas não dá importância à organicidade e à formação política e ideológica da força. "Manobram-se melhor as massas ignorantes e despolitizadas."

Voltemos ao Che para concluir. Pelo que foi dito, deve-se prestar atenção nas condições; observar se as mudanças são orgânicas ou conjunturais; se as tarefas são justas etc. Che pergunta:

> Quais são estas circunstâncias? Dependem, subjetivamente, de dois fatores que se complementam e que se aprofundam no decorrer da luta: a consciência da necessidade da mudança e a certeza da possibilidade desta mudança revolucionária; tais fatores, unidos às condições objetivas... a firmeza na vontade de alcançá-lo e às novas correlações de força no mundo, condicionam um modo de atuar.

Quando o objetivo estratégico é rebaixado, as táticas se convertem em fórmulas e a burocracia encontra, pela ideologia, a justificação política. E, ao justificar, valoriza ainda mais a fórmula e desvaloriza ainda mais a necessidade de elevar o objetivo estratégico.

A justeza da tática está na linha política e na saída que ela aponta para ser alcançada. Com relação a esta questão, nos ajuda Carlos Marighella:

> É impossível traçar uma linha dúbia que tanto sirva para uma saída pacífica quanto para uma saída não pacífica. A dubiedade da linha tática é que leva a uma deterioração das palavras de ordem e à perplexidade repetida em face dos acontecimentos.[76]

A dubiedade ocorre quando o meio escolhe o próprio fim. Sem recolocar como eixo estratégico a revolução, todos têm razão porque, sem rumo definido, a razão perdeu a centralidade.

---

[75] MARX, Karl. "Do artigo Prisões". *In: Karl Marx, biografia*. Lisboa: Avante, 1983, p. 204.

[76] MARIGHELLA, Carlos. "A crise brasileira" *In:* BOGO, Ademar. *Teoria da organização política*. Vol. II. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 257.

A revolução e as tarefas organizativas

O partido enquanto organização não se refere a uma "sigla" nem tampouco identifica-se com uma única estrutura hierarquizada. É uma concepção que afirma a forma associativa da força dirigente e das forças fundamentais da revolução de acordo com as tarefas a desenvolver. É, por sua vez, a parte consciente em movimento que integra um tipo de estrutura associativa mais estável, construída e adequada de acordo com as necessidades dos embates na luta de classes, e tanto pode se ampliar para responder aos novos desafios no amplo espectro das forças como também pode compartimentar-se para desenvolver atividades mais duras e de natureza conspirativa.

As formas organizativas para levar ao triunfo uma revolução são imprescindíveis e podem receber diferentes denominações: frente, movimento, associação, partido único, instrumento, organização política etc., mas devem ser sempre formadas pela parte avançada da classe explorada que, no seu todo, organizadamente compõe-se de forças (motora, fundamental e dirigente) para agir contra a classe dos exploradores, com a participação das mais amplas forças e a maioria de todo o povo.

Esta visão nos leva a crer que este é apenas um dos aspectos centrais para a vitória da revolução. Essa descoberta vem de muito longe desde a citação no *Manifesto Comunista*, escrito por Marx e Engels em 1848 – (...) os comunistas estão empenhados na união e no entendimento dos partidos democratas de todo o mundo"[77] – que os trabalhadores do mundo todo passaram a valorizar mais conscientemente a estrutura organizativa de classe e a participação das amplas massas para enfrentar e derrotar a classe opressora, com táticas adequadas em cada país.

---

[77] MARX, K.-ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Ed. cit., 1986, p. 45

As possibilidades da revolução

Lenin, em seus escritos sobre o partido, definiu claramente sua função como vanguarda: "somente o partido que *organize* campanhas de denúncias realmente *direcionadas a todo o povo* poderá tornar-se, nos nossos dias, vanguarda das forças revolucionárias".[78]

"Organizar as revelações" significava "desvendar" as contradições existentes e apresentá-las de forma simplificada para as massas, comunicando através delas as devidas tarefas a serem desenvolvidas. Dessa maneira, a organização política se coloca à frente do processo não por ser interesseira ou oportunista, mas pelo fato de as demais forças sociais reconhecerem que aquela alternativa é a mais correta.

As massas se colocam em marcha e a favor de determinadas forças na medida em que elas merecerem a sua confiança. Quando lutam por conta própria, produzem espontaneamente as próprias lideranças, mas sabem que precisam de ajuda para alcançarem os objetivos maiores.

Quando as massas se desencantam, podem romper o pacto de unidade, deixando de lado o que estava proposto, e abandonar o campo de batalha. Assim, aqueles que lideram e representam grandes multidões, de uma hora para outra, passam a falar para o vazio. O contrário ocorre com os instrumentos coerentes que as massas consideram aliados; por estarem sempre a favor do povo, merecem o seu respeito e atenção. Esta relação de cumplicidade pode abrir espaço também para o populismo, que ocorre quando as massas ficam presas a certas ilusões, sem, contudo, deixarem de reagir espontaneamente em outras dimensões. Neste sentido é que elas recorrem, a seu modo, ao instrumento político para que este se apresente como a mediação consciente para formular os chamados e delegar as tarefas que unifiquem as forças em movimento.

A combinação entre espontaneidade, organização e formação da consciência na luta social estabelece relações obrigatórias no processo de acúmulo de forças para a revolução. As massas podem,

---

[78] LENIN, V. I. *Que Fazer? Questões candentes de nosso movimento.* Ed. cit., p. 156

ao mesmo tempo, ser motivadas pela espontaneidade e provocar em si mesmas a animação para a luta; a partir disso, seguindo a lei dialética da quantidade e qualidade, as formas organizativas se multiplicam e, ao atuarem cotidianamente, as massas qualificam e elevam o nível de consciência dos indivíduos que participam das tarefas.

É importante compreender que as massas observam as referências organizativas que se colocam para elas com a autoridade de representá-las, mas, em seu meio, elas próprias criam as suas direções que estão fora das instâncias. São a estas direções, parte destacada entre as massas, que as instâncias do instrumento político da classe devem recorrer para saber como está o estado de espírito, a motivação e o interesse das massas para enfrentar os próximos desafios. Faz-se necessário criar círculos de estudo e programar cursos para a parte mais destacada e esclarecida, para que aprofundem a teoria do conhecimento e compreendam as contradições principais da luta de classes.

O que, em certos momentos do período pré-revolucionário, se costuma conceituar como descenso pode ser apenas a revelação do sintoma do distanciamento das instâncias tradicionais, do movimento das massas sociais. Os círculos mais estreitos de direção, diante das dificuldades políticas encontradas a partir das análises feitas, mudam de posição repentinamente, como rompendo com a posição que defendiam anteriormente, e abandonam as massas. Daí que se torna importante sempre rediscutir e atualizar o conceito de "trabalho de base" e buscar a multiplicação de novas lideranças que estejam em sintonia com a direção central.

As referências espontâneas que atuam no meio das massas podem ser uma liderança popular, um agente de saúde, um líder religioso, um evento, uma proposta justa etc. O trabalho de base é sempre o caminho correto para encontrar as massas e saber o que elas desejam e como querem participar, o que significa dizer que as forças conscientes precisam sempre estar abertas a colaborar com o surgimento de novas mediações que estejam ao alcance daquelas forças que estão em ação.

O que isto quer dizer? Que, se a motivação é espontânea enquanto conteúdo, em certos casos, a forma organizativa pode ser propositiva, tomando como referência exemplos já existentes ou inovações adequadas. Então, podemos concluir que há diferentes níveis de motivações e reações espontâneas: religiosa, popular, sindical, institucional, como é o caso da participação no processo eleitoral, ora de protesto ou de natureza insurrecional etc. O fundamental é compreender quais são as formas organizativas que se combinam com estes momentos e que tipo de questões são colocadas para serem respondidas.

Mao Tsé-tung, em seus escritos e na prática, em seu tempo, vinculou ao partido o "exército popular de todo o povo". No mesmo caminho seguiram Ho Chi-minh e o general Giap, no Vietnã, quando estabeleceram a estratégia da "guerra de todo o povo". Em Cuba, a força política dirigente se fundiu com a força militar estruturada na guerrilha da Sierra Maestra.

Nestas, e em outras experiências históricas, ficou claro que identificar a força potencialmente revolucionária não basta: é preciso que esta força se transforme em ação organizada. Esta ação exige cada vez mais que a organização se qualifique e aprofunde o conteúdo de suas análises, esclarecendo quais são os passos a serem dados no caminho escolhido para alcançar os objetivos da transformação.

Ernesto Che Guevara, ao resgatar a definição de Partido, explicou que seus membros são "pessoas fundidas por uma comunidade de ideias que se agrupam para dar vida às concepções marxistas, isto é, para levar a cabo a missão da classe operária".[79]

Com relação à "classe operária", ele explica:

> (...) é lógico que este partido seja o de uma classe (...) não se pode conceber que a construção do socialismo seja iniciada com um partido da classe burguesa, um partido que tivesse entre seus integrantes uma boa quantidade de exploradores e que estes fossem encarregados de fixar sua linha política.[80]

---

79 GUEVARA, Che, *Obras de Che Guevara: textos revolucionários*. Ed. cit., p. 52.

80 *Idem*, p. 52.

Primeiro, a "missão da classe operária" não pode ser outra a não ser a de levar a cabo a revolução. Para tanto, necessitaria da organização partidária que se encarregasse de criar a unidade em torno da "comunidade das ideias", ou seja, em torno de um programa com os objetivos voltados para a revolução. Sem isto, os elementos constitutivos não se fundem, não se aglutinam e, se por acaso se aglutinam, não agem corretamente. A organização partidária cumpre o papel de carregar consigo a identidade de classe que esteja comprometida com a construção do socialismo. A unidade entre os membros da mesma classe em torno do objetivo principal é a garantia de que se pode levar a cabo a luta pela transformação e a construção da sociedade socialista no momento seguinte à tomada do poder, ou seja, esta "comunidade" associativa se faz necessária antes e depois do triunfo da revolução. É claro que esta "comunidade das ideias", como as demais criações, é fruto de uma determinada época. As circunstâncias históricas indicam quais são as características da sociedade que se deve transformar, e dos contextos concretos brotam as imaginações para se antecipar no programa o tipo de sociedade que se quer construir. É no meio deste ascenso que surgem as necessidades e as oportunidades para a criação de novas formas organizativas e a superação dos limites políticos, programáticos e organizativos.

> Todo partido contém as limitações e as grandezas da sociedade em que emerge e das classes que representa. Ele reproduz e supera carências históricas e políticas, mas em algum ponto sofre as determinações estruturais, dinâmicas e históricas das contradições que provocam o seu nascimento e crescimento (...).[81]

A organização revolucionária é a capacidade política de as forças organizadas apresentarem soluções profundas dos problemas sociais para a classe e para as massas populares que ela representa. Logo, avança quando encontra condições amadurecidas e sofre enormemente quando as condições ainda não são propícias para levar a revolução adiante. As ideias e as práticas revolucionárias

---

[81] FERNANDES, Florestan. *O PT em movimento*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 39.

são como as sementes que germinam conforme o ambiente que encontram. Fora dele, fenecem. Sofrem, como diz Florestan, as determinações estruturais. Não podemos imaginar que os indígenas da Amazônia utilizarão as mesmas táticas e se organizarão da mesma forma que os grandes contingentes de massas das metrópoles brasileiras, mas eles terão, pelo lugar que ocupam, que contribuir, a seu modo, com o processo revolucionário, com suas práticas e formulações teóricas.

As limitações são partes constituintes da mesma força, pois servem como referências opostas às facilidades e jamais se podem desconsiderá-las. Elas estão presentes nos indivíduos e na coletividade também. Conhecê-las é a melhor maneira de superá-las. O ser social somente se torna parte da revolução quando se apresenta como sujeito da ação, pois jamais haverá revolução se a elaboração e a ação forem externas à realidade regional onde o sujeito vive. O sujeito somente se integra ao processo universal quando se liga ao processo particular, ou seja, somente alcançamos os objetivos gerais se lutarmos por realizar os objetivos específicos. Nisto consiste a preocupação de que a força dirigente não seja centralizada em lugares imaginários: ela deve estar onde estão as potencialidades revolucionárias, o que não se mede apenas pela localização do elevado contingente populacional, mas também pelos pontos de interesse estratégico estabelecidos pelo inimigo.

Cada realidade deve ter a sua própria força de transformação; os seus organizadores devem saber formular as táticas e intervir nos momentos decisivos como se fosse o último da história. A transplantação automática de ideias e métodos quase sempre confirma profundos fracassos. A história não produz sementes, apenas exemplos que não se repetem, como disse Marx ao iniciar o seu *O 18 Brumário*[82], observando a posição limitada de Hegel quando defendeu que os fatos e os personagens se repetem por

---

82 A obra *O 18 Brumário de Luis Bonaparte* é ironicamente intitulada por Marx fazendo menção ao golpe de Napoleão I dado na França em novembro de 1799, repetido com a restauração imperial de seu sobrinho em 2 de dezembro de 1852.

duas vezes na história, mas se esquecendo de dizer que a primeira poderia ser como tragédia e a segunda, como farsa.[83]

É nesse sentido que se torna necessária a organização consciente, tanto para evitar as farsas como também as tragédias, embora isto não seja totalmente seguro. São as circunstâncias históricas que permitem a um partido encontrar os caminhos da transformação da sociedade, e nisso está situada a questão da elaboração de métodos de ação para desencadear as mudanças, como reforça o próprio Marx quando diz que os homens fazem a própria história, mas de acordo com as circunstâncias recebidas do passado.[84]

Talvez esta seja uma das grandes limitações que herdamos das gerações passadas: as ideias elaboradas para outras circunstâncias. Aplicadas mecanicamente em circunstâncias novas, as ideias correm o risco de induzir a farsas e a cometer tragédias. Esta prática, ao longo dos tempos, enfraqueceu o materialismo histórico, tornando-o, em certos momentos, um manual de dogmas que aos poucos lhe tirou o vigor. Teria sido o "eurocentrismo", como diz Löwy, que deturpou o marxismo latino-americano?[85] Mais do que o eurocentrismo, foi a incapacidade de ler corretamente a realidade latino-americana em sua diversidade, porque o "eurocentrismo" não foi capaz de impedir, mesmo com a força das ideias etapistas ao redor, a Revolução Cubana, quando esta teve a capacidade de combinar reflexão e ação para enfrentar as contradições específicas daquele país. Houve também muitas derrotas, mas nas análises concretas das situações concretas é preciso reconhecer quando o inimigo é mais forte e acerta em suas formulações estratégicas. As ideias consideradas "eurocentristas" contribuíram com a prática de equívocos nas lutas locais, quando os sujeitos deixaram de teorizar as suas próprias práticas e de perceber as próprias contradições, aplicando sobre uma realidade adversa uma teoria desambientada.

---

83 MARX, Karl. *O 18 brumário e cartas a Kulgelmann*. Ed. cit., p. 17.

84 *Idem*, p. 17.

85 LÖWY, Michel (org.). *O marxismo na América Latina*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003, p. 10.

A referência que podemos destacar como exemplo é a comparação entre a profunda elaboração feita por Marx e Engels – com base nas condições do capitalismo na Europa do século 19 – e de Lenin, aproveitando a elaboração produzida por seus antecessores, mas ampliando o seu alcance a partir da realidade russa, cujo desenvolvimento capitalista foi distinto do da sociedade europeia. Poderíamos dizer quase a mesma coisa da China se observarmos concretamente os textos de Mao Tsé-tung. O mesmo intento não se logrou alcançar na América Latina, embora seja possível destacar alguns revolucionários como José Carlos Mariátegui, no Peru; Ernesto Che Guevara, na Bolívia; Carlos Marighella, no Brasil etc. Ao não conseguirem triunfar com suas iniciativas, foi como se a história não tivesse lhes dado razão.

É verdade que, quando se pretende transportar ideias, transportam-se também culturas e modelos de organização. Em se tratando da experiência dos partidos comunistas, a partir de 1919, quando unificaram os nomes, as análises, os métodos de conduzir as práticas desde a realização de reuniões até os congressos, as formas comunicativas, as decisões tomadas de forma excessivamente centralizadas, o desinteresse pelas práticas e lutas sociais locais, bem como o controle absoluto dos movimentos sociais e sindicatos, suprimiram as potencialidades e entorpeceram as capacidades de elaboração, o que conduziu a práticas inofensivas à lógica do capital e à burocratização das estruturas organizativas.

A burocracia, mais do que uma prática oportunista, é o empobrecimento das ideias, pois não deixa criar o novo e os seus agentes tornam-se vítimas das criações alheias. Não se pretende com isso dizer que as tarefas administrativas não sejam importantes, e sim que a eficiência é um princípio que se aplica em todas as tarefas. A perversidade do burocratismo está em ver as contradições políticas de forma administrativa, os métodos como formulações já prontas e os princípios como preceitos dogmáticos.

Fugir do dogmatismo significa fugir também do burocratismo que administra a luta de classes em vez de acirrá-la. Criar, a partir

da própria realidade, alternativas que desencadeiem os processos revolucionários é o que se pode extrair como ensinamento da dialética. Para tanto, a classe precisa ter a sua própria organização, altamente qualificada e articulada com as demais forças das massas populares.

Se a organização partidária deixa de elaborar as suas próprias ideias e apenas copia formulações feitas em outros contextos, é claro que a estrutura organizativa repetirá os métodos e o pensamento formulados para determinada realidade, mas aplicados sobre outra, como se vivesse no tempo de seus antepassados. Isso é um equívoco. As experiências servem como referências que marcam possibilidades, mas não podem ser tomadas como receitas imutáveis. Sem a dinamicidade das contradições específicas, a revolução não nasce, e se nasce não se alimenta e morre.

Poderíamos então dizer que a revolução é um projeto a ser agarrado pelas diferentes forças políticas. Essas forças, no dizer de Lenin, devem ser especificadas, e cada uma deve assumir o seu papel, seja de direção, seja de auxílio, seja de impulso constante da revolução.

Cada revolução escolhe o seu território ou seu campo de batalha preferencial a partir das contradições da realidade sobre a qual as forças atuam; a análise desta última deve ser a base fundamental para se pensar a estratégia da revolução. Há revoluções que, por suas condições históricas, tomaram lugar no território agrário e lá desenvolveram a estratégia de guerra prolongada com táticas de guerrilha e, posteriormente, avançaram para as cidades. Há outras que preferiram o território urbano sem desprezar os camponeses, tendo como estratégia a insurreição. O fundamental é compreender que em tais territórios se concentravam as melhores condições para que as forças revolucionárias levassem a revolução ao triunfo.

Não pode haver revolução sem pensamento revolucionário; a teoria revolucionária se expressa no programa e em todas as formulações necessárias para que as definições obrigatórias tenham o seu próprio conteúdo.

Acima de tudo, para que exista uma revolução é necessária a motivação das forças para fazê-la. Ernesto Che Guevara, ao descrever os aspectos da Revolução Cubana, caracterizou a motivação como "força telúrica" compreendida como vontade, disposição e confiança de estar junto com aqueles que se propuseram a iniciar o caminho das transformações, com a guerrilha, as lideranças e as massas em movimento.

A continuidade da revolução

Embora a revolução deva ser feita pelas forças sociais e muitas coisas em seu processo sejam imprevisíveis, ela se torna impossível sem uma força dirigente organizada para conduzir a construção do poder. Se é fato que sem ação não há organização, sem organização não há revolução.

É a força dirigente, como guardiã da consciência de classe, que desvenda quando a sociedade vive um momento revolucionário e aproveita para associar as demais forças em movimento para acelerar a derrota da classe dominante.

As forças motrizes, auxiliares e dirigentes, em sintonia com o programa de ação, arrastam atrás de si os setores indecisos, embora nem sempre seja possível aglutiná-los em um único plano, pois uma revolução é justamente o despertar de todas as forças para a mesma finalidade, a partir de onde cada grupo social vive. De tempos em tempos, o movimento de evolução e qualificação das forças produtivas não afeta apenas o movimento da produção; ele desloca também as forças sociais para novos territórios e posições. A classe não deixa de existir, mas as pessoas sofrem uma "desclassificação". Assim, muitos deixam de ser o que eram profissionalmente justamente porque são afastados do processo produtivo. Se a Revolução Industrial fez a classe operária crescer, aglomerando enormes contingentes humanos em lugares específicos, a revolução da eletrônica, da informática e da robótica dispersou estes contingentes e criou novas categorias. Muitos trabalhadores que constituíam a classe operária – por fazer parte de alguma categoria profissional e por receber salário, por tal ofício –, de um momento para outro, ao perderem o emprego, deixaram

de ser classe e passaram a fazer parte das massas populares. As massas populares, por sua vez, ao não conseguirem mais colocação no mercado de trabalho, deixam de ameaçar diretamente os patrões, mas intimidam os capitalistas enquanto classe, principalmente porque ameaçam as grandes metrópoles, por representarem possibilidades de insurgência constante, e, sem dúvida, são imprescindíveis para o processo insurrecional.

O envolvimento de todas as forças no processo de transformação social não diminui a importância da classe que produz a mais-valia e, por isso, é a força principal, importantíssima para constituir a força dirigente. Contudo, não basta ser da classe operária para automaticamente ser considerado revolucionário. Não esqueçamos que há muitos setores operários que, pelo nível salarial e pelas condições de vida adquiridas, assumem a posição de classe da pequena burguesia.

Fundamentalmente, é necessário que as forças organizadas, que representam as classes se unifiquem com as massas populares também organizadas no mesmo ou em outros tipos de instrumento para elaborarem o programa da revolução, com as devidas tarefas para cada setor; também é fundamental ter em mente que as estratégias de tempos em tempos precisam ser reformuladas, pois as táticas e o movimento das forças perdem a sua justeza por conta das mudanças na organização da produção e na política.

> (...) nos países onde a revolução proletária venceu, os partidos comunistas ou as forças revolucionárias modificaram em tempo a sua estratégia. Deixaram de separar a burguesia nacional do imperialismo; reconheceram que as classes burguesas internas não fariam frente às suas tarefas revolucionárias; entenderam que as crises de poder comportavam a existência histórica de dois padrões exclusivos de revolução social e deram a devida prioridade à revolução proletária, percebendo que as massas a apoiariam com entusiasmo (...).[86]

É o processo revolucionário em cada época que confirma quem são os inimigos e os aliados.

---

[86] FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a revolução brasileira.* São Paulo: Expressão Popular, 2000, p. 78.

Esta referência da "revolução proletária" é colocada aqui como uma forma de expressão e de classificação da natureza da revolução que leva até o fim a decisão de tornar a classe trabalhadora dona dos meios de produção. Ela não tem o objetivo de desconsiderar nem de diminuir a importância da participação dos camponeses e de outras forças como as massas populares, que são fundamentais para que as revoluções sejam vitoriosas. Por diversas vezes as revoluções proletárias foram vitoriosas porque a força dirigente, em cada local, conseguiu interpretar corretamente quem eram os inimigos e quem eram os seus aliados. Ao perceberem as verdadeiras contradições e os interesses em disputa, as forças dirigentes desbloquearam o entusiasmo das massas, criaram as condições para a formação do bloco contra-hegemônico local com as forças que tinham interesse e precisavam da revolução. A partir daí, todas as ilusões foram descartadas.

O movimento revolucionário é também o impulsionador da "vontade coletiva", ou seja, produz as condições que fazem avançar as lutas para modificar a ordem de direito e cria o direito da ordem revolucionária.

A vontade coletiva, neste século, terá que ser criada pela maioria, diferentemente da maneira que ocorrera no passado, como bem identificaram Marx e Engels:

> Na história, todos os movimentos sociais foram desencadeados por minorias em proveito das minorias. Já o movimento proletário caracteriza-se por ser um movimento consciente e autônomo de uma maioria esmagadora em proveito dessa mesma maioria. A classe operária que constitui a base da sociedade atual não pode se levantar e se impor sem fazer voar pelos ares todas as camadas da sociedade oficial que dominam.[87]

A conquista do poder tem que ser física e intelectual. O controle do capital não pode ser parcial e deixar que parte dos meios de produção permaneça nas mãos das classes que anteriormente eram hegemômicas. O Estado, segundo Marx e Engels, após o triunfo da revolução, é o único instrumento universal que os trabalhado-

---

[87] MARX, K.-ENGELS, F. *O Manifesto do Partido Comunista*. Ed. cit., p. 28.

res têm em mãos para impor a ordem ou a vontade da maioria, contudo ele deve ser reformulado internamente para que "(...) a forma transitória do Estado em vias de desaparecimento, a forma de transição do Estado para a ausência do Estado, será o proletariado organizado como classe dominante".[88] O Estado continuará sendo de imediato o ente aglutinador para a construção do poder popular, no sentido de que deverá estabelecer tarefas para todos, sejam das classes exploradas, sejam das massas populares. Além disso, há que se incentivar as mudanças das relações sociais através de uma profunda revolução cultural em que todos os hábitos e posturas de desequilíbrio sejam questionadas. Dessa maneira, o poder não se encastelaria no aparelho do Estado, mas estaria em todos os lugares onde os problemas precisam de soluções. O partido ou organização política continua com o seu papel de reunir a força dirigente consciente para estabelecer relações entre as forças sociais revolucionárias, vigiar as diretrizes e as posições ideológicas e se preocupar com a formação da consciência, em geral e em particular, nas fábricas, escolas, associações, empresas, forças armadas etc.

É preciso não ter pena de "fazer voar pelos ares" tudo aquilo que impede o triunfo da revolução. Quando a força dirigente vacila, coloca em risco a continuidade do processo revolucionário e, portanto, favorece a contrarrevolução. A revolução política, como diz Marx, é a revolução da sociedade civil[89]. "(...) A sociedade civil compreende todo o intercâmbio material dos indivíduos numa determinada etapa do desenvolvimento das forças produtivas. Compreende toda a vida comercial e industrial de uma etapa, e nessa medida transcende o Estado e a nação (...)"[90], ou seja, é a ação contra a classe que controla os meios de produção, e contra o Estado que irá dar origem aos conflitos e à guerra revolucionária.

---

88 LENIN, V. I. *O Estado e a revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 76.

89 MARX, Karl. *Para a questão judaica*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 68.

90 MARX, K. -ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 110.

As forças contrarrevolucionárias tornam-se dóceis quando estão cercadas e ameaçadas, procuram subterfúgios para obterem o perdão de seus crimes históricos e, por isso, propõem composições políticas, fingindo-se de aliados das forças revolucionárias na tentativa de ganhar tempo e aí voltar com toda a selvageria e violência que lhes são próprias.

As massas devem sentir que a usurpação dos direitos e as condições materiais perdidas serão repostas com a revolução. As massas, através das ações que fortalecem o objetivo estratégico da revolução, tornam-se também revolucionárias. Através das ações contra a dominação da classe dominante o poder se aproxima, fica ao alcance das mãos e, por isso, pode ser tocado e usufruído por todas as forças a seu favor. Todas as ações que geram conflito a favor da revolução, no processo revolucionário, são revolucionárias. O poder é um acontecer permanente. A correlação de forças é que determina de que lado ele está até que a classe dominante burguesa seja eliminada. Sempre que a classe trabalhadora enfrenta as classes opositoras está exercitando a sua capacidade de exercer o poder de outra forma.

As massas em movimento querem o poder, embora não tenham clareza sobre o que fazer com ele. A força dirigente tem a responsabilidade de dar sentido ao poder e fazer com que as massas compreendam o destino que devem dar a cada espaço do poder conquistado e construído, participando ativamente dele. Na medida em que as massas se tornam parte da revolução, passam a exercitar o poder antes e depois de levá-lo a cabo com a derrota das forças inimigas e, então, aprendem a utilizá-lo como instrumento de execução das propostas contidas no programa da revolução.

A situação em que vivemos atualmente na América Latina é de especial consideração. O avanço do imperialismo, com métodos universais de intervenção, apropriação e usurpação da soberania, nas últimas décadas, descentralizou a produção industrial, modernizou as forças produtivas e replanejou a divisão internacional do trabalho, influindo para que se reduzisse a participação do Estado

na economia e privatizando o patrimônio público e os serviços, o que fez com que a classe operária perdesse a sua capacidade de reação como força desestabilizadora contra o capital.

A crise do capitalismo e a volta do Estado como agente econômico no socorro ao capital financeiro ou na retomada de alguns investimentos econômicos não devolveu à classe operária o potencial de mobilização. Mas isto era de se esperar, como previu István Mészáros: "O capital não vai prestar este 'favor' ao movimento operário pela simples razão de não poder fazê-lo."[91] O Estado e o capital podem recolocar as economias em crescimento, mas não irão restituir nem os postos de trabalho perdidos nem o ambiente agitativo das fábricas. Com as mudanças estruturais em andamento, o capital, em países com potencial de desenvolvimento através da emergência de soluções burguesas, coloca as contradições em dimensões distintas daquelas costumeiramente enfrentadas pelos sindicatos em décadas passadas.

Temporariamente desfeitas as potencialidades clássicas para a realização das revoluções, a história não parou e nem deixou de ser feita segundo as circunstâncias econômicas, políticas e sociais encontradas em cada país. Na maioria dos países da América Latina, com maior ou menor reação das massas, as lutas sociais e as eleições realizadas no final da década de 1990 em diante significaram uma tentativa de formação de uma nova esquerda. A primeira medida deste movimento, que alguns imaginaram ser a "refundação da República", foi utilizar a tática de instalar assembleias constituintes no intuito de modificar as constituições.

O processo de acúmulo de forças de forma espontânea, vinculado mais aos movimentos do que às classes e aos partidos, vem se dando através das consultas populares, da distribuição da terra e da nacionalização dos investimentos estratégicos, ou seja, o caminho escolhido pelas forças sociais e políticas não é, em primeiro lugar, a guerra civil, mas, sim, a potencialização das disputas possíveis para agir com a legitimidade da própria ordem.

---

[91] MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 27.

Nas regiões onde as lideranças e os partidos não interpretaram corretamente que o caminho das mudanças passa pela "refundação da República" e seguir adiante, ou onde essas se acovardaram diante das possibilidades de gerar conflitos, mesmo com as massas tendo votado contra o modelo econômico vigente, os governantes eleitos mantiveram o mesmo modelo e passaram a cumprir o papel de serviçais das forças dominantes e do império. Enfraqueceram pela política de cooptação das forças não somente a luta estratégica pelo poder, mas também as organizações e movimentos sociais integrantes de um projeto limitado que lhes negou as tarefas políticas para gerar confrontos. Diante de um movimento social fraco e de partidos debilitados e cooptados, as massas viram os sonhos das mudanças afundarem na lama da corrupção e do oportunismo eleitoreiro e se recolheram.

"Os partidos políticos do movimento operário não puderam elaborar uma alternativa viável porque se encontraram, em sua função de negação, exclusivamente na dimensão política do adversário, tornando-se, desta forma, completamente dependente do objeto que negavam."[92] Os partidos de esquerda e de oposição em vários países tornaram-se reféns da situação quando entraram para as administrações públicas dentro dos marcos da ordem burguesa. Além de se tornarem serviçais da ordem, não se propõem a fazer qualquer mudança, pois temem as críticas e as reações das forças contrárias.

Antonio Gramsci, na primeira metade do século passado, analisando processos limitados de mudanças sociais, entendeu que era preciso ir além da simples tomada do Estado; era necessário dar poderes às instituições proletárias de fábricas, fazer surgir organismos semelhantes nas aldeias e fazer com que aqueles que neles integrassem fossem conscientes das tarefas que deveriam desempenhar. O que certamente tem faltado para os processos em andamento, como a Revolução Bolivariana, é a organicidade da revolução, para que, com isto, o comando possa designar as tarefas que competem às massas.

---

[92] *Idem*, p. 29.

É através da participação orgânica das classes e das massas populares que a revolução ganha vigor. Haverá sempre parcelas das forças que lutam pelo poder sem pensar em exercê-lo diretamente, pois aprenderam a ser representadas e preferem que o triunfo para si seja revertido em benefícios econômicos e sociais, e não em cargos políticos. Mas é preciso considerar que estas forças exercitam o poder enquanto lutam, porque atacam as forças dominantes que precisam ser derrotadas. As forças mobilizadas representam não só uma ameaça à classe dominante, mas revelam inteligência e capacidade de controle dos espaços de poder que as tarefas da luta exigem. Outras forças lutam para posteriormente ocupar lugares determinantes na estrutura de poder da sociedade. Para ambas as forças deve haver tarefas e funções estabelecidas.

A revolução é uma necessidade vital para se chegar ao socialismo. Sem ela, este jamais poderá existir, mas ela precisa ser mais do que a "parteira da história", pois não se trata de um mero nascimento, mas, sim, de um nascimento encadeado na continuidade histórica em busca do controle não só do Estado – como estrutura de comando político do sistema que dá garantias ao capital –, mas do próprio capital, que se coloca como o senhor do tempo, das relações de produção e sociais, asfixiando o trabalho e o trabalhador. A revolução precisa ser capaz de não se deixar envolver pelas mediações já estruturadas. O Estado não pode ser visto como um instrumento eterno no qual se refugiam as forças revolucionárias, pois, com o desaparecimento da competição entre as classes, o Estado tende a ser enfraquecido e eliminado. Não o será se dentro dele se criar uma burocracia partidária que se proporá a administrar as contradições em vez de provocar rupturas constantes.

O socialismo é um "período de transição", como afirmaram nossos pensadores clássicos, mas é preciso que as forças revolucionárias o edifiquem universalmente para derrotar definitivamente o capitalismo como modo de produção em escala mundial. Assim, podemos voltar a Marx, no prefácio de *Para a crítica da Economia Política*; que nos ajudará a compreender este emaranhado de coisas:

> Uma formação social nunca perece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais ela é suficientemente desenvolvida, e novas relações de produção mais adiantadas jamais tomarão o lugar antes que suas condições materiais de existência tenham sido geradas no seio mesmo da velha sociedade.[93]

Prova cabal de que a revolução continua após a derrota da classe dominante. Diante disso, podemos dizer que existem condições para a revolução antes e depois das forças revolucionárias chegarem ao poder.

Após a conquista do poder pelas forças revolucionárias, ao deixarem de perceber os resquícios de hábitos e de relações burguesas, reforçam a sobrevida do capital, que continua vigente e na eminência de renascer debaixo das cinzas como as brasas acesas nas coivaras da história, ou, como nos disse Hobsbawm, ao analisar a derrocada do socialismo no Leste da Europa: "O comunismo não se baseava na conversão em massa, mas era uma fé de quadros...".[94]

Naqueles países, as massas não tinham mudado seu referencial de comportamento, por isso também não se sentiam responsáveis por um sistema que não compreendiam e não eram consideradas parte de sua composição. Foi, sem dúvida, uma revolução interrompida pela influência das forças do capital, das guerras e da competição tecnológica, mas, acima de tudo, pela incapacidade de os "quadros" despertarem a mesma "fé" nas massas.

Sem dúvida, cada sociedade desenvolve a sua revolução a partir das condições materiais e culturais que possui. Algumas leis, porém, devem ser tomadas como universais, por exemplo: controle completo e total das empresas e do capital; a passagem dos meios de produção para o controle dos trabalhadores; a destruição do Estado capitalista e a edificação de um outro tipo de Estado controlado pelos trabalhadores; a democratização das decisões, inclusive na elaboração das leis; e o estímulo à criação cultural.

---

93 MARX, Karl. *Para a crítica da Economia Política*. Ed. cit., p. 26.

94 HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: Breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 480.

É nisso que deve se basear a revolução permanente: ser conduzida para o fim maior, que é a superação completa e total do modo de produção capitalista, que não se constitui somente pelo sistema econômico e pelo Estado. As relações sociais são permeadas de interesses contraditórios; as ideias, dominadas pelos mitos; o individualismo (um aliado ferrenho da propriedade privada) instiga as deformações de caráter; a arte revolucionária torna-se subjugada pelo burocratismo administrativo e pelas práticas retrógradas. As massas deixam de ser críticas e criativas, e por isso o futuro fica sem perspectivas. Foi o que ocorreu na URSS, segundo Hobsbawm:

> A URSS continuou culturalmente estéril, pelo menos em comparação com suas glórias pré-1917 e mesmo com a fermentação da década de 1920, com exceção talvez da poesia, a arte mais capaz de ser praticada em privado... Suas artes visuais sofreram sobretudo da combinação de rígida ortodoxia, ideológica, estética e institucional, e total isolamento do resto do mundo.[95]

Por isso, entendemos que a revolução não pode libertar para depois asfixiar ou asfixiar-se a si própria: ela deve continuar a ser sempre revolução, principalmente no que se refere à liberação da capacidade criativa. Uma sociedade que nada cria está doente. A liberdade de criação está na distribuição das responsabilidades com as forças que venceram a batalha do poder e que não podem deixar de executar as suas tarefas, sejam elas produtivas, políticas, sociais ou culturais.

É, de fato, uma doença que não pode criar; mas, para eliminar esta moléstia de dentro do seio da sociedade, Ernesto Che Guevara assegurou o caminho:

> Mas nós temos que defender a revolução, aquela que estamos fazendo todos os dias. E para poder defendê-la é preciso fazê-la, construindo-a, fortificando-a com esse trabalho que hoje não agrada à juventude, ou que pelo menos é considerado como o último dos seus deveres, porque ainda conserva a mentalidade antiga, a modalidade do mundo capitalista, isto é, de que o trabalho é um dever e uma necessidade, mas um dever e uma necessidade tristes.[96]

---

[95] *Idem*, p. 487.

[96] GUEVARA, Che. *Obras de Che Guevara: textos revolucionários*. Ed. cit., p. 57.

Então, não se trata apenas de revolucionar as estruturas sociais, mas também as estruturas de comportamentos, morais e de valores. O conteúdo da revolução é rigorosamente contrário ao modelo da velha ordem burguesa. Aproveitam-se os avanços úteis do desenvolvimento das forças produtivas, mas deixa-se para trás aquilo que macula as relações humanas. Este conteúdo questionará a consciência e exigirá mudanças nas práticas cotidianas.

Isto quer dizer que a revolução socialista exige que se tenha um olho na realidade local e o outro na realidade mundial; que as ações devem ser constituídas de tarefas diversas, realizadas a partir de onde se vive, mas deve-se compreender que elas contribuem para atacar o mesmo inimigo da humanidade que é o imperialismo. Os povos, embora pertençam a diferentes etnias, são oriundos do mesmo gênero, e por isso são irmãos. A apropriação dos meios de produção e a exploração da força de trabalho é que os divide em classes.

O destino de todas as revoluções é a sua continuidade, ou ser "permanente", como previram Marx e Engels em diversos documentos, principalmente na "Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas" de 1850, no qual destacam que a revolução deve ser permanente até que seja eliminada toda a dominação das classes, mais ou menos possuidoras, até que a associação dos proletários seja vitoriosa não apenas em um país, mas em todos os países do mundo.

Características atuais da organização política

Na luta de classes nem tudo precisa ser inventado, nem tampouco se deve considerar que aquilo que vem de "fora" ou do passado nada tenha a contribuir. Há elementos históricos e atuais que podem ser respeitados; há verdades que permanecem; há princípios que precisam de atualização no conteúdo, mas que, na forma, estão corretos, pois, são ensinamentos e experiências altamente benéficos para os nossos dias. Em outras palavras, é preciso acumular a água sem destruir o poço.

Não se pode desprezar os princípios organizativos formulados no passado, como o centralismo democrático, a direção coletiva, a vinculação das direções com as massas, o estudo concreto da situação concreta etc., em nome das inovações aleatórias. Cada princípio, em cada época, deve ser acrescido de conteúdos e de formas atualizadoras.

Assim como não se pode repetir dogmaticamente as formas organizativas, também não se deve negar tudo simplesmente porque determinadas iniciativas não foram vitoriosas ou incorreram em alguns equívocos. É importante atualizar a linguagem, sem, contudo, querer inventar outro alfabeto. De Lenin a Hugo Chávez, todas as formas organizativas nasceram das táticas propostas para solucionar o problema da exploração do homem pelo homem. A necessidade das ações obrigou a construir organizações capazes de responder aos desafios de cada momento histórico. Lenin nos chama a atenção quando pergunta: quais os requisitos que todo marxista deve cumprir quando se examinam as formas de luta? E responde:

> Em primeiro lugar, o marxismo se distingue de todas as formas primitivas de socialismo, que não vincula o movimento a nenhuma forma de luta específica ou determinada (...) em segundo lugar, o marxismo exige incondicionalmente que o problema das formas de luta seja enfocado historicamente (...).[97]

Entende-se que os processos e momentos específicos exigem que as forças revolucionárias encontrem e formulem as melhores táticas para enfrentar os desafios que a luta de classes impõe.

As formas de organizações partidárias revolucionárias, de natureza associativa de classe, são mais do que simples partidos, ou seja, são organizações de grandes proporções de massas extraídas da "parte consciente" da classe, que influi sobre uma outra parcela significativa de massas "inconscientes", para fazer a revolução e, coletivamente, seguir desenvolvendo a consciência e organizando o socialismo em todos os sentidos.

---

[97] LENIN, V. I. "La guerra de guerrillas". *In: Obras militares escogidas*. Havana: Biblioteca Oficial, 1970 p.141-142.

Na "Carta aos Comunistas", quando rompeu com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1980, Luís Carlos Prestes fez uma autocrítica destacando as características que um partido político deveria ter. Segundo ele, tornou-se evidente que o PCB não estava exercendo um papel de vanguarda... Estavam atrasados no que dizia respeito à análise da realidade brasileira e não tinham respostas para os novos e complexos problemas; faltava iniciativa e havia ausência dos comunistas na política nacional; falia a direção por não ter sido capaz de separar, com o necessário rigor, a atividade legal da ilegal nem construir uma real unidade em torno de objetivos politicamente claros e definidos.[98]

No seu entendimento, para conquistar o lugar de vanguarda e ser admirado e auxiliado pelas massas, um partido revolucionário deveria aplicar a linha política correta, que, por sua vez, seria formulada a partir de uma detida análise concreta da realidade sobre a qual ele deveria intervir. Deveria funcionar com direção coletiva e ter unidade ideológica política e orgânica.

Compreendemos que a estratégia revolucionária não pode estar separada da estratégia da construção da organização revolucionária, pois uma é responsável pela eficiência da outra. O caminho estratégico escolhido exige uma organização de qualidade para dar conta de todas as tarefas planejadas. Esta precisa estar preparada para enfrentar os desafios que encontrará pela frente. Haverá momentos decisivos em que o tempo de preparação se esgota e em que não é mais possível voltar atrás, mas seguir em frente sem resolver as deficiências organizativas pode significar uma derrota fatal.

No entanto, há infinitas tarefas que são executadas pelas massas sem um planejamento prévio e que desgastam as forças inimigas. Nesse sentido, nem o conjunto das táticas são flexíveis, nem as formas organizativas devem sê-lo.

---

[98] PRESTES, Luís Carlos. "Carta aos comunistas". *In:* BOGO, Ademar (org.). *Teoria da organização política*, vol. II. Op. cit., p. 90-91

A parte consciente da classe trabalhadora e das massas populares nem sempre possui a clareza de quando deve criar uma nova organização, mas carrega um sentimento aguçado de quando deve abandonar aquelas já criadas e, nesse sentido, começa retirando seu apoio, rejeitando as tarefas, desprestigiando seus eventos, até, e por fim, chegar à rejeição completa.

Qualquer organização deve cuidar-se para estar sempre atualizada e permanentemente autocriticar-se para se corrigir. O programa e a formulação estratégica é que dão vigor e consistência teórica à organização, e é a partir disso que as lutas se movem dentro das contradições estabelecidas pela realidade na busca de transformá-la. Nas circunstâncias em que vivemos, de profundas mudanças estruturais dentro do próprio capitalismo – seja na base produtiva, no papel do Estado ou nas relações sociais e culturais cotidianas – é importante que tanto a organização política quanto a militância redefinam algumas características organizativas e de comportamento moral para agirem sobre a realidade a ser transformada.

Uma organização política não pode ser apenas elaboradora teórica; precisa também ser executora prática. Há muitas dúvidas sobre qual é o papel da organização partidária e de um movimento social, assim, muitas questões não terão respostas fora da prática e outras questões deverão surgir com o desenvolvimento de práticas novas.

É importante, neste momento, que estabeleçamos alguns pontos de referência que esclareçam certas questões sobre a construção organizativa e algumas tarefas políticas, sem pretender que sejam as únicas.

a) A organização política e a luta de classes em todos os espaços

O programa, as tarefas e o tipo de estrutura a ser adotado pela organização política (sem inibir outras formas) devem ser estabelecidos a partir da compreensão das condições concretas e do momento político presente, para conseguir, a partir disso, responder aos desafios políticos apresentados pelas circunstâncias históricas.

Nos diferentes períodos históricos, a classe trabalhadora adotou várias maneiras de se organizar que permitiram, através da junção das forças, chegar à revolução. Enquanto Gramsci, preso à própria realidade italiana, defendeu uma estrutura mais aberta e flexível, Lenin, devido ao clima de forte repressão do regime tsarista, optou pela criação de uma organização mais compacta, profissional, que pudesse ter influência na base da sociedade, como podemos verificar por suas palavras:

> (...) um pequeno núcleo compacto – composto dos operários mais firmes, mais experimentados e provados, com delegados nos principais bairros e que de modo rigoroso se vincule clandestinamente à organização dos revolucionários – poderá perfeitamente, com a mais ampla colaboração da massa e sem qualquer regulamentação, realizar todas as funções que competem a uma organização sindical (...)[99]

E continua dizendo:

> Poderiam objetar que uma organização *lose* [livre, ampla em inglês] ao ponto de não ter qualquer regulamento, nem membros declarados e registrados, não poderia ser qualificada de organização. Talvez: não me importo com o nome. Mas esta "organização sem membros" fará tudo o que é necessário, assegurará desde o princípio uma ligação sólida entre os nossos futuros sindicatos e o socialismo (...).[100]

Pela concepção leninista, o número de militantes do partido não era o determinante. Não havia necessidade de integrar pessoas a qualquer custo diretamente, mas aquelas que integrassem deveriam atuar permanentemente com o objetivo de fazer a revolução. Esta característica pode ser comprovada pelos dados: no início do ano de 1917, o número de militantes do Partido Bolchevique não chegava a 30 mil em toda a Rússia, mas em outubro, depois do triunfo da Revolução Russa, este número era de 240 mil.

Todavia, é importante levar em conta que a visão de Lenin primava pela diversidade de formas organizativas populares, inclusive

---

[99] LENIN, V. I. *Que Fazer? Questões candentes de nosso movimento.* Ed. cit., p. 189.

[100] *Idem, ibidem.*

defendendo que o poder deveria ser assumido pelos sovietes, e não especificamente pelo partido. Separar a concepção de partido de Lenin da ideia de insurreição e do uso de diferentes formas de luta por diferentes destacamentos organizativos é um grande equívoco. Os destacamentos poderiam ser organizados com todas as forças. "Quem quer lutar pela liberdade e demonstrar com ações que está disposto a fazê-lo poderá alistar-se entre os democratas revolucionários (...).[101] O sectarismo e o egoísmo político são o que impede de ver as outras forças como parte importante da luta de classes.

Nas últimas décadas, o mundo sofreu mudanças incomparáveis com outras épocas, seja no campo produtivo, político, social ou cultural. O capital acelerou seu crescimento e ampliou as formas de exploração; as estruturas de poder estatais foram modernizadas para dar garantias de funcionamento ao capital, com funções policiais; e as classes trabalhadoras, devido às mudanças ocorridas no mundo do trabalho, também sofreram a desarrumação do sistema clássico organizativo. Os camponeses, na maioria dos países, foram forçados a abandonar o campo, tornando-se parte minoritária das populações, e os deslocamentos humanos modificaram a geografia social, ampliando as periferias de pequenas cidades e das grandes metrópoles. As grandes cidades passaram a ser os principais territórios das disputas entre as forças em conflito por diversos interesses.

As organizações criadas no período anterior educaram-se para responder a determinados desafios, como a defesa de reformas e busca da garantia de direitos trabalhistas, que o movimento das forças produtivas, em grande parte, superou. Para responder à nova realidade, é necessário inovar as formas organizativas combinando as lutas de classes com a integração das lutas territoriais, onde as populações habitam e constituem grandes contingentes de massas.

As lutas nas quais as classes se envolvem são decorrentes da organização em que as relações entre capital e trabalho ainda con-

---

[101] LENIN, V. I. "Tareas de los destacamentos del ejército revolucionário". *In: Obras militares escogidas*. Havana: Biblioteca oficial, 1970, p. 107.

tinuam estabelecidas, pois o trabalho humano, e não o contrário, continua mantendo a centralidade na produção da riqueza. As categorias estruturadas por ramo de produção ainda possuem força política para enfrentar as determinações do capital. As lutas territoriais, ao contrário, se referem especificamente àqueles locais nos quais as massas populares vivem e disputam a sobrevivência a partir de táticas defensivas que consistem em preservar a força e o controle do território que habitam, enquanto aguardam melhores condições para desencadear ações ofensivas de enfrentamento e, com isso, derrotar as forças dominantes.

É tarefa da organização política contribuir com todas as forças sociais, organizadas ou não, através de um projeto político aberto e em permanente elaboração. Necessariamente, deve ter um referencial de chegada enquanto metas concretas, que não podem ser outras que a insurreição popular e a tomada do poder.

b) Organizar diferentes reações contra a ordem capitalista

A organização partidária deve ser criadora, formuladora e, acima de tudo, orientadora dos passos a serem dados no rumo estratégico. Como salientou Florestan Fernandes:

> Está por ser inventada uma nova tecnologia de agitação social, de reforma por meios violentos de revolução. A nova tecnologia repressiva e antissubversiva já foi descoberta e tem sido aplicada pelos países centrais, dentro de suas fronteiras e na periferia. Os revolucionários precisam se resguardar e inventar processos de lutas políticas tão eficazes quanto os que protegem a ordem capitalista em escala mundial (...)[102]

As forças revolucionárias não podem caminhar para a revolução com a ingenuidade de que as classes dominantes serão tolerantes; elas precisam equipar-se tecnicamente e investir na qualificação intelectual de seus quadros tanto para defenderem-se das sabotagens quanto para sabotarem nos momentos certos.

A organização revolucionária precisa conspirar para enfraquecer e derrotar a contrarrevolução. Isto somente é possível se os

---

[102] FERNANDES, Florestan. *O PT em movimento*. Ed. cit., p. 78.

seus quadros possuírem alto nível de desenvolvimento político, preparação prática e moral. Na luta contra a ordem não há conciliação; por isso, os enfrentamentos visam um desfecho, às vezes destrutivo, porque o objetivo é transformar a ordem vigente.

Resguardar-se, no dizer de Florestan Fernandes, é preservar-se da cooptação e da destruição. Equívocos acontecem e podem ser corrigidos quando são percebidos a tempo; para isto é preciso libertar-se de toda ingenuidade e de todo oportunismo.

A conquista do poder é uma disputa de longo prazo: quando a correlação de forças está desfavorável para os revolucionários, estes devem se preparar para agir; quando as possibilidades favorecem o acúmulo para a revolução, é o momento de avançar, pondo em prática a dedicação, seriedade, fidelidade, honestidade e franqueza com os aliados.

Não há limite para o uso de táticas nem tampouco para a criação de formas organizativas novas. O movimento de massas, estando em ascensão, cria as próprias tarefas e indica as formas organizativas que podem ser estruturadas.

c) DESENVOLVER AÇÕES DE DESOBEDIÊNCIA À ORDEM

Aquilo que os burgueses chamam "Estado de direito" nada mais é que o inverso do que dizem: querem o "direito ao Estado", ou seja, não querem que a ordem estabelecida por eles seja ameaçada, pois com isto estaria ameaçado o poder que detêm.

Em nosso país, poucas vezes foi trabalhada a ideia da "desobediência civil" como forma de autodefesa contra a ordem opressora.

> A desobediência civil representa a desobediência dos cidadãos em uma sociedade, diante de certas condições ou de diversas leis, em particular porque elas os ofendem, elas os agridem (...).[103]

Para Marx, a sociedade civil abrange todo o intercâmbio material dos indivíduos na infraestrutura da sociedade, em que se dá a exploração da força de trabalho pela burguesia, que detém a

---

[103] VIEIRA, Evaldo. *O que é desobediência civil*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 8.

propriedade privada dos meios de produção. Através do controle sobre os meios de produção é que a burguesia determina não somente o que produzir, mas também como produzir. A "sociedade civil" é estruturada de acordo com os interesses econômicos da classe dominante. Todas as relações de produção estão voltadas para atender os interesses da mesma classe.

Sobre esta infraestrutura se eleva a superestrutura, na qual se desenvolvem as relações políticas, jurídicas e ideológicas comandadas pela estrutura do Estado, repressor, explorador e dominador de classe. Conforme Engels, em carta para H. Starkenburg de 25 de janeiro de 1894:

> O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico etc. se funda no desenvolvimento econômico. Mas estes elementos interagem entre si e reatuam também sobre a base econômica. Não é que a situação econômica seja a causa, e a única atuante, enquanto todo o resto seja efeito passivo. Ao contrário, há todo um jogo de ações e reações à base da necessidade econômica, que, em última instância, sempre se impõe.[104]

Antonio Gramsci, assim como Marx, buscou em Hegel a base do conceito de "sociedade civil". Para Hegel, ela é "o lugar das relações de produção diferenciadas"; lugar das desigualdades, mas o Estado aparece como instrumento regulador para recompor as relações descompostas. Sua função é a de ajustar os desajustamentos, garantindo a todos o acesso à produção material. Gramsci, ampliando a definição, dá um passo à frente no sentido de perceber que, de fato, existe uma "sociedade civil", mas que, articulada consigo, surge a "sociedade política". Estas interligam-se e misturam as próprias funções; formam, com a reunião das diversas forças dominantes, um "bloco histórico" e através dele garantem a hegemonia do poder na sociedade.

Neste sentido, Gramsci percebeu que os papéis de cada estrutura "civil" e "política" eram semelhantes, pois não cabia somente à estrutura do Estado manter a ordem, reprimir e constranger, já

---

[104] F. Engels a H. Starkenburg, 25 de janeiro de 1894. *In:* MARX, K.-ENGELS, F. *Cultura, arte e literatura: Textos escolhidos.* Ed. cit.

que qualquer empresa fazia isso no seu espaço de trabalho. Desse modo, considerou a soma das duas estruturas, "sociedade civil" e "sociedade política", como uma única estrutura conhecida como "Estado ampliado", formado pelas mesmas pessoas que controlam os meios de produção e que também estão na direção política da sociedade, juntamente com os intelectuais que, com seu conhecimento, garantem a reunião dos diversos setores.

Hoje podemos perceber que há dezenas de leis feitas propositalmente para impedir que os movimentos sociais avancem. No entanto, há uma infinidade de leis que dão direitos aos cidadãos, mas que são ignoradas pelo Estado, pois não favorecem o capital, de tal forma que, na atualidade, o Estado apenas mantém a ordem atual.

Desobedecer a sociedade civil significa insurgir-se contra a classe dominante e lutar pela defesa e pela conquista dos direitos que garantam a dignidade.

É em torno dos aspectos particulares da negação dos direitos que podem surgir as reações dos movimentos sociais. Eles precisam ver revelados os conteúdos e as contradições criados pelo sistema dominante. O papel da organização política é ajudar a desobedecer e a orientar a desobediência popular como uma prática cotidiana.

O sistema capitalista sobrevive porque explora a força de trabalho e nega direitos. Ele é o maior coveiro da negação da qualidade de vida,[105] ou seja, o capitalismo maduro é a eliminação de todas as leis particulares e pessoais.[106] Ele não só nega como também enterra as possibilidades de se ter uma vida melhor.

As táticas para a desobediência civil devem ser inventadas pela população e podem ser de natureza não violenta, de protesto, pressão ou de ocupação de espaços vitais para o funcionamento do Estado e do capital.

---

105 FERNANDES, Florestan. Op. cit., p. 47.

106 MENEGAT, Marildo. *Depois do fim do mundo: A crise da modernidade e a barbárie*. Rio de Janeiro: Faperj, 2003, p. 94.

d) Formar quadros e desenvolver a consciência política das massas

A consciência é o conhecimento vindo das experiências sociais e das elaborações teóricas. A qualidade de cada consciência depende da quantidade e da qualidade de conhecimentos que detém, colocados a serviço da transformação das relações sociais. No entanto, há práticas e conhecimentos que libertam, como disse José Martí, mas há conhecimentos e práticas que dominam e alienam. As lutas revolucionárias se afirmam e se mantêm na direção do objetivo final quando consideram o conhecimento revolucionário como um dos fatores diferenciadores dos projetos das classes dos seus objetivos, conteúdos e conceitos.

Os quadros devem ser o sustentáculo e a inteligência da organização, ou, como definiu Che Guevara, a coluna vertebral da organização, isto é, o que tem capacidade de "mover" a organização como se fosse um corpo vivo. Porém, ele acrescentou que deveriam ser formados milhares de quadros para que a "coluna vertebral" da organização partidária estivesse fortalecida para suportar os golpes que sofreria no movimento das lutas.

Segundo Lenin, os quadros são os que devem ir e estar em todos os lugares, como teóricos, propagandistas, agitadores e organizadores,[107] e isso tanto onde a sociedade está organizada em movimentos ou em associações quanto onde ela não está organizada.

No passado, a prática de ir até os movimentos com os quadros do partido era considerada uma prática intervencionista e foi qualificada como "correia de transmissão", ou seja, os movimentos eram utilizados para fortalecer as táticas e os objetivos, às vezes pequenos e estreitos, dos partidos. Podemos avançar nesta relação no sentido de que os campos de ação de cada força sejam determinados, mas não há como separar as tarefas específicas das massas das tarefas da classe. Se a organização política estiver ligada às massas, por ser constituída pelas parcelas avançadas dos mili-

---

[107] LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento.* Ed. cit., p. 148.

tantes das forças sociais e dos movimentos, saberá onde e quando expor-se ou calar-se.

Em se tratando da revolução, é necessário sintonizar os passos para que todas as forças marchem juntas, não importando onde e por quem as lutas sejam desenvolvidas. Há momentos em que um movimento específico chega a um nível de enfrentamento que precisa realizar ações para as quais não está preparado; neste caso, o auxílio partidário se faz necessário.

Ao se desenvolver as ações forma-se a organização, eleva-se a consciência das massas e se qualificam os quadros. É necessário que a organização política do século 21 saiba especificar quais são as tarefas que cabe a si própria e quais são as que cabem às massas e aos seus movimentos.

Porém, acima de tudo, esta organização, única ou constituída como frente composta por diferentes forças, tem a responsabilidade de colaborar com a unificação das lutas e dos objetivos. Não significa ser "vanguarda" e nem querer "compartilhá-la" entre as várias forças, mas, sim, aos poucos, constituir-se enquanto força dirigente da revolução. É necessário ter o respeito de todas as forças e deter a capacidade de conduzir a revolução até o fim.

e) Estabelecer, com a prática, uma nova moral

A velha moral, não toda ela, provoca a desqualificação da consciência e serve como suporte para a dominação burguesa.

O que é a velha moral? Poderíamos dizer que são todos os preceitos burgueses e religiosos que induzem à obediência e à submissão, por meios econômicos, políticos, ideológicos ou culturais.

A organização política deste século não pode se descuidar deste aspecto e deve buscar, através da participação social, criar novas normas morais que contestem estas que foram instituídas para manipular e controlar as reações sociais.

A velha norma moral, em certos casos, representa um freio para a luta de classes, como "o direito sagrado à propriedade". Se é sagrado, é intocável. Por isso, toda luta que visa distribuir a

propriedade individual choca-se com este preceito conservador da ordem.

Para Vázquez, há três tipos de instâncias que contribuem para a realização da moral: a) relações econômicas; b) estrutura ou organização social e política; c) estrutura ideológica, ou vida espiritual da sociedade. Afirma ele:

> Enquanto cada indivíduo estiver inserido, de uma maneira ou de outra, na vida econômica (quer como produtor, quer como consumidor), a realização da moral não pode deixar de ser afetada consideravelmente, num sentido ou no outro, pelas relações econômicas dominantes.[108]

A propriedade privada reflete e determina as diferenças sociais. A moral, por sua vez, reforça as diferenças, pois, acima do comportamento moral, a maioria dos seres sociais coloca a ambição de ter cada vez mais e a qualquer custo. Ambicionar a alcançar objetivos não é de todo um mal, quando as expectativas são controladas pela ética e pela moral. A questão é que, na convivência social, aprendemos a competir e a ser ambiciosos antes de sermos éticos. Para tanto, é fundamental que os valores morais sejam apreendidos e colocados como referência no projeto de transformação da sociedade, fundamentalmente pela prática consciente dos valores.

No que diz respeito à instância política, Vázquez entende que o Estado é a instituição que exerce o poder sobre a sociedade e determina o comportamento moral.

> O Estado exerce poder visando garantir a ordem e a unidade da sociedade, através de um sistema jurídico e dos respectivos dispositivos coercitivos... cumpre também as funções específicas de um órgão de direção e de organização de aspectos fundamentais da vida da comunidade (educação, finanças, obras públicas, assistência social etc.)[109]

O Estado não influi genericamente sobre a sociedade, mas sobre os indivíduos, a família, as classes e instituições que se submetem às leis estabelecidas. Por esta razão, tem-se a colaboração

---

[108] VÁZQUEZ, Sanchez Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 194.

[109] *Idem*, p. 200.

voluntária dos cidadãos para que ele, como "órgão de opressão de classe", não tenha que usar permanentemente a força.

Mas há a terceira instância na qual a moral se desenvolve: é na vida "espiritual da sociedade". "Neste nível, as normas morais se impõem ao indivíduo sem que ele examine ativamente a sua natureza e consequências; o interesse pessoal é reduzido, e a moral tradicional é aceita passivamente..."[110]

Através dos meios de comunicação, das estruturas educacionais e religiosas, pela propaganda e pelo fetiche das mercadorias etc., a moral da classe burguesa vai sendo assimilada passivamente pelos setores não críticos da sociedade e obrigando, pelo senso comum, a reproduzir os valores consensuais do capital.

O papel da organização revolucionária é influir nas organizações locais e movimentos sociais, para que, aos poucos, se vá elaborando normas de convivência e comportamento moral que neguem, teórica e praticamente, a moral burguesa.

> A moral dos comunistas é a parte integrante da força revolucionária do Partido. Intervém como força material no processo da luta emancipadora e de transformação da sociedade. É também um elemento integrante da transformação do próprio homem.[111]

Os revolucionários não separam a luta política pelo poder da edificação da nova moral, que se reflete na mudança de costumes, hábitos e práticas diversas e que elevam o ser humano ao grau de sujeito do próprio destino.

f) LUTAR PELA EMANCIPAÇÃO COMPLETA DA CLASSE TRABALHADORA

Quando Marx tratou o problema da emancipação no livro *Para a questão judaica*, teve uma visão abrangente:

> A emancipação política é, simultaneamente, a dissolução da velha sociedade sobre que repousa o sistema de Estado alienado do povo, o poder do soberano. A revolução política é a revolução da sociedade civil. (...)[112]

---

110 *Ibidem*, p. 202.

111 CUNHAL, Álvaro. *O partido com paredes de vidro*. Lisboa: Avante, 1985, p. 196.

112 MARX, Karl. *Para a questão judaica*. Ed. cit., p. 68.

Somente quando a revolução tiver capacidade de destruir o Estado terá, de fato, criado as condições para a emancipação.

Emancipar, portanto, não é algo abstrato ou um ato de magia, mas, sim, a criação de uma situação em que as relações de produção e sociais modificam sua ordem e natureza; é a eliminação das mediações que se colocam entre a opressão vivida e a liberdade a ser conquistada. É assim que Marx concluirá a primeira parte do texto:

> Só quando o homem individual retoma em si o cidadão abstrato e, como homem individual – na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais –, se tornou ser genérico; só quando o homem reconheceu e organizou as suas *forces propres* [forças próprias] como forças sociais e, portanto, não separa mais de si a força social na figura da força política – [é] só então [que] está consumada a emancipação humana.[113]

Uma força social qualquer se transforma em força política porque, ao agir, as consciências mudam de conteúdo e de comportamento na forma de compreender e de produzir as próprias relações sociais.

A organização revolucionária tem que pensar não apenas na conquista do bem-estar das pessoas, mas em evoluir em direção da emancipação completa do ser humano, eliminando todas as formas de intermediações que fortalecem a opressão individual e social.

g) Valorizar os aspectos culturais e artísticos como tarefas políticas

A cultura é a base da criação e sustentação da sociedade, pois diz respeito a tudo o que o ser humano pensa, faz e sente; considerá-la é tarefa obrigatória da reflexão e da prática da organização revolucionária.

Alfredo Bosi afirma:

> (...) Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um

---

[113] *Idem*, p. 71-72.

estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo.[114]

A cultura deve ser aprendida, buscada no passado, e pode ser ensinada e transmitida às novas gerações. O partido, no caso a associação das pessoas conscientes, deverá ter consciência para diferenciar o que as futuras gerações necessitam da cultura presente e o que deverá ser deixado para trás, como lixo.

Embora as causas sejam internacionais, as manifestações culturais são locais e, como tal, precisam ser tratadas. Há valores culturais que muitas vezes têm expressão reduzida, mas são vitais para a sobrevivência de grupos, mas isso nem sempre foi percebido e valorizado na história dos partidos políticos.

Quando Marx e Engels concluíram o *Manifesto Comunista*, convocaram os trabalhadores do mundo todo para a unidade, pois tinham uma visão de classe enraizada na consciência revolucionária, mas, acima de tudo, no sentimento de solidariedade e afetividade que Marx, principalmente, experimentava enquanto sujeito perseguido pela repressão. As suas permanentes expulsões dos países por onde passava, fazia com que os outros exilados lhe dessem abrigo, e juntos partilhavam as mesmas preocupações com o futuro da classe trabalhadora mundial.

Essa semente de relações e respeito perdeu-se em determinados períodos da história política mundial. O excesso de tensões internas, disputas por cargos e controle da máquina partidária destruiu a cultura dos valores do companheirismo e da solidariedade, que precisam ser resgatados.

O espaço da luta política é obrigatoriamente conflitivo, mas isto não impede que se tenha alegria, comemorações e manifestações artísticas. A mística revolucionária que alimenta e estimula a energia combativa torna-se parte da cultura quando, de fato, entra como característica constante na vida da militância.

---

[114] BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 16.

Uma organização deve dialogar diretamente com a realidade em que pretende atuar; para tanto, a valorização das tradições culturais de grupos sociais que se mantêm unidos por consanguinidade, etnia, credo religioso ou por localizações territoriais é de suma importância para que ela adquira o respeito e tenha poder de influência junto a esses grupos.

A hegemonia, segundo Gramsci, se configura na capacidade de direção política das forças, tanto nos aspectos econômicos, políticos e ideológicos quanto culturais, e se enraíza em uma profunda e majoritária base social. Lenin, ao tratar do assunto, embora utilize a expressão "ditadura do proletariado", quer demonstrar a importância de se manter o controle do poder pela maioria das forças articuladas entre si.

A hegemonia ocorre quando desperta na consciência e nos sentimentos a vontade de se somar para formar a maioria da mesma causa. É querer fazer parte, é gostar da imagem, das cores, dos sons e das demais características que tem uma organização. Uma força somente torna-se vanguarda quando consegue criar nas demais forças uma opinião favorável sobre suas qualidades, colocadas como superiores às do comportamento comum da sociedade. Somente quando entramos nos sentimentos dos outros passamos a ser parte de sua consciência e, então, nos tornamos pertença no outro.

As simbologias, as cores e a estética fazem parte do referencial político consciente. A luta política exige decisões e conquistas concretas, mas, sem os aspectos que embelezam, alegram e confraternizam, as conquistas não sobrevivem, porque os sujeitos desistem da causa.

h) Acertar a relação entre a organização partidária e os movimentos sociais

Novamente, nos remetemos à seguinte passagem de Rosa Luxemburgo: "A luta sindical abarca os interesses imediatos e a luta política, os interesses futuros". Primeiro, é deste ponto de vista que se deve observar a relação entre a organização política

e os movimentos sociais. Aquele deve incentivar para que estes surjam em grande quantidade em todos os lugares. Nesse sentido, os movimentos espontâneos são a escola primária da formação da consciência e da luta pela transformação social.

Se, por um lado, a organização política não deve intervir na autonomia dos movimentos, estes, por sua vez e por si só, nunca conseguirão compreender sua importância histórica para a luta de classes, já que há espaços na sociedade onde não há movimentos sociais organizados justamente por falta de uma força impulsionadora na deficiente correlação de forças e inserção da organização política. Portanto, se a intervenção da organização política nos movimentos acontece de forma demasiada e tolhe sua autonomia política, o distanciamento e a não inserção não permitem que o esforço particular contribua com os objetivos estratégicos.

A importância das lutas sociais está na facilidade de mobilizar grandes contingentes de massas com formas simplificadas de organização. E a importância da organização política está na sua capacidade de formular objetivos e interligar as diferentes táticas, desenvolvidas por diferentes formas de lutas, e orientá-las para um objetivo comum. Compreendemos que uma revolução não acontece somente com lutas estratégicas, pois há centenas de formas de lutas escolhidas e criadas pela própria população para resolver os seus problemas imediatos, que contribuem com as táticas estabelecidas pelas forças dirigentes e garantem, mesmo espontaneamente, as condições para manter as forças em movimento e em confronto, cada uma em seu nível, contra os inimigos da revolução.

A organização política deve considerar que estamos vivendo uma época em que as classes dominantes se tornaram avessas às reformas que beneficiariam os trabalhadores, como ocorreu no passado, quando as reformas democráticas eram fundamentais para o avanço do capitalismo; agora, as mesmas classes não só não querem fazê-las como também não podem, sob o risco de se enfraquecerem e se destruírem. É por este motivo que qualquer luta social que ameace a ordem, ou exija algum tipo de mudança

estrutural que beneficie a classe trabalhadora, enfrentará os duros golpes do capital e das forças repressivas do Estado capitalista.

Com o avanço do processo revolucionário, as diversas lutas se unificam em uma só luta e em um só movimento, de modo que aquilo que nos períodos pré-revolucionários parece estar separado, nos momentos revolucionários ou se unifica ou não triunfa.

A organização revolucionária deste século terá que considerar as práticas dos movimentos sociais, reuni-las e assimilar delas o que se descobriu como sendo características organizativas inovadoras, dando a elas conteúdo de ideias e princípios, para elevar a capacidade de crítica das próprias práticas.

Os militantes partidários deverão estar, em suas atividades sociais, inseridos nos movimentos, desempenhando tarefas como qualquer outro ativista social, porém com um planejamento articulado com as demais práticas das diferentes forças.

As táticas partidárias deverão estar interligadas e combinadas com as táticas das lutas sociais, mesmo que sejam de diferente natureza.

É tarefa prioritária da organização revolucionária contribuir na formação e preparação de quadros dirigentes dos movimentos sociais que possam produzir as suas próprias análises, elaborar os seus métodos de trabalho e estabelecer as táticas de enfrentamento político com os inimigos de classe. É em torno das ideias corretas e das práticas revolucionárias que devemos nos reunir, e não nos esfacelar em torno de interesses divisionistas e sectários.

Os membros dos diversos movimentos sociais fazem parte da mesma classe social, ou de classes aliadas; apenas encontraram formas próprias e locais diferentes para se articularem, mas tanto seus problemas de classe quanto seus objetivos, que pretendem alcançar, são os mesmos.

A organização partidária tem como obrigação ajudar a todos os movimentos e incorporar os objetivos unificados como sendo seus, para fortalecer a luta de classes e emancipar, enquanto totalidade, a classe e as forças populares. O jeito de fazer isto, respeitando a democracia, a cultura e os espaços de cada um, deve ser

formulado sobre a realidade e o momento histórico em que essa organização atua.

i) INCORPORAR A MÍSTICA REVOLUCIONÁRIA

Os movimentos sociais das últimas décadas reinventaram as formas e os conteúdos da luta de classes e agregaram ao seu programa o elemento da "mística". Há autores que preferem utilizar o termo "carisma" para designar estas manifestações especiais. A diferença reside apenas em que, enquanto os primeiros tomam como referência para a análise a sociologia e a ciência política, nós tomamos como referência o que nos diz a filosofia, com relação aos aspectos da consciência, da estética, da cultura e dos valores.

> O carisma é a manifestação das habilidades através de gestos que cativam, motivam e mobilizam outras pessoas. Há uma convergência de interesses que se tornam dedicação para se realizar uma causa. Logo, as qualidades e dons dos indivíduos que persistem se configuram como fundamentos do carisma, que, no fundo, também é um mistério. Ou seja, como uns têm o dom de falar claramente e convencer e outros não?[115]

A luta revolucionária não é movida por "forças superiores", mas, sim, por sentimentos superiores. São valores que se externalizam na prática e revelações de sinais de seres humanos diferenciados dos demais seres sociais, pelo alto espírito de doação, dedicação e contribuição voluntária; são seres sociais que não disputam nem vivem da "pequena política" e, ao contrário, pensam sempre em algo maior para fazer. Não gastam tempo com discordâncias insignificantes. Pensam sempre que os inimigos de classe são maiores do que as pequenas desavenças internas, que não deixam de ser resquícios da velha sociedade, carregadas como trouxas de roupa suja que só fazem cansar os caminhantes. Por sua vez, se nas mesmas fileiras há indivíduos que disputam a grande política, o lado que favorece a classe dominante, estes sim devem ser considerados inimigos.

---

[115] BOGO, Ademar. *O vigor da mística*. São Paulo: MST, 2002, p. 20.

Há os que desprezam a mística por acharem que a razão e a força são os dois esteios da revolução. Porém, se esquecem dos sentimentos, uma vez que quem não sente é como quem não vive. A política não pode ser somente a arte de derrotar inimigos, mas deve ser também a arte de construir projetos. Através da realização dos projetos se derrotam as forças inimigas, mas os projetos precisam pertencer aos que caminham juntos.

Quando o projeto triunfa e se torna propriedade de alguém ou de um grupo, só terá êxito se utilizar a força, o que pode funcionar por um tempo, mas aos poucos as contradições fazem voltar os confrontos com mais vigor. Ao contrário, um projeto que coletiviza o poder e utiliza a solidariedade como referência tende a ser invencível. O sentimento de pertença transforma-se em querer; e quando todos querem e lutam, é a revolução. Quando poucos querem, é a derrota.

Sem mística a luta não tem energia: falta-lhe alimento e se pode perecer por inanição. Como diz Leonardo Boff:

> Alimentar a mística neste nível significa manter uma abertura curiosa à realidade, desenvolver uma sensibilidade em face dos limites do nosso conhecimento, redimensionar-se sempre à riqueza da experiência, mostrar uma disposição permanente de aprender de qualquer fonte de saber e das várias tradições culturais e nutrir uma veneração humilde e entusiasta em face do fascínio do real que escapa sempre às nossas representações mas que continuamente também as alimenta: eis uma atitude mística. E ela é acessível a todos, sem exceção, basta ser humano e sensível.[116]

Valorizar a mística neste século, na prática da política, não é deixar de ser marxista, mas, sim, valorizar e desenvolver um aspecto da política que muitos marxistas deixaram de desenvolver no século passado.

---

[116] BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 2000, p. 147-148.

Política de quadros

O conceito de quadro tem origem, assim como os termos tática e estratégia, na teoria militar. É bastante provável que este termo tenha surgido na França, ainda no século 18, baseado na hierarquia do oficialato das forças militares. O comando das tropas em movimento, que reunia as habilidades necessárias, era exercido pelos quatro primeiros oficiais da hierarquia militar; para chegar a este posto, o indivíduo tinha que ter capacidade de comando e, para tanto, deveria estar intelectual e tecnicamente preparado. Mais tarde, essa denominação passou a ser usada para qualificar os dirigentes políticos.

Embora a definição seja antiga, a pergunta continua atual: o que é um quadro? Para além disso, porém, devemos colocar uma segunda interrogação: que tipo de quadro a organização precisa hoje?

Um quadro existe em função dos objetivos da organização a que pertence. Para alcançar tais objetivos, é necessário que sejam definidas as tarefas que direcionem a ação, com métodos eficientes para efetivá-las. Logo, poderíamos dizer que um quadro é aquele que sabe definir tarefas, distribuí-las e formular métodos para a sua execução, com a consciência de que está realizando os objetivos da organização.

Por este raciocínio fica fácil perceber que as qualidades de um quadro serão iguais às necessidades que uma organização possui. Ele atingirá o "limite" que o programa da organização definir e será profissional no nível do caráter e da natureza das tarefas. Assim, por exemplo, se o caráter da organização é fazer a luta pela terra, as tarefas que esta organização terá que executar estarão vinculadas aos aspectos da luta pela terra, com os meios que esta luta comporta; logo, os quadros irão se especializar e se comportar de acordo com a natureza das tarefas que irão realizar. Mas, se a organização tiver um caráter político e revolucionário,

os quadros, além de se especializarem em diversos conteúdos políticos, filosóficos, históricos, conspirativos etc., terão que executar diferentes tarefas que irão exigir deles uma capacitação mais elevada. Portanto, são as próprias tarefas que vão desafiando a qualificação dos quadros e determinando seu caráter, seu estilo e desenvolvendo suas habilidades e perfil.

Um quadro deve buscar superação e adequar suas atitudes e obrigações às exigências da vida política cotidiana. Isto porque, além de ter a tarefa de conduzir determinado processo e de orientar as pessoas que o acompanham, ele precisa dar exemplos concretos para que os demais militantes o sigam e possam também, aos poucos, destruir os velhos valores e construir novos conceitos e novos valores na convivência social.

Mas o que identifica os limites e a incapacidade na execução das tarefas?

A esse respeito poderemos cometer graves erros metodológicos à medida que a teoria e a prática estiverem em desacordo. Se uma organização se propuser a formar quadros revolucionários, estudando e delegando tarefas econômicas ou administrativas, não conseguirá jamais saber quais são os limites políticos a serem superados. Neste caso, o "quadro", conforme for exigido, irá se deparar com suas próprias incapacidades políticas na execução das tarefas e não conseguirá responder às exigências do momento histórico.

Podemos fazer uma avaliação de todas as organizações populares, sindicais e partidárias que conhecemos para verificar como ocorreu em suas fileiras a multiplicação dos quadros nos últimos anos. Certamente chegaremos à constatação de que a crise de perspectivas do projeto revolucionário inibiu a multiplicação de quadros revolucionários, e, além disso, os que surgiram tiveram um baixo nível de qualidade e de desenvolvimento político. As prioridades tenderam para as disputas institucionais, e, com isso, as tarefas exigiram um tipo de quadro com perfil administrativo e conciliador, que coubesse dentro da ordem.

Se tomarmos como exemplo os processos revolucionários históricos em diferentes partes do mundo, perceberemos que a

multiplicação política dos quadros se deu a partir das necessidades concretas de cada um destes processos.

No processo revolucionário russo, Lenin formulou a política de quadros do partido a partir da análise concreta daquele país. No caso cubano, a formulação das tarefas dos quadros seguiu o mesmo princípio. Che Guevara, ao formular a política do "homem novo" e ao definir algumas características que principalmente a juventude comunista deveria adquirir, o fez a partir da necessidade de confrontar as velhas relações com os novos valores.

Na China, Mao Tsé-tung traçou a política de não apenas multiplicar em quantidade e qualidade os quadros, mas também de como cuidar dos quadros, orientando-os, elevando-lhes o nível de consciência, ajudando-os a fazer avaliações e atendendo em suas dificuldades pessoais e familiares.[117]

Ho Chi-minh, por sua vez, chama a atenção para o controle contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia.

O movimento de massas e a consciência política

A longa polêmica entre Lenin e Rosa Luxemburgo sobre "movimento espontâneo e a consciência política",[118] bem como sobre as disputas ideológicas realizadas entre Lenin e os economicistas da época, nos ajuda na reflexão e na compreensão para formularmos uma política de quadros dentro do movimento de massas e para além dele.

Por um lado, as lutas de massas possuem um caráter espontâneo, porque seu limite reside no interesse do alcance imediato das conquistas econômicas. Por outro lado, ele deve ser entendido como o primeiro passo para a formação da consciência política, tendo em vista que, através da luta, os indivíduos passam a perceber as contradições da sociedade capitalista, a ineficiência do Estado para atender às reivindicações da classe trabalhadora e

---

[117] TSÉ-TUNG, Mao. *Obras escolhidas.* T. IV. Lisboa: Proletário vermelho, 1975, p. 162-165.

[118] TEIXEIRA, M. Marisa (trad.). *Partido de massas ou partido de vanguarda: polêmica entre Rosa, Lênin.* São Paulo: Nova Stella, 1985.

faz a experiência do confronto com a legislação e com as forças policiais que agem na repressão a estes movimentos. Com isso, as massas vão, aos poucos, criando a habilidade da resistência coletiva, embora muitas vezes isto tudo transpareça desespero ou sentimento de revolta.

Para Lenin, "o "elemento espontâneo" não é mais do que a *forma embrionária* do consciente";[119] além disso, ele acrescenta que é possível avançar em determinados aspectos e perceber o amadurecimento da consciência de classe quando esse movimento de massas consegue formular reivindicações, escolher os momentos propícios para desenvolver a luta, articular-se com outros setores etc. Mas, no seu entender, as lutas ocorrem pelo caráter sindical ou econômico, pois seus membros não possuem consciência da importância de defender todos os direitos e interesses da classe, nem compreendem que devem se articular com outras forças sociais e políticas existentes. Dirá então que estas limitações caracterizam o movimento como um movimento essencialmente espontâneo que não prevê resultado algum, nem tampouco visa atacar as causas universais dos problemas.

A luta espontânea, por si só, não chega até a consciência política, porque a capacidade do movimento de massas não vai além das conquistas sindicais, nem eleva a consciência para perceber as demais contradições entre as classes.

Qualquer movimento de massas, embora "espontâneo" (não no sentido de que surge espontaneamente, mas, sim, porque luta apenas por coisas imediatas), sempre tem uma direção. Mas o preparo dessas lideranças esbarra na natureza das tarefas a serem realizadas: como as reinvindicações visam melhorias específicas e não mudanças estruturais, a tendência é que os integrantes e o comando das lutas se acomodem com o que já sabem, isto porque não possuem um programa estratégico revolucionário e nem tampouco despertam para uma perspectiva revolucionária. A simples experiência da luta imediata, sem que ela seja esclarecida pela teoria

---

[119] LENIN, V. I. *Que Fazer? Questões candentes de nosso movimento.* Ed. cit., p. 88.

revolucionária – produzida a partir das próprias contradições entre as forças em conflito –, não é suficiente para elevar a consciência de classe a um nível superior.

Lenin irá destacar que, entretanto, a luta espontânea será importante para desencadear a luta revolucionária e engrossar as fileiras dos que lutam para que a revolução possa ir até o fim. E dirá então que isto se constitui num aprendizado importante e necessário, porque

> (...) a experiência revolucionária e a capacidade de organização são coisas que se adquirem com o tempo. A única coisa que se requer é a vontade de desenvolver em si as qualidades necessárias. A única coisa que se exige é a consciência dos seus defeitos, o que, no trabalho revolucionário, já pode ser considerado meio caminho para corrigi-los.[120]

Fica claro, portanto, que se esta mobilização "espontânea" é importante para "engrossar as fileiras dos que lutam" por mudanças mais amplas, mas deve haver uma organização política que tenha claro quais os objetivos estratégicos de transformação das estruturas da sociedade, para levar a luta ao triunfo.

O próprio Lenin explicita este aspecto quando diz que a luta política somente pode ser levada à frente com a organização dos revolucionários. A tendência do economismo da época, na Rússia, pensava e agia justamente no sentido contrário: procurava fazer com que a prioridade fosse a luta por conquistas imediatas. Dessa maneira, a luta política era conduzida pelos interesses econômicos e se transformava em luta sindical. Embora muitas vezes essa concepção utilizasse o marxismo como elemento científico, ela não ia além do uso de fragmentos distorcidos.

Assim, a espontaneidade como iniciativa isolada aniquilava a consciência, porque a direção das lutas ficava à mercê da própria sorte e não ia além das melhorias para aqueles que lutavam, passando longe dos interesses de classe e da transformação das estruturas sociais.

---

[120] *Idem*, p. 93.

Para Lenin, o desvio estava em querer que a luta econômica dirigisse a luta política e, por isso, alimentava-se o "culto ao espontâneo", que fortalecia a ideologia burguesa sobre os trabalhadores. De certa maneira, era a devoção sectária da busca da conquista meramente material que fortalecia a ideologia da melhoria de vida, e não da necessidade política de transformar as estruturas sociais. Induzia a crer falsamente que, através da luta econômica, se elaboraria uma ideologia independente capaz de enfrentar os capitalistas, e no fundo se convertia em uma mera busca de resultados, mantendo intacto o capital às custas de algumas melhorias salariais dos trabalhadores. Sobre este aspecto, utilizando-se do conceito de ideologia como conjunto de ideias, Lenin afirma:

> (...) o problema põe-se unicamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio termo (porque a humanidade não elaborou nenhuma "terceira" ideologia; ademais, em geral, na sociedade cortada pelas contradições de classe, não pode nunca existir uma ideologia à margem das classes ou acima das classes). Por isso, tudo o que seja rebaixar a ideologia socialista, tudo o que seja afastar-se dela, significa fortalecer a ideologia burguesa.[121]

É importante compreender que o marxismo nunca foi uma filosofia que desemboca no economismo em busca de meras melhorias econômicas; a sua função é criticar e projetar a superação do capitalismo com a implantação do socialismo e posteriormente do comunismo. Logo, o marxismo deve ser estudado e desenvolvido com este objetivo.

O movimento de massas é de suma importância: o problema está na compreensão em torno do alcance das tarefas que este movimento deve desempenhar. No entender de Lenin, esta importante questão poderia ser tratada de duas maneiras: inclinar-se diante da espontaneidade, reduzindo a "organização política" a um papel de simples "criador do movimento operário", ou perceber que aquele movimento espontâneo das massas impõe novas tarefas, teóricas, políticas e de organização, muito mais complexas do que eram antes. Sem esta organização política, as forças em

---

[121] *Idem*, p. 100.

movimento não conseguiriam formular por si mesmas os objetivos a serem alcançados.

Sobre o desenvolvimento da consciência da massa operária, Lenin destaca que

> (...) A consciência da classe operária não pode ser uma verdadeira consciência política se os operários não estão habituados a reagir contra todos os casos de arbitrariedade e opressão, todas as formas de violência e abuso, quaisquer que sejam as classes afetadas; e a reagir, além disso, do ponto de vista social-democrata e não de qualquer outro. A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprenderem, com base em fatos e acontecimentos políticos concretos e atuais, a observar cada uma das classes sociais, em todas as manifestações da sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar na prática a análise materialista e a apreciação materialista de todos os aspectos da atividade e da vida de todas as classes, camadas e grupos da população. Quem orientar a atenção, a capacidade de observação e a consciência da classe operária exclusivamente (ou mesmo preferencialmente) para si própria não é um social-democrata, pois o conhecimento de si mesma por parte da classe operária está inseparavelmente ligado a uma clareza não só dos conceitos teóricos... ou melhor: não tanto dos conceitos teóricos, como das ideias elaboradas com base na experiência da vida política (...).[122]

Lenin fez este longo raciocínio para contestar os economicistas "que defendiam que se deveria conferir à própria luta econômica a tarefa de chegar à consciência política, através da organização sindical." Dirá, então, que "isto se resume no culto a espontaneidade" porque a luta econômica reveste-se de um caráter político, mas de forma espontânea, sem consequências mais profundas.

A formação de quadros, nestas circunstâncias, inclina-se para a superficialidade teórica. A organização política que por si só não diferencia a natureza das lutas logicamente não tem preocupação em formar novos quadros com a qualificação necessária para ir além dos aspectos sensíveis da realidade.

Por tudo o que foi dito até aqui, já é hora de nos perguntarmos: é possível formular uma política de quadros sem uma perspectiva estratégica, baseada apenas na prática de um movimento ou na

---

[122] *Idem*, p. 134

luta espontânea das massas? Como se dará a luta política visando a transformação das estruturas sociais a partir apenas de um movimento de massas e de uma categoria profissional que desconhece a sua própria classe?

Concretamente, muitas das críticas e formulações feitas por Lenin se chocam em várias coisas com a prática e intenções atuais dos movimentos e organizações existentes, ou seja, há uma prática consensuada pela militância de conhecer parcialmente o marxismo, culminando em enormes dificuldades para analisar as contradições entre as classes dominantes e formular métodos para enfrentá-las. No entanto, propor-se, através da vontade de alguns quadros, a contribuir com a transformação social a partir do movimento espontâneo das massas sem uma organização política seria cair no desvio do movimentismo acreditando, ser este uma "força invencível" mesmo sem uma política consequente, sem um programa e sem uma estratégia revolucionária.

Tomando como instrumento um movimento de massas, mesmo indo além nas discussões das reivindicações econômicas, sem contudo avançar para um programa estratégico de tomada do poder, a política de quadros também fica confusa e deficiente, porque as tarefas que as lideranças devem executar ficam reduzidas aos interesses econômicos, sem preocupação e articulação com outras táticas que visem atacar as causas fundamentais dos problemas e a estratégia maior de levar as classes exploradas e as demais forças à conquista do poder.

Por causa destas limitações do movimento de massas que conhecemos, tem-se um grande obstáculo, pois na luta apenas pelo imediato as lideranças não se dão conta de que precisam preparar militantes para a luta revolucionária, já que eles não vislumbram as tarefas revolucionárias. Com isso, restringe-se o número estável de quadros nas fileiras, tendo em vista que "não há necessidade" de muitos militantes para levar as lutas particulares em frente.

As táticas, utilizadas no início da formação dos movimentos de massas para alcançar as vitórias, são imbuídas de uma profunda radicalidade, mas, com o passar do tempo, a repetição dessas

mesmas táticas faz com que percam a eficiência e se convertam em fórmulas. Tendo em vista que os métodos para atingir as reivindicações passam a se reproduzir com menos vigor, os inimigos passam a compreender as deficiências e investem no enfraquecimento do movimento. Além de tudo, as massas têm dificuldades de permanecer por longos períodos em combate e, depois de algum tempo em ação, tendem a se recolher à espera de um momento mais propício para desenvolver as ações. Este fato não acontece com uma organização política com muitos quadros, integrada e em contato com os movimentos de massas, pois ela está sempre atenta na reformulação do conteúdo das táticas e dos métodos para realizar outros tipos de tarefas, sem nunca perder o espírito da ofensiva, mesmo que isto implique muitas vezes recuar na aplicação das táticas, para retornar com mais força.

Conclui-se, então, que os dois processos devem andar juntos, pois, se o "embrião da consciência" está na luta de massas, onde se faz a experiência concreta, a consciência maior deve ser "gestada" na organização política com a definição de novas tarefas, sempre com maior abrangência estratégica, nível mais elevado de experiência e de domínio dos conhecimentos científicos.

A organização da luta sindical e da luta política

A luta política com objetivo de conquistar o poder e transformar a sociedade é muito maior e muito mais complexa do que a luta econômica dos operários contra os patrões e contra o governo, dos sem-terra contra os latifundiários etc. Dessa maneira, a organização política revolucionária deve ser constituída com diferentes características da organização das forças que lutam apenas por conquistas imediatas. O conteúdo e a forma das organizações para cada fim são diferentes.

A natureza das tarefas do movimento e do instrumento político, por sua vez, também se diferencia. Para este último, as tarefas não se limitam à agitação política no terreno econômico, mas se voltam para a estratégia socialista, pois ele aproveita os vislumbres de consciência política que a luta econômica traz

para elevar a consciência socialista, selecionar e envolver mais militantes e aproveitar a agitação política ampla para realizar grandes campanhas.

O que chama a atenção é que Lenin não se limitou a analisar e apresentar as razões do porquê a classe operária não chegava por si só a alcançar a consciência política, mas avançou na forma de se chegar a isso:

> (...) a consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera de onde se poderá extrair esses conhecimentos é a das relações de todas as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de todas as classes entre si.[123]

Mas, diferentemente de Kautsky – que defendia que em termos de consciência todos os conhecimentos deveriam ser fisicamente "levados de fora para dentro" –, Lenin via os aspectos da totalidade da realidade como situações que deveriam ser percebidas e interligadas pelas lutas de massas. Por isso, valorizava a experiência como estágio embrionário da consciência, aprendido na esfera da luta localizada como fundamental, mas defendia que era preciso agregar informações e conhecimentos científicos produzidos universalmente inclusive por pessoas que não fossem oriundas da classe operária, como Marx e Engels, que, apesar disso, assumiram a perspectiva comunista ainda na juventude, oferecendo elementos para que as lutas se interligassem e as reinvindicações abrangessem objetivos maiores do que os interesses particulares.

As limitações da visão parcial da realidade, próprias da luta localizada, seriam superadas através das revelações de todos os aspectos das contradições que os operários, ligados diretamente ao seu trabalho, não poderiam e nem tinham tempo para descobrir.

Por este raciocínio, conclui-se que uma força que lute unicamente por melhorias econômicas, e que se organize para isso, não conseguirá adquirir consciência política se não se interligar com outras categorias, lutar por objetivos mais gerais e buscar,

---

[123] *Idem*, p.145.

através da ciência, as formas de conhecimento produzidas de fora daquelas tarefas restritas.

O interesse pelo conhecimento deveria ser despertado, pois não surgiria automaticamente das relações de produção às quais os operários estavam ligados. As formulações teóricas do materialismo e do socialismo eram elaborações produzidas através do estudo de indivíduos que assumiram a posição de classe dos trabalhadores e dedicaram suas vidas à luta contra a exploração e a dominação destes. O intuito desta produção teórica era contribuir para o desvendamento dos mecanismos de funcionamento do capitalismo que possibilitasse a sua destruição e a construção da sociedade socialista; por isso, os trabalhadores deveriam ter acesso a esta forma de conhecimento e deveriam se apropriar dele como já o tinham feito muitos intelectuais e quadros partidários.

A discussão sobre a consciência e a forma de organização dos operários ou do movimento de massas despertou um grande debate entre Lenin e Rosa Luxemburgo. O revolucionário russo via este aspecto "externo" – necessário para elevar a consciência do operário – como tarefa dos quadros do partido, pois para ele a luta pelo poder não poderia se dar somente pela ação das massas, mas devia estar presente nos quadros educados para os objetivos revolucionários. Rosa, por sua vez, ao defender a espontaneidade das massas, coloca que "(...) o proletariado em sua ação depende do desenvolvimento social da época, mas a revolução socialista não se faz tampouco fora do proletariado".[124] Assim, entendia que através da mobilização das massas se criaria dentro delas uma "elite" consciente que passaria a dirigir (dependendo das situações) como "vanguarda" consciente. No fundo, Rosa queria questionar a tendência de centralização do partido, embora reconhecesse a importância da organização partidária para formular a política revolucionária.

---

[124] GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária.* São Paulo: Perspectiva, 1982.

Lenin vai além e diz que, "para levar a consciência de classe aos operários, os conhecimentos políticos, o partido deveria ir a todas as classes da sociedade", justamente porque o partido, formado por um número limitado de quadros e atuando de forma clandestina, não poderia se expor abertamente. Por isso, acentua que o dirigente político (preparado com conhecimentos formulados através do estudo fora da luta cotidiana) deveria comportar-se diferentemente do líder sindical, que "organiza, discute e ajuda a organizar a luta econômica contra os patrões e o governo". O militante revolucionário deveria ser e ter como ideal o "tribuno popular", que saberia reagir contra as arbitrariedades e opressões onde quer que se produzissem, qualquer que fosse a classe ou camada social atingida; que soubesse generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista; que soubesse aproveitar a menor ocasião para expor diante de todos suas convicções socialistas e suas reivindicações democráticas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado.[125]

A distinção de tarefas entre o líder sindical e o tribuno demonstra que cada organização deve ser estruturada de acordo com os objetivos que possui. A pergunta que poderíamos nos fazer é: que tipo de tarefas devem ser desenvolvidas em um movimento de massas para não deixá-lo afogar-se no mar da simples espontaneidade?

Lenin, quando caracteriza o militante político como "tribuno", diferentemente do militante sindical, quer chamar a atenção ao fato de que ambas as tarefas são importantes, mas que um atua apenas em uma categoria e a outra relaciona-se com diferentes categorias e classes.

Dando continuidade a esta reflexão, e comprovando as dificuldades estruturais existentes de se mover e atingir a população, Lenin pergunta: "Como ir a todas as classes da população? E como fazer?" A partir das necessidades colocadas, ele destaca qua-

---

[125] *Op. cit.*, p . 63.

tro formas: "Devemos ir a todas as classes da população, como: teóricos, propagandistas, agitadores e organizadores", sendo que nestas quatro formas deveriam ser extraídas as tarefas específicas e concretas.

Todos esses elementos políticos e orgânicos, na opinião de Lenin, deveriam desembocar nas tarefas da organização partidária, tendo um caráter de vanguarda que, segundo ele, "não é apenas o destacamento avançado, é preciso proceder de forma que os demais destacamentos se deem conta e sejam obrigados a reconhecer que marchamos à frente".[126] Não se trata de uma marcha imposta, mas, sim, do acerto das táticas que permitem avanços. Com isto, as forças dirigentes ganhariam respeito e apoio das demais forças.

Para ele, a função do partido, por meio dos seus quadros clandestinos, era de ajudar a organizar as grandes massas; caso contrário, organizando apenas a classe operária, não poderia jamais ser uma vanguarda. Somente a colaboração de todos os setores sociais na realização da política estratégica poderia levar as forças organizadas ao poder. Por esta razão, era na luta sindical que se poderia ampliar a organização menos clandestina, fortalecendo a luta contra os patrões. Entretanto, devido à perseguição policial, a organização dos revolucionários não deveria ser muito extensa, mas, sim, o mais clandestina possível. Como as organizações de massa eram mais amplas e faziam a luta econômica por meio de protestos, greves, mobilizações em geral, elas teriam dificuldade de desenvolver tarefas conspirativas.

As tarefas do partido entre as massas eram fundamentalmente de propaganda, através de publicações ou de discussões feitas no seio das lutas econômicas, sem pôr em risco a organização ampla dos operários.

A pergunta que Lenin faz é:

> Como conciliar essa contradição entre a necessidade de se contar com efetivos numerosos e o regime clandestino rigoroso? Como fazer com que as organizações profissionais sejam o menos clandestinas possível? (...) em geral, há

[126] *Op. cit.*, p. 65

> apenas dois caminhos: ou a legalização das associações profissionais (que em certos países precedeu a legalização das associações socialistas e políticas) ou a manutenção da organização secreta, mas tão "livre", tão pouco formalizada, tão *lose* [livre, ampla – inglês], como dizem os alemães, que para a massa dos membros o regime clandestino fique reduzido a quase nada.[127]

Esta questão, se deviam ou não legalizar as organizações, era muito polêmica; um exemplo são as associações de operários que, na Rússia, estavam proibidas pelo governo. Para Lenin, esse processo já estava em andamento e poderia ajudar a organização política na medida em que estes espaços fossem aproveitados para arregimentar mais operários para a causa socialista. Era importante também reforçar a organização dos sindicatos profissionais, onde se poderia fazer uma ampla agitação política, o que, porém, não diminuía a responsabilidade de se manter a linha revolucionária e a preparação da insurreição. A legalização de algumas formas organizativas, quando possível, servia para ampliar a ofensiva, e não para se dobrar diante da legalidade.

Sobre a organização dos revolucionários para a realização do trabalho de base e conspirativo:

> Um pequeno núcleo compacto – composto dos operários mais firmes, mais experimentados e provados, com delegados nos principais bairros e que de modo rigoroso se vincule clandestinamente à organização dos revolucionários – poderá perfeitamente, com a mais ampla colaboração da massa e sem qualquer regulamentação, realizar todas as funções que competem a uma organização sindical e, além disso, realizá-las exatamente de acordo com os objetivos da social-democracia.[128]

Com esta forma de se organizar, sem regulamentação, nem membros declarados – "sem membros", dirá Lenin –, seria possível organizar os revolucionários e fazer a ligação entre a massa e a organização política, sem chamar a atenção da repressão.

O que é importante perceber é que Lenin vai desenvolvendo a teoria da organização a partir da realidade concreta e colocando os quadros de acordo com as tarefas concretas, seja na área sindical,

---

127 LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento*. Ed. cit., p. 183.

128 *Idem*, p. 189.

seja na luta conspirativa. Conclui-se, então, que através disso os quadros seriam qualificados de acordo com as tarefas designadas pelo partido e avançariam permanentemente, pois, dentro da estratégia estabelecida, as tarefas iriam se multiplicando e ficando cada vez mais complexas.

Sobre a carência de quadros

Desde que foi desencadeado, o processo revolucionário russo teve poucos quadros até o momento em que tomaram o poder e iniciaram a organização do socialismo. Lenin dedicará muita energia para convencer o partido de que deveria avançar na política de multiplicação de quadros.

Em uma carta à Bogdanov, ele destaca:

> Necessitamos de forças jovens. Aconselharia fuzilar ato contínuo quem se permitia dizer que não há gente na Rússia. Na Rússia há multidões de pessoas. O que falta é recrutar a juventude com maior amplitude e audácia, com maior audácia e amplitude, cada vez mais, com maior amplitude e com maior audácia sem temer (...) Lançai borda afora os velhos costumes da imobilidade, do respeito às hierarquias etc. Fundai com jovens centenas de círculos e estimulai-os para que atuem com toda a energia (...)[129]

No seu entender era preciso unir e fazer entrar em ação com rapidez desesperada todos os homens de iniciativa revolucionária: "Não temais a sua falta de preparação, não temais ante a sua inexperiência e insuficiente desenvolvimento".[130]

Por estas afirmações, percebe-se que a organização revolucionária tinha necessidade de integrar mais pessoas que assumissem as tarefas através dos círculos ou núcleos; à medida que se inserissem, e conscientes de suas responsabilidades, se qualificariam.

Em outro momento, Lenin dirá que a sociedade oferece muitos indivíduos para a luta, mas a fraqueza da organização não consegue aproveitá-los.[131] Porém, as lideranças queixavam-se da falta de homens, embora os homens existissem em quantidade. As massas

---

[129] LENIN, V. I. *A formação dos quadros*. Lisboa: Seara Nova, 1977, p. 89.

[130] *Idem*, p. 89.

[131] Cf. LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento*. Ed. cit., p. 198.

e as classes a cada ano ofereciam um número sempre maior de pessoas descontentes, prontas para cooperar. Mas era preciso ir ao encontro dos operários, dos camponeses e da juventude, pois lá encontrariam a base para formar mais quadros.[132]

Na questão sindical, Lenin compreendia que a ligação do partido com a massa de operários era condição fundamental para o êxito de qualquer atividade. Dever-se-ia criar de cima abaixo, na organização do sindicato, um sistema de camaradas responsáveis e capazes de exercerem as suas funções. Isso quer dizer que não importava o tipo de estrutura nem tampouco a sua função, se política ou sindical: o que importava é que tinha que ter seriedade e eficiência em todos os círculos e instâncias, das mais altas às mais baixas.

Vemos, portanto, que Lenin elege a execução das tarefas e a experiência como elementos fundamentais para a qualificação dos quadros, porém não se detém nisso, pois o estudo era a tarefa determinante. Ele destaca assim que era preciso incorporar "especialistas" nas atividades, em conjunto com os operários, ou seja, a relação direta do intelectual com a atividade prática. Estes especialistas, naquele momento, logo após o triunfo da revolução, eram ainda descendentes de burgueses ou pequeno-burgueses que, no entender do Lenin, eram necessários nas atividades porque detinham o conhecimento, mas deviam estar sob o controle operário.

Antes do triunfo da revolução, Lenin procurou a saída em relação à ligação permanente do militante político com o trabalhador produtivo nas fábricas de onde tirava o seu sustento, não lhe sobrando tempo para assumir certas tarefas organizativas e de militância:

> (...) todo agitador operário que tenha algum talento e que seja uma 'promessa', não deve trabalhar 11 horas na fábrica. Devemos cuidar para que viva por conta do partido e possa, no momento preciso, passar à ação clandestina, mudar de localidade, pois de outro modo não adquirirá grande experiência, não alargará os seus horizontes, não se poderá manter sequer por alguns anos na luta contra a polícia. Quanto mais ampla e profunda se tornar a ascensão espontânea das

---

[132] Cf. LENIN, V. I. "Discurso pronunciado na reunião do soviete de Moscou de deputados operários e soldados vermelhos". *In: A formação de quadros.* Lisboa: Seara Nova, 1977, p. 147.

> massas operárias, mais se destacarão não só os agitadores com talento, como também os organizadores e propagandistas e militantes 'práticos' mais dotados; 'práticos' no melhor sentido da palavra (que são tão escassos entre os nossos intelectuais, em sua maioria apáticos e desatentos à maneira russa).[133]

Há então que se perceber a amplitude da visão de Lenin sobre a projeção e colocação de quadros nas atividades produtivas, políticas, organizativas etc. Mas o que aparece como primeiro aspecto é a experiência, o despertar através da prática, pois é na prática que entram as tarefas e a teoria política.

Para cada realidade é importante analisar qual é a melhor forma de desenvolver esta atividade de multiplicação de quadros, qual o método mais eficiente.

CARACTERÍSTICAS DE UM QUADRO

A partir do processo de desenvolvimento da revolução cubana, o comandante Ernesto Che Guevara[134] elabora de forma detalhada as características que um quadro revolucionário deve ter no processo de transformação e construção da sociedade socialista. Ele reafirma todos os aspectos desenvolvidos por Lenin, caracterizando a organização de vanguarda como "elemento catalisador" das forças progressistas, em que o quadro político atua sem pretensões de exercer cargos, mas, sim, pela consciência do dever, destacando que "na atitude dos combatentes se vislumbrava o homem do futuro". Por essa linha é que chegará à definição do "homem novo" que deveria ser "forjado no dia a dia".

Segundo Che, somente quem participa do processo revolucionário pode entender a necessidade da ligação dialética que há entre o indivíduo e as massas, e acrescenta que é importantíssimo saber escolher corretamente o instrumento de mobilização das massas.

Para manter o estímulo moral da massa, e também dos militantes, Che compreende que é necessário o desenvolvimento de uma consciência em que os valores como dedicação, honestidade, disciplina, espírito de sacrifício etc. adquirem novas categorias.

---

[133] LENIN, V. I. *Que Fazer? Questões candentes de nosso movimento.* Ed. cit., p. 204.

[134] GUEVARA, Che. *Obras de Che Guevara: textos revolucionários*, ed. cit.

O quadro, além de saber "a velocidade" que deve dar aos passos concretos, deve ir à frente orientando a massa, principalmente através do exemplo concreto; e é o partido a organização que deve integrar os quadros. Do partido devem fazer parte "os melhores quadros". Como em uma sociedade os quadros são poucos, ele destaca que "este partido é minoritário, mas de grande autoridade pela qualidade de seus membros". E acrescenta: "nossa aspiração é a de que o partido seja de massas, mas isso quando as massas tiverem alcançado o nível de desenvolvimento da vanguarda".

Qualidades específicas de um quadro

Com o intuito de ir construindo o homem novo, Che, em seus discursos, através de textos, e principalmente pelo seu exemplo, foi formulando explicações, orientações e conceitos do que é um quadro e qual deve ser seu comportamento.

Embora ele destaque estas características de forma explicativa, para facilitar (mas talvez com prejuízo de compreensão e interpretação) elencamos de forma resumida e pontuada o que, no entender do Che, seria um quadro político revolucionário. Eis as características de um quadro:

- ter sentido do dever;
- ter sensibilidade para todos os problemas dos trabalhadores;
- ter espírito inconformado;
- ter interesse em compreender e conhecer sempre mais sobre todas as coisas;
- ter vontade de fazer novas experiências;
- propor-se a ser sempre o primeiro e lutar por isso. Sentir-se incomodado quando se ocupa outro lugar;
- ser exemplo vivo para poder orientar os demais trabalhadores esteja onde estiver;
- ter espírito de sacrifício, procurando fazer as tarefas mais difíceis e contribuindo com os outros que possuem dificuldades em realizar suas tarefas;
- estar sempre atento a tudo o que acontece e prever o que irá acontecer;

- ter um comportamento ético;
- esforçar-se para expressar o que de melhor existe no ser humano;
- ter dedicação ao estudo;
- ter dedicação ao trabalho produtivo;
- ter espírito de solidariedade;
- ter visão de conjunto, sem se apegar cegamente à parte ou ao território;
- ter entusiasmo permanente;
- preservar a dignidade;
- ter conhecimento profundo da realidade em que atua;
- saber interpretar os anseios da massa;
- saber comunicar-se bem;
- portar e expor virtudes que cativam a massa;
- ter disciplina voluntária como parte da personalidade e do comportamento;
- ter autocontrole físico, fisiológico, emocional etc.;
- saber formular propostas sobre a realidade;
- elaborar métodos de trabalho;
- saber ouvir as aspirações do povo e transformá-las em ideias e em propostas;
- conhecer as deficiências e debilidades pessoais;
- ter capacidade de análise e saber orientar-se por conta própria;
- ser criativo diante das dificuldades;
- ter fidelidade à causa;
- ter firmeza ideológica para não retroceder;
- saber orientar;
- cultivar valores como humildade, honestidade, franqueza, seriedade, amizade etc.;
- conhecer e combater vícios e desvios como personalismo, arrogância, prepotência etc.;
- evitar privilégio individual;
- tratar os inimigos com rigor sem rebaixar a natureza humana;
- preocupar-se com a segurança e com a vida dos militantes.

Podemos ver que estas características, qualidades e valores, que são destacados para serem parte integrantes da vida de um quadro, não podem ser adquiridas imediatamente, pois apenas será possível dentro de um processo organizado e dirigido de forma estratégica por uma organização de vanguarda.

É nesse processo que vão se desenvolvendo no militante, através da execução prática das tarefas, a maturidade política, ideológica, ética, moral etc. Por isso, a história da luta de classes é também a história dos indivíduos, ambas construídas coletivamente.

O que é importante levar como conclusão são os ensinamentos históricos que facilitam a compreensão, a correção e o avanço na formulação de saídas concretas para nossos grandes desafios fundamentalmente organizativos. Assim, vejamos:

- como formar quadros no atual estágio da luta de classes, quando não há uma estratégia política definida que ultrapasse a luta econômica e conduza a luta política com objetivos superiores e abrangentes?
- como formar quadros se há uma enorme confusão em torno da ideologia socialista e, de certa forma, ela parece ser até desnecessária, na medida em que se leva em frente apenas as lutas espontâneas?
- como levar em frente a formação de quadros se a classe carece de organização política que se proponha e se comprometa com a transformação das estruturas sociais?
- por fim, como formar quadros se as tarefas concretas que a luta econômica exige são pouco complexas, corporativistas?

O que nos parece é que a política de quadros deve vir embutida nas necessidades concretas, em que o cumprimento de tarefas concretas de diferente caráter obrigue a envolver cada vez mais pessoas para que se possa construir esta obra coletiva que é a transformação social, política e econômica do país.

Resta, portanto, debruçarmo-nos sobre estas questões com prioridade para, posteriormente, discutirmos e implementarmos a formação de quadros; com toda certeza, esta tarefa será muito mais fácil do que imaginamos.

Política de formação e projeção de quadros

Uma das principais características de um quadro é saber interpretar a realidade para poder transformá-la. Dessa forma é necessário entender que um quadro, acima de tudo, deve ter um elevado nível de conhecimento e deve ter assimilado os objetivos estratégicos de sua organização para atuar, por meio de um projeto em constante elaboração, e para alcançá-los através da práxis coletiva. Segundo Mao Tsé-tung, "ser dirigente envolve duas responsabilidades principais: formular ideias e empregar os quadros".[135]

Dentro de uma organização, os níveis de consciência dos militantes são diferenciados de acordo com a capacidade de compreender a realidade para transformá-la. Muitas vezes, esta diferenciação se faz também pelos níveis de "consciência social e política". Por nível inferior, compreende-se a consciência que está em um grau simplificado de compreensão da realidade, advinda da própria convivência social, formada basicamente pela experiência. O nível superior abrange uma consciência mais ampla que estabelece relações universais entre as partes e o todo. Neste sentido, Iasi resgata de Marx as relações entre a "consciência em si" e "consciência para si":

> (...) Portanto, em sua luta revolucionária, não basta o proletariado assumir-se enquanto classe (consciência em si), mas é necessário se assumir para além de si mesmo (consciência para si). Conceber-se não apenas como um grupo particular com interesses próprios dentro da ordem capitalista, mas também se colocar diante da tarefa histórica da superação dessa ordem.[136]

---

[135] TSÉ-TUNG, Mao. *Obras escolhidas* Vol. IV. Lisboa: Proletário Vermelho, 1975, p. 163.

[136] IASI, Mauro Luís. *Ensaios sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 32.

A convivência social, com todas as suas implicações, tem o poder de formar a consciência social de cada indivíduo, mas isso não é suficiente para a transformação da realidade. Essa consciência social, sem perder as suas características funcionais, como alimentar-se, vestir-se, reproduzir-se etc., será elevada para consciência política à medida que "o ser social" se propuser a desenvolver ações políticas com a finalidade de transformar a ordem estabelecida e construir uma sociedade em que "o livre desenvolvimento de cada um é pressuposto para o livre desenvolvimento de todos".[137]

Toda organização política deve ter claro que o processo de formação de um quadro depende de três aspectos fundamentais, a saber: o programa de formação, a política de quadros e a colocação destes nas atividades concretas.

Enquanto a *formação de quadros* pode ser vista como um *programa de formação*, no qual se preveem conteúdos, metodologias e períodos de estudos intensivos, *a política de quadros* é, em parte, a diretriz da formação destes, mas vai além, uma vez que se deve prever a *colocação dos quadros* dentro de um projeto, de onde vieram e onde irão desempenhar o papel de condutores das lutas pela transformação da realidade, atuando nas diversas frentes de ações e combinando aspectos da realidade local com a política universal da classe.

A formação e a colocação dos quadros é o desenvolvimento de um processo lento, cujo ponto de partida é sempre a consciência social do indivíduo, adquirida pela experiência de vida e de envolvimento na luta de classes. O aprendizado da teoria se dá na medida em que a prática individual e coletiva passa pela reflexão, que revela e apresenta novas possibilidades de avanços, em que se encaixam as novas tarefas. Logo, não pode haver formação de quadros sem considerar a relação estreita entre prática e teoria.

A projeção de quadros está intimamente ligada com a política de quadros. Poderíamos dizer que é o planejamento que incorpora em si os passos para ir colocando os militantes em tarefas e cargos cada vez mais elevados, de acordo com a capacidade e a

---

[137] MARX, K.-ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*, ed. cit.

qualificação adquirida. Projetar significa impulsionar para frente, responsabilizar e fazer com que os mais capazes integrem, cada vez mais, os círculos mais elevados de organização e de direção do instrumento político.

A FORMAÇÃO DO QUADRO ATRAVÉS DA PRÁXIS

Ao falar de história, em *A ideologia alemã*, Marx e Engels afirmam que o primeiro pressuposto é que os homens devem estar em condições de viver para poderem "fazer história". Para tanto, as condições básicas seriam comer, beber, morar, vestir e algumas coisas mais e concluem dizendo que

> O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que esse é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos.[138]

Ao verificar primeiro a existência das necessidades vitais para iniciar a história, o ser humano adquire consciência de si e de seu grupo social. Sendo agora um ser social, e por ter desenvolvido a capacidade de pensar, se propõe a produzir os meios para buscar as soluções para cada uma das necessidades. Ao respondê-las para si, atrai os demais seres para que juntos ampliem as soluções das necessidades criadas. Nesse processo, as respostas serão sempre os resultados das condições encontradas no próprio meio. Para tanto, em primeiro lugar, o ser humano utiliza a imaginação para antecipar na ideia aquilo que vai fazer ou objetivar: "Essa antecipação na consciência do resultado provável de cada alternativa possibilita às pessoas escolherem aquela que avaliam como sendo a melhor. Escolha feita, o indivíduo leva-a à prática, ou seja, objetiva a alternativa"[139]. Diante das várias alternativas imaginadas, o ser executante não poderá realizá-las ao mesmo tempo: terá que

---

[138] MARX, K-ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 40-41.

[139] LESSA, Sérgio. TONET, Ivo. *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 18.

escolher e definir-se por uma delas, escolhendo aquela que lhe parece mais lógica. Dessa prévia ideação depende o resultado do esforço empreendido, que poderá suprir a necessidade, tanto de forma parcial quanto total; ou, inclusive, ampliá-la.

Mas o pensar e o fazer para objetivar soluções necessitam de tempo, pois é ele quem irá garantir o aperfeiçoamento das características do ser social que cresce em qualidade de conhecimentos e em habilidades. As habilidades mentais e físicas desenvolvem-se através do trabalho em relação à transformação da natureza ou na aplicação de esforço físico para qualquer outra atividade não produtiva. É através disso que ocorrem as objetivações.

Ao pensar, fazer, repensar e refazer, o ser social habilita-se para enfrentar as novas contradições que surgem, e isso não pode ocorrer com os demais seres vivos pelo simples fato de que eles não têm a capacidade de antecipar na mente o que vão fazer no futuro.

O ser humano inventa tanto os objetos que necessita para suprir as carências físicas quanto os instrumentos que os produzem. Ao produzir os próprios meios de vida, o ser social objetiva planos (combinações de alternativas) e, com isso, organiza a própria cultura. A cultura apresenta-se como o resultado das experiências feitas através da convivência social, através da qual se forma a consciência social, política e histórica de um grupo social.

Tendo em vista que tanto as necessidades individuais quanto sociais necessitam de invenções, o indivíduo inserido em uma determinada sociedade, ou grupo social, tende a inventar para o uso de todos. Este processo é conhecido como generalização do conhecimento. "Todo ato humano tem por base a evolução passada da sociedade, a situação presente concreta em que se encontra o indivíduo e suas aspirações e seus desejos para o futuro. Não há ato humano fora da história, fora da sociedade".[140] Se um objeto inventado não tiver serventia, será desprezado pela coletividade. No caso de o objeto inventado não ser usado porque a sociedade desconhece os mecanismos de uso, o inventor terá de oferecer a essa

[140] *Idem*, p. 27.

coletividade não só as técnicas de produção que, implicitamente, se encontram no objeto, como também as maneiras de manuseá-lo. Assim, durante a história da humanidade, as gerações posteriores se apropriaram tanto das técnicas e dos objetos inventados quanto dos hábitos de fazê-los e dos costumes de usá-los, identificando-os através dos nomes.

A cultura, vista como um "conjunto" de relações, de descobertas e de valores a ser repassado para as futuras gerações, é entendida como uma exigência social. Aqueles que descobriram, inventaram ou desenvolveram o conjunto de aspectos que possibilitaram estruturar a vida social, fazendo as coisas e fazendo-se enquanto gerações, utilizando-se do recurso da práxis, serviram sempre de referência para a continuação da história. As práxis continuadas têm a função de fazer com que as descobertas não se percam, e sim prossigam com as novas gerações. Os quadros são, além de tudo, portadores da cultura anterior que permite fazer coexistir a tradição com a busca de alternativas no tempo presente.

A relação entre tradição e tempo presente como relação consciente da formação do quadro não ocorre somente na esfera do fazer material, ou seja, não se dá apenas pelo "conjunto" de práticas e técnicas apreendidas na vida produtiva; ela inclui também símbolos, valores, táticas e estratégias e demais conhecimentos históricos, políticos, filosóficos etc.

Segundo Löwy:

> Para Benjamin, não se trata de substituir Marx pelo socialismo utópico: suas inúmeras referências ao materialismo histórico o demonstram suficientemente. Mas é questão de enriquecer a cultura revolucionária com todos os aspectos do passado portadores da esperança utópica. O marxismo não tem sentido se não for também o herdeiro e o executante testamentário de vários séculos de lutas e de sonhos de emancipação.[141]

É fundamental compreender essas questões porque, para organizar um processo de formação política de um indivíduo,

---

[141] LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 57.

com o objetivo de torná-lo um ser revolucionário, é necessário compreender primeiro sua formação social. O salto qualitativo que ele deve dar para cumprir a sua função política depende da base social e cultural que traz consigo de experiências anteriores. Colocar um quadro significa prepará-lo para ocupar um lugar diferenciador dentro da realidade social e, nela, ser capaz de formular métodos e estabelecer linhas de ação com o objetivo de transformá-la.

As prévias ideações para a escolha de uma alternativa para suprir uma necessidade material, como comer, vestir, morar, não são as únicas que um ser social deve processar em sua mente. Desde que surgiu a vida em sociedade, criaram-se necessidades não produtivas que passaram a ser muito importantes, como as que estão voltadas para a organização, educação, elaboração, administração etc.

Desta maneira, com algumas diferenciações é que podemos vincular as prévias ideações também às questões políticas, administrativas, educativas etc., no sentido de que, se a escolha de uma alternativa para solucionar o problema da fome é o plantio de um vegetal e este poderá ser cultivado da mesma maneira por várias gerações, na política as ideações novas seguem as circunstâncias históricas, nas quais se insere a capacidade humana de reagir sobre as contradições apresentadas. A escolha para a aplicação das alternativas formuladas depende das condições de cada momento histórico.

Na luta pela sobrevivência, o ser social inventa o objeto e o instrumento que o produz. Na sequência, terá de inventar instrumentos para produzir novos instrumentos que, por sua vez, produzirão os novos objetos de que necessita, pois as necessidades sociais a cada instante vão se ampliando e se multiplicando.

Da mesma forma que o homem intervém na natureza – por meio do trabalho – ele intervém na luta social e política, seja para manter a ordem, seja para transformá-la. Neste sentido, é necessário produzir o instrumento que possibilite a realização do objetivo político, formular esse objetivo e escolher as alter-

nativas ou táticas para alcançá-lo, pois sua construção se dá a partir das necessidades das mudanças. O instrumento político, que produz novos instrumentos políticos e organizativos, surge dos conflitos sociais.

Compreendemos que uma necessidade política não permanece estática após a invenção de um instrumento para satisfazê-la. As necessidades se ampliam porque as contradições se ampliam; logo, o instrumento precisa ampliar a sua potencialidade, elaborar novas táticas e métodos para responder às novas situações. A continuidade da formação dos quadros se dá também pelo aprimoramento do instrumento que estabeleceu na sua origem os objetivos que queria alcançar, mas que também ganharam novos entendimentos.

A práxis surge como conteúdo das compreensões das necessidades políticas. Ela contribui para assimilar as alternativas já propostas e ajuda a formular novas alternativas. Em seguida permite que se avance na escolha das tarefas, juntamente com a distribuição das responsabilidades, acompanhadas de uma constante avaliação para verificar se a prática está em sintonia com a finalidade estabelecida.

Não se trata de que todos os quadros precisam idealizar as alternativas (estratégia e táticas) para se considerarem seres da práxis, mas o conjunto dos quadros precisa compreender as alternativas formuladas e envolver-se na realização das tarefas concretas, criando seus próprios métodos de execução. Podemos citar como exemplo uma finalidade em forma de alternativa a ser definida em um congresso no qual estão reunidos representantes de milhares de membros de uma organização. Grande parte da base social da organização não participou de tal definição, mas precisa compreendê-la e assumir, pelo princípio da "unidade de ação", a responsabilidade de implementar tal finalidade.

Entretanto, as alternativas para suprir as necessidades criadas pelas contradições políticas são muito mais complexas do que aquelas engendradas para responder às necessidades econômicas. A dialética não é um mero exercício de imaginação de possibilidades associadas aleatoriamente; ela exige uma análise

profunda das relações entre as contradições para, assim, buscar, através do conhecimento já posto, novas respostas e novos conhecimentos.

Cada geração deixa para as gerações vindouras instrumentos e objetos prontos que serão utilizados na produção de novos objetos que atendam às novas necessidades, mas não somente isso, pois as gerações passadas não entregam apenas as riquezas produzidas; entregam também uma sociedade organizada com normas e valores. Por isso, repassam como parte da herança cultural mitos, superstições, costumes, crenças, relações de gênero etc. que precisam ser enfrentados e modificados com o tempo. Não é pelo fato de um militante entrar para uma organização política, participar de algumas lutas e dirigir-se para um curso de formação que tudo aquilo que ele trouxe na consciência, como acúmulo anterior, será diluído automaticamente.

Nesse sentido, entram em discussão, na formação, as funções sociais anteriores do indivíduo e as funções sociais e políticas que ele terá que desenvolver a partir da elevação do seu nível de consciência, ou seja, compreender que finalidade tinha enquanto ser social antes de se inserir na organização e que finalidade terá após inserir-se. Em geral, ao entrar para a luta política, os militantes buscam se colocar enquanto sujeitos das mudanças nas necessidades da sociedade.

Na organização política, a práxis é a ligação consciente entre o indivíduo e a realidade a ser transformada, tendo como mediação o instrumento político, o programa, as táticas e os métodos. Ao ser impedido de se apropriar da própria organização, no caso de ser representado pelos outros o tempo todo, ele se aliena, se separa das diversas funções que são desenvolvidas e já não compreende nem os resultados alcançados nem a si próprio enquanto militante.

A práxis é uma categoria de referência fundamental na formação dos quadros, pois, além da função de interpretar o mundo, contribui para apontar tanto os caminhos das transformações quanto a forma de caminhar por eles. A práxis impede que ocorra

a alienação política, pois o sujeito da ação é o mesmo sujeito da reflexão. Assim, podemos dizer que a diretriz da política de formação e projeção dos quadros é a práxis.

A práxis, no cotidiano, pode estar tanto nos grandes movimentos de transformação quanto nos pequenos afazeres que conduzem à produção dos meios de vida para a subsistência do quadro em ação. Por isso é que não pode ser considerada uma simples atividade da consciência, do pensar e refletir sobre as coisas, mas uma atividade reflexiva e ao mesmo tempo produtiva, de objetos e objetivos, do próprio ser social e político.

A relação entre teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, em particular a atividade revolucionária; teórica na medida em que essa relação é consciente.[142]

Essa maneira de interpretar leva a integrar o pensar com a realidade. As transformações da realidade exigem meios e condições propícias para serem realizadas. No dizer de Vázquez, o elemento diferenciador, que conduz ao desfecho da interpretação, é a práxis, de modo que "toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis".[143] Para este autor, a atividade é o conjunto das ações ou atos que modificam uma matéria. Mas onde está a diferença de a atividade ser ou não uma práxis? Ambas são atividades, porém somente aquela que tem *finalidade* preestabelecida se configura como práxis: "Pelo fato de propor-se objetivos, o homem nega uma realidade efetiva, e afirma outra ainda não existente."[144]

Chegamos à essência da questão: não basta que os quadros se envolvam em atividades para demonstrarem concretamente que são quadros. A atividade que não detém uma finalidade clara na luta de classes e que não provoque mudanças estruturais não é práxis, é tarefismo.

---

142 VÁZQUEZ, Sánchez Adolfo. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 117.

143 *Idem*, p.185

144 *Idem*, p.189

É comum vermos, nos movimentos sociais e organizações políticas, militantes com suas agendas e anotações de tarefas relacionadas por dias e até por todas as horas do dia. Já não estudam, pois os compromissos não permitem que parem por alguns dias. Como a consciência é movimento, tanto pode girar para frente quanto para trás. Quando gira para frente, com finalidade definida, é a práxis. Quando gira para trás, no tarefismo, é a regressão e a desqualificação do próprio executor. Engana-se quem pensa que com a experiência do ativismo se qualifica; na verdade, aprende, mas seu aprendizado com o tempo não incomoda a mais ninguém, a não ser àqueles que querem seu cargo.

Voltemos ao ponto de origem da formação do ser social. As necessidades reais determinam as respostas a serem dadas pelo ser social, que, ao estabelecer sobre a realidade uma finalidade, antecipa em sua consciência o resultado. É no decorrer desse fazer e fazer-se que se configura o desenvolvimento da práxis como ação e reflexão consciente. No entanto, para que seja realmente práxis, entre o pensamento e a ação, há que existir a finalidade objetiva estabelecida pela prévia ideação que referenda o que se quer alcançar. Na medida em que o ser humano não estabelecer este processo de relações em si – seja pela sua "inutilidade" produtiva, seja pela alienação no processo de produção –, regride enquanto gênero. Na política, regride enquanto sujeito.

Lenin nos fornece um belo argumento para esta questão quando trata do elemento político, destacando: "A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico".[145] Para ser um quadro revolucionário, não basta ter qualquer consciência; é necessário ter identidade revolucionária, e esta somente pode surgir a partir do conhecimento científico da realidade que se diferencia do senso comum e do idealismo. Portanto, não é pelo ativismo que se chega à consciência socialista, mas pelo estudo, pelo planejamento consciente da prática e também por ela própria.

---

[145] LENIN, V. I. *Que fazer? Questões candentes de nosso movimento.* Ed. cit., p. 99.

A CONTINUIDADE NA FORMAÇÃO DE QUADROS

A consciência política de um quadro se desenvolve a partir da experiência e dos conhecimentos empíricos e científicos com a finalidade da transformação social.

O processo de produção do conhecimento, por sua vez, é dinâmico, não dogmático. Para cada momento histórico geram-se contradições antagônicas e não antagônicas, e, com isso, o conteúdo das ideias sofre modificações, pois elas precisam acompanhar o movimento das mudanças concretas. Existem determinadas formulações que, num primeiro momento, podem ser consideradas revolucionárias, mas que, num momento posterior, estagnam como se fossem dogmas. Podemos tomar como exemplo o princípio da direção coletiva. No momento em que este princípio foi tomado como referência organizativa pelos movimentos sociais, na década de 1980, no Brasil, significou uma inovação revolucionária. Até então se conheciam apenas organizações de estrutura verticalizada, em que o presidencialismo era o regime preferido pelos partidos, sindicatos e associações de bairros.

O princípio da direção coletiva questionou as práticas burocráticas e administrativa, centralizadoras do poder; eliminou o cargo de presidente e distribuiu as tarefas entre os coletivos de direção. Porém, com o crescimento dos movimentos, o conteúdo deste princípio foi ficando limitado, isto porque, no início, o círculo de direção representava universalmente uma quantidade de massas muito pequena, pois era o início das lutas específicas, nas quais o membro da direção estava integrado; conseguia consultá-la e remetia a ela questões para serem debatidas. Ao triplicar a quantidade de pessoas que passaram a integrar os movimentos, esses dirigentes já não podiam consultar diretamente as massas e, desta maneira, o princípio foi se convertendo em um dogma burocrático, como se a estrutura que nasceu horizontal passasse a ser vertical, da mesma forma como funcionavam as entidades sindicais.

Para que a direção seja coletiva, não basta não ter presidente e dividir as tarefas entre os membros do círculo de direção: é necessário que os diferentes círculos, desde a base até a direção principal,

se interliguem e, conforme as massas aumentam, aumente-se também a quantidade de membros no círculo de direção.

Estes aspectos somente são captados pelos quadros quando mantêm relação orgânica com a base e com os conhecimentos científicos. Politzer, ao estudar o método dialético com os operários franceses, na década de 1950, descreveu em seu livro, *Princípios fundamentais de filosofia,* que: "A dialética considera as coisas e os conceitos no seu encadeamento; suas relações mútuas, sua ação recíproca e as decorrentes modificações mútuas, seu desenvolvimento, sua decadência".[146] Nesse sentido, os quadros não podem estar alheios à realidade, pois fazem parte dela e, ao se proporem transformá-la, precisam transformar a si próprios.

O processo de transformação da realidade e a formação dos quadros acontecem no mesmo movimento das mudanças. Há cumplicidade entre a história e o sujeito histórico, no sentido de que, enquanto o próprio sujeito social se faz, a história também é feita.

Para alcançar sua finalidade histórica, o sujeito individual precisa converter-se em um sujeito coletivo, lançando mão de um instrumento organizativo que possibilite não somente refletir e agir sobre a realidade, mas, também, empenhar-se com todas as forças para transformá-la e, junto, transformar-se, para ser, enquanto militante, ainda melhor do que já é.

Como afirmou Carlos Marighella na década de 1960, ao analisar o processo da revolução brasileira: "A direção ideológica é a condição fundamental para o êxito da direção política".[147]

Sabemos que o movimento é não apenas a maneira da matéria ser e se apresentar, mas é também, sob essa forma que se manifestam as definições políticas, as elaborações metodológicas, as formulações táticas e conteúdo dos valores. Quando isto não ocorre, as práticas políticas perdem a noção de sua ineficiência.

---

[146] POLITZER, Georges. *Princípios fundamentais de filosofia.* São Paulo: Hemus, 1986. p. 28.

[147] MARIGHELLA, Carlos. "A crise brasileira". *In:* BOGO, Ademar. *Teoria da organização política*, Vol. II. Ed. cit., p. 256.

Sempre que na luta de classes as forças mudam a sua colocação para atacarem com mais vigor os seus inimigos, não apenas a posição física das forças deve mudar, como também a qualidade da organização também deve evoluir. A forma de ser do instrumento deve estar em constante evolução, assim como o conteúdo das táticas. É o conhecimento que assegura a linha correta das ações, e não a simples autoridade da instância maior do instrumento.

A formação dos quadros, em primeiro lugar, se dá pela experiência social e política que estes desenvolvem em toda a sua existência. Nesse sentido, as diversas áreas do conhecimento entram como mediações teóricas para a qualificação das práticas. Os conhecimentos já elaborados expressam o acúmulo histórico dos estudos feitos sobre as práticas anteriores. É no fazer concreto que nos damos conta se o conhecimento produzido é suficiente para responder aos desafios colocados pelas contradições.

Os militantes, principalmente os de origem camponesa, que se destacam enquanto lideranças, possuem capacidades excelentes no campo das práticas organizativas, mas, por possuírem baixo nível de escolaridade, possuem enormes dificuldades para lidar com a teoria e a literatura escrita em geral. Nesse sentido, a "análise concreta da situação concreta" deveria antes de tudo ser aplicada ao sujeito da formação que é o próprio militante, para que ele possa ser ajudado a superar as próprias deficiências, isto porque, numa mesma turma de militantes que estudam o marxismo, há diversos níveis de escolaridade, de capacidades de interpretação de textos e de compreensão concreta dos conteúdos.

Sobre isto, Ho Chi-minh, um dos líderes da Revolução Vietnamita, relata um fato ilustrativo. Ele conta que, ao voltar de uma reunião, ao chegar no alto de uma colina, deparou-se com um grupo de jovens e de mulheres descansando. Ao perguntar de onde vinham, recebeu educadamente a resposta de que voltavam de "um curso de formação de quadros". O velho dirigente deteve-se e perguntou sobre o que tinham estudado. E eles prontamente responderam que tinham estudado Karl Marx. Mas ao insistir se haviam aprendido alguma coisa, percebeu que os jovens ficaram

embaraçados e sem palavras, o que o levou a concluir que tinham perdido tempo indo ao curso. Com sua experiência, indicou a sábia metodologia:

> (...) é necessário tomar os textos do marxismo-leninismo como documentos de base. No entanto, deve-se fazer uma escolha e reclassificar os textos, porque existem diferenças de nível entre os alunos, e, para cada categoria, são necessários documentos adequados. É inútil estudar o que não convém. (...)[148]

Certamente Ho Chi-minh não estava dizendo que "o marxismo não convém", mas, sim, que determinados textos não podem ser destinados para certos níveis de militantes que ainda possuem dificuldades de interpretação. Nesse sentido, os orientadores dos cursos, ao não levarem em conta a realidade – os diferentes níveis de compreensão dos militantes –, agem somente a partir da ideia abstrata que possuem de formação.

Enquanto a formação de quadros compreende um programa de formação, a projeção dos quadros corresponde a um método de colocação destes em atividades condizentes com o seu crescimento, nas quais eles vão adquirindo experiência no cumprimento de tarefas que lhes vão dando destaque.

Tanto as tarefas organizativas quanto as de coordenação exigem não somente o conhecimento de conteúdo e método para executá-las, mas também a experiência qualitativa que permite ao quadro demonstrar segurança naquilo que diz de forma clara e compreensível, com voz e postura que permitam aos ouvintes confiar naquilo que está sendo dito.

A projeção de lideranças tem início no trabalho de base, no exercício de pequenas reuniões e assembleias, na responsabilidade de expor algum tema para esclarecer o debate e defender propostas. Posteriormente, representar a organização em mesas propostas por outras entidades, procurando redigir um roteiro antecipado sobre o que vai falar e, assim, ir assumindo cada vez mais tarefas que exijam maior preparo e empenho.

---

[148] CHI-MINH, Ho. A nova sociedade. *In:* ALVAREZ, Marta Elena. *Ho Chi-minh: Política.* São Paulo: Ática, 1984; p. 161.

A perspectiva de crescimento da organização determina também a perspectiva do crescimento dos quadros. Para cada período novo que se abre, novas tarefas surgem e novos conhecimentos devem ser buscados para realizá-las. Se uma organização cresce em quantidade, mas não cresce em qualidade, a tendência é que ela se desintegre, isto é, que seja superada pelas próprias contradições.

A pergunta que não pode deixar de ser feita em qualquer período, sob o risco de não acompanhar a dinamicidade das mudanças, é: qual é o caráter das tarefas a serem cumpridas hoje? Tarefas organizativas, tarefas políticas, tarefas metodológicas, técnicas, administrativas, tarefas ideológicas de comunicação, agitação e propaganda, tarefas de resistência, segurança e ações revolucionárias etc. As tarefas devem surgir da correta interpretação da realidade, da clareza das análises e das perspectivas apontadas pela finalidade estratégica.

Nesse caso, a formação, a educação e a capacitação técnica entram como suporte de todas as tarefas, ou seja, é imprescindível a qualificação da militância para desenvolver estas tarefas com conteúdos adequados, métodos eficientes e superação das deficiências individuais.

Há experiências de movimentos de massas que conseguem elaborar a estratégia geral como finalidade, porém em nível interno, não superam a espontaneidade dos métodos, improvisando sempre as soluções sem nenhuma certeza dos resultados a serem alcançados. Ao não superarem tais deficiências, jamais chegarão a dar saltos de qualidade. Um movimento de massas que sobrevive aos objetivos imediatos, necessariamente, se quiser continuar, tem que adotar, sem deixar de ser movimento, algumas características de organização política, através da definição de princípios políticos, organizativos e metodológicos. A organização política exige a superação de certos instintos espontâneos e o avanço na organicidade da base, em que ela, além de sujeito da história, precisa empenhar-se na sustentação financeira da organização, garantir a segurança e o controle de seu território, formar novas lideranças e estabelecer comunicação permanente com as forças sociais com potencial de serem aliadas.

Há quadros que iniciam sua formação na experiência concreta no movimento de massas e, posteriormente, passam pelas escolas dos partidos políticos e se tornam militantes de ambos os espaços, porém esta duplicidade representativa não atrapalha. E há movimentos de massas que, diante dos desafios históricos, organizam as suas próprias escolas de formação de quadros. Nas questões estratégicas, os conteúdos filosóficos, políticos, históricos etc. se combinam e em geral se diferenciam do conteúdo das questões táticas, tendo em vista que a natureza das tarefas podem ser diferentes.

Nos períodos pré-revolucionários, todas as forças procuram dar vida às suas próprias iniciativas e fazem a sua experiência formativa de acordo com o resultado das próprias análises. A natureza dos enfrentamentos se diferencia de um lugar para outro, de uma força para outra. Nos períodos revolucionários, as próprias contradições empurram para a reunião das forças, numa junção de todas as lutas numa única luta com características de insurreição. Nesse momento, as próprias forças se ensinam entre si, os quadros ampliam as suas referências internas e passam a contribuir com outras entidades, que se orientam pelas mesmas palavras de ordem. O processo de formação de um quadro é, portanto, infindável; na medida em que entra em contato com outras experiências, jamais deixa de aprender.

O método de formação dos quadros

Na história da filosofia temos como certo pelo menos duas grandes correntes filosóficas. A primeira é conhecida como idealista, corrente filosófica surgida com os primeiros filósofos na Grécia antiga. Sua principal característica é acreditar na ideia como referência principal. Primeiro Platão, depois Aristóteles, foram os grandes formuladores desta corrente que tem como referência de que "nada existe sem antes ter passado pela ideia". Esta concepção acredita na eternidade imutável do espírito; por isso defende que é a ideia ou o espírito quem cria a realidade. As coisas existem antes na ideia (do espírito criador ou do homem) para depois existirem na realidade. Tudo é uma criação da ideia humana ou de um espírito superior.

Aristóteles foi quem conseguiu (apropriando-se das formulações anteriores) estabelecer os princípios da lógica formal, que consiste na finalidade de dirigir os atos do pensamento para a verdade. Para ele, os princípios da lógica formal podiam ser resumidos em: a) identidade; b)não contradição; c) o terceiro excluído.

O primeiro princípio da lógica formal é o da identidade, e Aristóteles o tomou de Parmênides (540 a.C.). Para este, "só o ser é" o "não ser, não é"; por isso, o não ser não pode gerar o ser, nem pode tampouco contrapô-lo. O segundo princípio da lógica formal é o da "não contradição", ou seja, uma coisa não poderia ser ela e ao mesmo tempo o seu contrário, e desta maneira não poderia haver contradição entre as coisas materiais. E o terceiro princípio estabelece o "terceiro excluído", ou seja, somente pode haver duas possibilidades de ser de uma coisa: ou uma ou outra, sem deixar chance para uma terceira alternativa.

Ao aplicar este método de análise da realidade, segue-se passivamente o seguinte roteiro:

- pelo princípio da identidade, há rejeição da transformação. Tudo é eterno, apenas a aparência se movimenta, mas a essência continua sempre intacta;
- análise em separado dos fenômenos como se estes não tivessem ligação nas suas causas e consequências, pois o princípio da não contradição, não permite ligar os fenômenos entre si;
- e, por fim, a exclusão dos contrários que não admite contradições nas mesmas coisas. Vida é vida e morte é morte. Uma não pode estar na outra ao mesmo tempo.

A segunda corrente de pensamento, conhecida como materialista, tem suas raízes ainda em Heráclito (540 a.C.), que dizia que "tudo flui", ou "nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio", entendido posteriormente (embora na época não se denominasse assim) como "materialismo ingênuo". A partir do século 13, com a ajuda da astrologia e da mecânica, surgiu o "materialismo mecanicista". Nicolau Copérnico, Galileu Galilei e Giordano Bruno

descobriram os movimentos da Terra e perceberam que era ela quem girava ao redor do Sol e não o contrário, como afirmava o idealismo. No século 19, o materialismo avançou ainda mais, sobretudo com Feuerbach, ao se empenhar em realizar a crítica ao seu mestre Hegel; mas foram Marx e Engels que deram nova qualidade à filosofia materialista, incorporando a ela elementos da dialética, como: a) unidade e luta dos contrários; b) negação da negação; c) inter-relação entre quantidade e qualidade; formulando, assim, o materialismo histórico dialético.

Costuma-se chamar de "método dialético" ou de " lógica dialética" a maneira de analisar a realidade observando as contradições não como um roteiro de análise, mas, sim, como um movimento dos próprios elementos de análise que não permanecem estáticos. Na verdade, a dialética não permite uma estruturação estreita como faz a lógica formal. O "método dialético", inicialmente mais como prática do que formulação teórica, se desenvolve fazendo aproximações constantes a partir do elemento sensível descoberto por Heráclito (540 a.C.), embora na época não se entendesse por esse nome. Para Heráclito tudo muda: são os nossos sentidos que nos enganam quando nos fazem crer que tudo permanece sempre igual. As mudanças seguem a lei das negações constantes que nos levam a penetrar nos fenômenos até a sua essência. Para cada circunstância escolhe-se um caminho sem nunca encerrar as possibilidades.

A principal característica do materialismo dialético é compreender "o movimento da matéria". Para esta visão, as contradições internas da matéria é que geram o movimento da transformação e das mudanças na própria matéria. A força da mudança não está na ideia, mas, sim, na própria natureza das coisas; portanto, nada é eterno; o movimento das contradições é que impulsiona as transformações. Para o materialismo, a verdade não é um conjunto de princípios definitivos; na realidade é um processo histórico, é a passagem de graus inferiores a graus superiores do conhecimento. A essência deste método está na luta permanente dos contrários.

Ao analisar os fenômenos sociais a partir de Marx e Engels, a dialética os relaciona com as condições históricas que lhes deram origem, sendo que esses fenômenos estão em interação com todas as demais manifestações. Tudo se relaciona, seja no político, econômico, na organização social etc., ou seja, no mesmo fenômeno temos múltiplas relações e múltiplas possibilidades de desenvolvimento, sempre em direção à ampliação da quantidade e da qualidade.

No processo da formação dos quadros, pode se incorrer no equívoco de falar em lógica dialética, mas se aplicar a lógica formal.

Se tomarmos como exemplo uma aula sobre a mais-valia, que costumeiramente ocorre no estudo de economia política, podemos com atenção verificar os limites da lógica formal aplicados como se fosse a lógica dialética.

Suponhamos que, ao iniciar a aula no curso de formação política, o professor pergunta: o que é mais-valia? Os estudantes atentos respondem opinando por definições curtas: "é a parte que fica para o patrão"; "é o lucro do patrão"; "é o que o trabalhador produz a mais do seu salário". Após as diversas afirmações, o professor busca nos livros ou no próprio dicionário de filosofia a definição: "Conceito utilizado por Marx para sublinhar a exploração imposta ao proletariado pelo proprietário dos meios de produção; a força de trabalho dos operários é o único valor de uso capaz de multiplicar o valor (...)."[149]

Na sequência, o professor pode dar exemplos e fazer cálculos, demonstrando que a força de trabalho é que gera a mercadoria, que dela sai o salário do trabalhador, produzido por ele mesmo; além disso, sai o lucro do patrão e os impostos pagos, para o Estado fazer funcionar os serviços públicos e pagar os funcionários que realizam os serviços.

Em seguida, o professor pergunta: "vocês já imaginaram quanto de mais-valia é produzido em nosso município todos os

[149] JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 171.

dias?"; e, como referência de cálculo, faz um levantamento na sala de aula, tomando um aluno como exemplo. Observa a sua produtividade diária, verifica o preço da mercadoria produzida por ele já no mercado, subtrai os custos com matéria-prima e meios de produção, retira o seu salário, os impostos e o restante considera enquanto lucro; portanto, a mais-valia. Faz uma estimativa de quantos trabalhadores assalariados há no município, multiplica pelo valor da mais-valia extraída do aluno estudado e revela o valor da mais-valia geral do município. Concluirá dizendo que todo trabalhador assalariado, por gerar lucro para o seu patrão, gera mais-valia e, por isso, sofre a exploração direta do capital; e para pôr fim a esta situação, o trabalhador precisa se apropriar dos meios de produção através de uma revolução e organizar por conta própria seu trabalho através da cooperação.

Poderíamos seguir com esta aula, mas é importante determonos para verificar onde estão as suas contradições formais.

Em primeiro lugar, percebemos, na definição da mais-valia, o princípio de identidade da lógica formal, quando a definição se dá de maneira afirmativa: "mais-valia é...", ou seja, é a repetição de uma explicação formulada, reproduzindo que "o que é, é". As sugestões dos estudantes passam como respostas incompletas e, portanto, são desconsideradas no momento em que entra em cena o dicionário.

Quando o professor estabelece os cálculos da mais-valia, tomando a parte pelo todo, incorre no desvio da aplicação do princípio da não contradição. O professor vê as relações de produção harmonicamente, sem conflitos, sem falências e sem tampouco a diferenciação entre os trabalhadores, proletários e assalariados.

Ao dizer que "todos os trabalhadores assalariados geram mais-valia", o professor aplica o princípio do terceiro excluído e incorre em um erro capital, pois desconhece que o trabalho que não gera mais valor, como é o caso do serviço prestado pelos funcionários públicos, não pode gerar mais-valia.

A aplicação do princípio do terceiro excluído ocorre também quando o professor desfecha a solução: "o trabalhador deve

apossar-se dos meios de produção, através de uma revolução, e aí organizar por sua conta o trabalho produtivo".

Neste caso, o professor desconsidera todo o processo a ser constituído: para ele há apenas uma solução imaginária que poderia ser fundamental, mas, não estando a revolução na ordem do dia, não haveria outra alternativa? No entanto, mesmo depois da revolução, os meios de produção podem não se tornar propriedade particular daqueles operários que naquela fábrica trabalham. O socialismo seria, então, cada qual fica onde está e tudo o que produz é seu?

Dessa maneira, o princípio do terceiro excluído ocorre também na visão de um tipo de socialismo imaginário, desconsiderando outras possibilidades, onde há presença do Estado, diversos tipos de economias, comercialização dos produtos e divisão de classes, pois o socialismo, sendo uma transição para o comunismo, ainda não eliminou todas as contradições do capitalismo.

De outra forma, a dialética, ao ver as coisas encadeadas entre si, não permite que se estabeleça a separação entre os contrários, é unidade e luta, antagônica e não antagônica. Considera as contradições e as negações também encadeadas superando-se entre si, adquirindo novas qualidades e ampliando a quantidade.

A dialética, portanto, é a lógica de ver as coisas e o mundo no encadeamento das contradições que avançam e regridem. Esta visão e compreensão do mundo se dá através do uso do método dialético. A palavra "método" vem do grego *metho* (caminho) e *hodos* (fim, objetivo). Como o método é composto por elementos teóricos, estes podem ser recolocados em ordem diferente dependendo da análise realizada. Como também todas as realidades possuem as suas próprias contradições, o materialismo histórico contribui para encontrar, decifrar e construir o caminho do conhecimento, que leva o sujeito até seu objetivo final, traçado sobre uma realidade.

Para uma correta compreensão do método dialético, além das leis da lógica dialética em constante movimento[150] já esclarecidas

[150] Segundo José Paulo Netto, para Marx, o método não é um conjunto de regras formais que se "aplicam" a um objeto que foi recortado para uma investigação, nem um conjunto de regras que o sujeito escolhe para enquadrar o seu objeto de investigação. Neste

anteriormente, é necessário que se coloquem em ordem também as categorias. As categorias possibilitam ao método as condições para processar as aproximações cada vez mais profundas do conhecimento da realidade. É através delas que se chega com o conhecimento a qualquer lugar estabelecido pelos objetivos; afinal, o conhecimento nada mais é do que aproximações constantes de descobertas encadeadas.

As categorias são antigas descobertas da filosofia. Aristóteles já as utilizava (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão) como referência para a busca do conhecimento. Mas foi com Marx e Engels que o materialismo histórico ganhou forma, e o método dialético passou a ser uma referência oposta ao método metafísico. José Paulo Netto, ao expor o método em Marx, diz: "Articulando estas três categorias nucleares – a totalidade, a contradição e a mediação –, Marx descobriu a perspectiva metodológica que lhe propiciou o erguimento do seu edifício teórico (...)."[151] Este "edifício teórico", assim chamado por ser concreto na sua dinâmica de aplicação, não vê a totalidade como a "soma das partes", mas, sim, uma totalidade que se articula com "totalidades menores", movidas por contradições internas ativas e mediadas pela estrutura particular de cada totalidade.

O método dialético – diferente do método metafísico –, não considera que o conhecimento se dá por círculos, tanto assim que o materialismo histórico ensina que nunca se chega ao final do conhecimento justamente porque a lei da negação da negação, bem como da quantidade e qualidade, sempre impulsionam para a busca de novas superações.

As categorias expressas pelo materialismo histórico aparecem em separado como movimento, totalidade, finalidade, classe etc.,

---

sentido é que se pode dizer que Marx "não nos entregou uma lógica" estática nem nos disse o que pensava do capital, mas descobriu a sua estrutura dinâmica e extraiu de sua estrutura dinâmica a sua própria lógica.

[151] NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 58.

mas também combinadas, como conteúdo e forma, causa e efeito, geral e particular, essência e aparência etc. Outras categorias podem ser formuladas e colocadas como instrumentos de análise, mas precisam respeitar as leis da dialética e não se fechar em si como se uma categoria desse conta de toda a realidade.

Podemos voltar agora ao exemplo dado pela aula sobre mais-valia. A categoria utilizada para a análise foi a da exploração do trabalho pelo capital. Esta categoria, corretamente escolhida, está de acordo com as três leis da dialética: a) unidade e luta dos contrários – a aula deixa transparecer nitidamente que há patrão e empregado, um é o oposto do outro e são interdependentes para que a fábrica possa funcionar; b) quantidade e qualidade – da mesma forma, a quantidade aparece nos produtos produzidos, mas, acima de tudo, a quantidade da exploração que detém uma qualidade de valor a mais. Poderíamos aplicar a lei na quantidade e qualidade da consciência do próprio operário; c) a negação da negação – da mesma forma, a categoria da exploração suscitou uma solução que seria negar o modo de funcionamento da fábrica, apropriando-se dos meios de produção através de uma revolução que levaria os trabalhadores ao socialismo.

Mas onde estão as limitações da aula?

Em primeiro lugar, na maneira de compreender a definição de mais-valia, que ignorou todas as leis da lógica dialética, extraída de um dicionário como se fosse um dogma. Não que não possa ser feito, mas, limitando-se a si própria, a definição não se torna conhecimento na consciência daqueles que precisam compreendê-la.

Em segundo lugar, o professor esqueceu da totalidade, tomou a parte pelo todo e fechou o círculo da análise como solução pronta. A realidade de um município jamais poderia ser a referência para calcular a mais-valia de todo o sistema de exploração fabril do país, onde estaria a razão fundamental para impulsionar a revolução.

Em terceiro lugar, a solução, após a descrição do que é e como ocorre no município, é automática. "Apropriar-se dos meios de produção através de uma revolução", como se não houvesse

contradições, inimigos, necessidade de organização, programa, movimento revolucionário, definição de táticas, formação da consciência das massas e preparação de quadros etc.

É importante perceber que, se não utilizamos o método dialético para conhecermos a realidade social, os fatos, na maioria das vezes, serão vistos isoladamente, como se tivessem origem e fim em si mesmos. A simples descrição dos fenômenos não se torna conhecimento porque falta a compreensão das contradições que o produziram, e sem elas não se poderá elaborar uma perspectiva segura de superação.

Os conteúdos dos cursos, necessariamente, precisam prever uma sequência, não apenas porque os níveis de conhecimento entre os militantes são diferenciados, mas porque o aprendizado necessita de certa ordem, ou seja, para compreender melhor o processo de transformação da sociedade é importante compreender como se dá a exploração da força de trabalho, importante tema para despertar a convicção de que as mudanças são necessárias. A mistura de teorias apresentadas com diferentes concepções metodológicas (dialético e metafísico ao mesmo tempo) tende a formar quadros confusos e incapazes de processarem as próprias análises.

As leis da lógica formal estão enraizadas na consciência social, pois este conhecimento é passado para os seres sociais através da própria convivência, na qual os preceitos e definições se tornam senso comum, ou seja, os princípios de identidade, da não contradição e do terceiro excluído são a forma do pensar da sociedade burguesa. Logo, o indivíduo se vê e é visto como indivíduo. "Só o ser é, o não ser não é." Ele não é a sociedade, mas o ser que trabalha, compra, honra os seus compromissos etc. Não há contradições no olhar através do senso comum e nem uma terceira possibilidade: ou é isto ou aquilo, não há outra alternativa. Logo, a tendência é sempre fazer narrativas e nunca uma análise da realidade, diferentemente de quando se toma a dialética como referência. Não se pode tomar as leis desta lógica sem pensar em categorias. É a categoria de análise que permite aplicar a lei na produção do conhecimento.

Os marxistas do passado, que se empenharam em desenvolver a teoria da organização política, tinham consciência da relação que havia entre a lei e a categoria para o método dialético. Para tanto, estabeleceram novas referências teóricas que nada mais são do que a produção do novo conhecimento sobre novas contradições.

Hoje vemos que há muitas elaborações nas academias, e também fora delas, mas, em sua maioria, são descrições das aparências dos fenômenos que acabam na página final sem perspectivas, pois durante o trajeto da elaboração não foram consideradas as contradições fundamentais, e por isso a conclusão não pode prever superações.

A elaboração teórica nunca é um recomeço, mas, sim, uma continuidade. Assim como não se recomeça a aprender na vida social, também não se recomeça a elaborar. Os quadros só podem ser assim chamados se estiverem em constante elaboração de ideias e de métodos.

Acima de tudo, a formação de novos quadros, além de todos os elementos colocados neste texto, exige que se tenha velhos quadros experientes e teoricamente preparados, com profunda clareza do método que deve ser utilizado na formação política.

A educação escolar e a formação política

Há deficiências que acompanham a formação dos quadros nos movimentos sociais e organizações políticas. Se, por um lado, as necessidades materiais constam sempre como prioritárias e, por isso, as conquistas imediatas movem os interessados mais do que as utopias estratégicas, por outro, o pragmatismo de acreditar que tudo se resolve sem teoria afeta profundamente a formação da consciência.

Na luta cotidiana, o interesse pela conquista material se transforma em objetivo imediato, quase visível; então, o que garante a unidade entre os quadros na ação é o consenso que se forma em torno de combinações práticas.

No Brasil, tivemos curtas experiências de participação popular nas lutas com objetivos políticos e ideológicos socialistas, cujas referências eram as ideias registradas em programas de alcance universal. No meio operário pode-se dizer que essas experiências foram as manifestações do início do século 20, embora com grande influência do pensamento anarquista. A ausência de um partido político, que somente irá surgir em 1922, impedia que as ideias socialistas fossem divulgadas nos movimentos, escolas e na própria literatura; esta última ganhou novo impulso a partir de fevereiro de 1922, com a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, que visava fortalecer a identidade nacional.

Embora houvesse mobilizações importantes como a Coluna Prestes, que em 1927 percorreu cerca de 25 mil km, sem contudo ter uma ideologia revolucionária e muito menos materialista, foi com a Aliança Nacional Libertadora (ANL), fundada em 1935, que, pela primeira vez, um instrumento político pôde despertar adesões e simpatias em diversas áreas.[152]

---

[152] KONDER, Leandro. *História das ideias socialistas no Brasil.* Op. cit.. p. 61.

No setor agrário, embora tenham ocorrido em todas as épocas lutas violentas, apenas na década de 1950, por influência do Partido Comunista Brasileiro, se estrutura o movimento camponês conhecido como Ligas Camponesas, que estabeleceu relação entre as necessidades econômicas e as mudanças estruturais do país. O acúmulo de forças nos setores urbano e agrário, na década de 1980, possibilitou a união de todas as forças políticas e populares sob o comando do Partido dos Trabalhadores (PT) para lutarem pelos direitos sociais e, ao mesmo tempo, pelo poder. As gerações mais recentes, que iniciaram a participação política nas últimas duas décadas do século passado, aprenderam a permanecer na luta, motivados pela mística da revolução e do socialismo, mas sem um programa estratégico elaborado. Mais do que um projeto revolucionário, alimentava-se um voluntarismo que não impunha derrotas estruturais à classe dominante.

É sabido que os processos passam de pré-revolucionários para revolucionários de fato se as forças em ação se propuserem a fazer a revolução. Caso contrário, por falta de capacidade de formulação, não ocorre a transmutação das mudanças conjunturais para mudanças estruturais e as táticas ofensivas aos poucos vão se transformando em fórmulas inofensivas.

Pela tradição comunista, um membro do partido devia ter elevado nível de conhecimento em diferentes áreas da ciência para poder analisar as contradições existentes na realidade e, a partir daí, buscar formas de transformá-la e gerenciá-la posteriormente. Para tanto, era preciso dominar o conhecimento sistematizado em princípios, para poder dominar a natureza e a realidade social.

Eis a visão dos dirigentes partidários segundo a experiência do Partido Comunista da União Soviética (PCUS):

> A prática da luta revolucionária e da construção do socialismo demonstram a necessidade de os partidos marxista-leninistas se guiarem assiduamente por princípios gerais de caráter internacional, tais como: o centralismo democrático, o espírito de coletivismo no trabalho, a unidade ideológica e orgânica, a disciplina intrapartidária, a direção pelo partido das organizações de massas

> dos trabalhadores e, após a subida do partido ao poder, a direção de todas as organizações estatais, da construção econômica e cultural.[153]

Sendo assim, conclui-se que quem deveria estudar e apropriar-se dos conhecimentos científicos seriam apenas os membros do partido, pois ao partido caberia a tarefa de organizar a nova sociedade. Se o movimento social existia apenas por uma necessidade imediata, o partido, assumindo o poder, a resolveria e, portanto, os movimentos espontâneos, organizados a partir dos problemas sociais, seriam extintos e seus integrantes agrupados em outras formas de organização social, agora não mais para protestar, mas, sim, para dar sustentação ao partido e ao governo da classe operária.

Ainda no século 19, alguns marxistas procuraram caracterizar os movimentos sociais referindo-se a eles como "um grupo organizado em torno de uma liderança, com um programa, objetivos ou plano comum, baseando-se numa mesma doutrina, princípios valorativos ou ideologia, visando um fim específico ou uma mudança social."[154] Os partidos políticos, principalmente os comunistas que conhecemos na América Latina, seguiram a determinação e a experiência do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) transformado em Partido Comunista Russo, segundo proposta de Lenin, em 1919. Essa imposição de referência se deu através da Internacional Comunista, também conhecida como Terceira Internacional, cujas decisões centralizadas, principalmente a partir da segunda metade da década de 1920, passaram a valer para o mundo todo.

As decisões centralizadas exigidas pela rígida disciplina partidária e a absoluta importância dada ao partido, como o único portador da mensagem revolucionária, imune a qualquer tipo de erro ou desvio, levou a relativizar a importância dos movimentos sociais em certos sentidos e até a ignorá-los ou qualificar de "revisionismo" as elaborações teóricas sobre os contextos parti-

---

153 POLÖVNIKOVA, E.; STRÚKOVA, E. "Experiência do PCUS e o mundo atual". *In: Partido proletário de novo tipo.* Lisboa: Avante. 1975, p.44.

154 SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos sociais: Ensaio de interpretação sociológica.* Florianópolis: UFSC, 1989, p. 12.

culares, como ocorreu com os escritos de José Carlos Maráteguí (1894-1930), no Peru, quando ele propôs articular o mundo da cultura com o mundo do trabalho e considerar os indígenas como força fundamental para a Revolução Peruana; Antonio Gramsci (1891-1937), na Itália, por ter, da mesma forma, valorizado os aspectos culturais e indicado outro caminho para as sociedades ocidentais processarem as suas revoluções; e inclusive Fidel Castro e Ernesto Che Guevara foram vistos com restrições ao optarem pela guerrilha rural como tática para impulsionar a revolução. Nas últimas décadas, há, em determinados sentidos, uma valorização exagerada dos movimentos sociais em relação aos partidos. Dessa forma, devemos ficar atentos para não incorrermos no mesmo erro indo ao extremo oposto.

Para Scherer-Warren (1989), todas as tentativas de explicar os movimentos sociais, de autores clássicos e contemporâneos, apoiam-se em Marx.

> O fundamental no pensamento de Marx foi ter dado à categoria da "totalidade" um lugar central. Ao examinar o agir humano, concebe este agir como um conjunto que conecta dialeticamente várias práxis: teórica, produtiva ou econômica e político-ideológica. A articulação entre várias práxis, e a ideia de uma práxis teórica a serviço de uma práxis política transformadora social, criou o espaço necessário para se colocar a ciência engajada aos movimentos sociais.[155]

A influência puramente "cientificista" em todas as dimensões contaminou também a política, ao cientificizar a ideia do "socialismo científico", como se fosse um cálculo matemático ou dogma possível de ser realizado em todos os lugares com idêntico modelo sob diferentes condições econômicas e políticas, a partir das mesmas táticas e formas organizativas.

Todavia a dissociação entre ciência, filosofia, cultura, arte, religião etc. levou a diferentes separações e a novos reagrupamentos por afinidades políticas. O conhecimento científico, com suas técnicas de pesquisa, mais os defensores dogmáticos do socialismo científico e os intelectuais de diferentes áreas apegaram-se à razão e

---

[155] *Idem*, p. 136.

isolaram os métodos científicos nas formas de conhecer, "afastando-os" do meio social, tornando-os propriedade dos acadêmicos. A filosofia e a religião, ligadas ao idealismo, viram no espontaneísmo e no empirismo dos movimentos sociais as características emotivas, estéticas, solidárias, místicas e culturais que a ciência e os partidos tradicionais haviam deixado de valorizar, e, por meio das escolas, o clero e agentes de pastorais aproximaram-se e as desenvolveram a partir de teorias combinadas. A arte buscou caminho próprio, ora juntando-se aos protestos contra a ordem, ora servindo de sustentáculo para a alienação e a dominação de classe, pois o que não interessava ao capital, na ótica da classe dominante, não podia interessar ao povo.

A Teologia da Libertação, por sua vez, devido à inserção pastoral de uma parte militante da Igreja Católica, desafiou a estrutura canônica e passou a contribuir com a organização das massas pobres em muitos países da América Latina.

Como disse Walter Benjamin: "(...) Em cada época é preciso arrancar a tradição ao conformismo que quer se apoderar dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como vencedor do anticristo (...)".[156] A religião procurou, a seu modo, reunir novamente ciência, filosofia e arte na ação e formação dos militantes dos movimentos sociais; passou a incentivar a luta pelos direitos e a valorizar a cultura do povo, resgatando suas crenças, hábitos, manifestações artísticas e a identidade de cada grupo social, em oposição à identidade burguesa e ao capital. Com isto deu ânimo à formação de movimentos dinâmicos, mais "conscientes", criativos, alegres e solidários. Desta forma, os movimentos (e também os partidos surgidos neste período com a participação dos cristãos, com parca formação científica) continuaram sendo idealistas e místicos, apropriando-se de aspectos artísticos como ingrediente para alegrar e dinamizar a participação popular.

---

[156] BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política.* 11ª Reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 224.

Para ilustrar melhor esta relação entre o materialismo histórico e a Teologia da Libertação, é importante retomarmos Walter Benjamin, em 1940, na sua primeira tese "Sobre o conceito de História", ao utilizar como exemplo um tabuleiro de xadrez, em que um fantoche, diante de uma grande mesa cercada por espelhos, tinha a ilusão de que a mesa era totalmente visível por todos os ângulos. Na verdade, o boneco escondia um mestre de xadrez que manipulava através de fios o fantoche, dando a impressão de que era ele próprio quem fazia as jogadas. Daí a analogia do autor associando o materialismo e a teologia como necessidade fundamental para conceituar a história: "(...) O fantoche chamado "materialismo histórico" ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia (...).[157]

A intenção de Benjamin era criticar a centralização determinista do stalinismo, que dogmatizara o materialismo e o manipulava como força invencível, desprezando os demais conhecimentos. Para Benjamin, faltava ao "materialismo histórico" a participação da "teologia", que, na tradição histórica, cumpria o papel de "rememoração" (das lutas) e "redenção" (da própria classe, para com os seus antepassados e para si própria). Duas décadas depois da morte de Benjamin, na América Latina, já sem a presença do stalinismo, viu-se realizar esta junção com o aparecimento vigoroso da Teologia da Libertação, na década de 1960.

Concordamos que, sob a égide do stalismo, o "materialismo histórico" jamais conseguiu jogar na totalidade uma partida de xadrez, porque os bonecos, representados pelos partidos comunistas, sempre estiveram mal posicionados e não conseguiam ver as diversas possibilidades de criação de movimentos novos; tanto assim que esses partidos raramente participaram dos principais embates revolucionários pelo poder. Mas, se o stalinismo enrijeceu o materialismo histórico e limitou as suas potencialidades, a suposta contribuição da Teologia da Libertação se deu também conduzindo como uma força espiritualista

[157] *Idem*, p. 232.

externa "o boneco", agora não mais como partidos comunistas, mas em forma de movimentos sociais. Ela também não visualizou o tabuleiro inteiro e apenas teve êxitos quando enfrentava um inimigo desgastado ou exageradamente truculento, como foram as ditaduras militares em muitos países da América Latina, o que revela que na luta de classes não basta ser portador da força moral: é preciso que esta se enraíze nas forças físicas e nas consciências das forças físicas em movimento, que devem crescer em quantidade a qualidade.

A partir da década de 1980, na medida em que o boneco do "materialismo histórico" foi abandonado pelos partidos tanto novos quanto reestruturados, era a teologia, em muitos espaços, que orientava as jogadas, tendo em vista a luta contra as ditaduras militares; o materialismo, com isso, ficou à margem do jogo e apenas era consultado pela teologia para determinados movimentos. A prática conciliadora induziu a teologia e as lideranças por ela formadas a repetirem as mesmas jogadas neoliberais, como se não houvesse mais contradições entre as pedras no tabuleiro e fosse possível todos ganharem no final.

A lição que podemos tirar de todo este processo é que o materialismo histórico não pode ser confundido com stalinismo e nem tampouco com idealismo. A teologia, por sua vez, cumpre um papel auxiliar quando os setores sociais cristãos se envolvem na luta pela transformação social. Os limites enfrentados pelos movimentos e partidos que (temendo o stalinismo e o comunismo) abandonaram o materialismo histórico e se apropriaram de outros referenciais teóricos os levou a se colocarem, sem querer, como força auxiliar das classes dominantes dirigentes e esgotarem as suas táticas, tornando-as, pela repetição sem inovação, simples fórmulas desgastadas e domesticadas, sem forças para reagir.

Na realidade, a confusão ideológica ensinou, através dos cursos e das práticas, os militantes sociais a assimilarem fragmentos do materialismo histórico. Ademais, a baixa escolaridade dos militantes impediu que respostas precisas fossem dadas para a

formulação de alternativas estratégicas, tanto assim que, sempre que os movimentos necessitavam fazer uma análise mais profunda, recorriam aos intelectuais que haviam perdido a referência partidária, ou não, e que assumiam uma postura de assistência política através de assessorias.

É hora de fazermos uma síntese histórica reunindo conhecimento científico, filosófico e artístico para reduzir, nas parcelas mais conscientes dos movimentos sociais, a ingenuidade política e diminuir o espontaneísmo, característica especial deste tipo de organização, enquanto se busca, através de diferentes formas, a elaboração de um projeto para o país.

Quando o movimento das massas é ascendente, as deficiências teóricas estão cobertas pela agitação e pelas respostas das ações. Neste caso, como ocorreu na Revolução Russa, um grupo não tão extenso de militantes, mas coeso e bem preparado, cumpre a função de orientar, através de formulações e indicações, onde e quando se deve golpear o inimigo para o triunfo final.

Atualmente, pelo nível de acirramento da luta de classes, perseguição política e desintegração social, os movimentos sociais precisam ter direções e militantes qualificados. Não podem ser pessoas de baixo nível intelectual, com baixa escolaridade, tendo apenas realizado cursos políticos informais de conteúdo bastante fragmentado ou orientados por agentes externos à organização.

Um movimento ou organização partidária que não produz seu próprio conhecimento nunca será autônomo. O caminho é evoluir extraindo das próprias fileiras o material humano para transformá-lo em dirigentes e quadros políticos.

O maior problema atual não se apresenta como no passado: a relação entre movimento social e partido político não é mais a questão central, pois os partidos contemporâneos já não conseguem dirigir os movimentos, não possuindo sequer escolas de formação política. Por isso, os movimentos passaram a fornecer militantes aos partidos. O problema hoje se localiza em como resolver a questão entre o conhecimento "empírico" e o conhecimento científico no seio das lutas e dos movimentos sociais. O

conhecimento científico é vital para compreender as transformações estruturais na base produtiva, as mudanças na superestrutura de poder do Estado e todos os demais aparelhos repressivos das empresas capitalistas, as profundas mudanças que estão ocorrendo na sociedade civil, seja no padrão de consumo, seja no avanço da individualização ou pela desconsideração por aquilo que é verdadeiramente humano.

A grande vantagem que o materialismo histórico leva sobre as demais formas de conhecimento é que este não pode ser assimilado passivamente como simples teoria. Muito ao contrário, esta "ciência da história" obriga que se raciocine criativamente e se formule métodos para intervir sobre a realidade analisada. Desta forma, ao dominar o conhecimento, está se formando uma nova personalidade com capacidade de intervir sobre a realidade para transformá-la, e somente assim uma pessoa poderá ser considerada um quadro.

A grande questão a ser resolvida é: como se chega a isso?

O papel da educação escolar nesta tarefa

A escola por si só não pode resolver o problema da formação da consciência, pois, se isso fosse possível, os partidos comunistas que estão no poder, como é o caso de Cuba, não teriam a Escola do Partido e a formação funcionaria apenas com o sistema educacional formal; mas ela é um instrumento que ajuda a organização política a alcançar os objetivos formulados. Portanto, é um meio para ajudar a realizar tudo o que a organização política pensa e faz. A escola deve ser o suporte e a parte integrante na formação da consciência como instrumento da política.

Nos países capitalistas, a classe dominante, mesmo sendo minoria, consegue manter sob o seu controle a maioria da sociedade porque, além de ter sob seu comando os meios fundamentais de produção, ela também controla o espaço da educação escolar. Por ser dominante, não aceita a luta de classes; não quer o conflito, quer a passividade, por isso concilia as contradições em vez de acirrá-las. Dessa forma, se utiliza deste espaço educativo para

induzir a juventude a se profissionalizar podendo assim inseri-la diretamente na lógica do sistema como trabalhadores; junto com isso, cultiva os valores individualistas – caros a esta sociedade –, o que tende a torná-los cada vez menos solidários, não permitindo que se rebelem contra as injustiças e o imperialismo.

> Quando a escola é orientada de acordo com os interesses das classes dominantes, o caráter político dessa relação não é dado a perceber e a ênfase é dirigida para as questões técnicas, sobretudo imediatas, evitando-se que aflore com clareza o seu caráter de classe, ou, de forma incisiva, que apareça para a sociedade o compromisso da escola com essas classes (...).[158]

A classe dominante busca, com isso, fortalecer as relações de dominação de classe e não torná-las transparentes, pois o desvendamento dessas relações são um importante elemento para os trabalhadores construírem lutas pelo poder.

Com o passar do tempo, a classe trabalhadora foi destituída formalmente do direito de frequentar a escola; basta ver os dados que demonstram que, no Brasil, 67% dos trabalhadores não chegaram a concluir o ensino fundamental, e os que concluíram, pela péssima qualidade do ensino, possuem nível de conhecimento bastante precário. Como formar quadros políticos se nos falta o básico do conhecimento de história, geografia, filosofia etc.? Por esta razão é que se torna fundamental os movimentos sociais e organizações políticas empenharem-se em erradicar o analfabetismo e avançar na escolarização de suas bases.

Para os camponeses esta situação é ainda mais perversa, e a busca de formação, quando acontece, obriga a juventude a migrar para os centros urbanos, afastando-os do trabalho e da convivência de sua comunidade, desenraizando-os culturalmente e urbanizando-os.

A escola e o processo educativo, no nosso entender, devem estar debruçados sobre três contradições estabelecidas pela acomodação do sistema educativo em geral.

---

[158] PESSOA, Enildo. *A escola e a libertação humana*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 31.

1º EDUCAÇÃO E ATIVIDADE HUMANA

A escola deve preparar a juventude para forjar, a partir de agora, a nova sociedade, e para isto precisa transformar a prática educativa em atividade política, tornando-a cultura entre aqueles que habitam as salas de aula por diversos anos.

O processo educativo deve ser visto como atividade humana, pois o conhecimento é produto da atividade humana que se dá também na escola. Como disse Marx, na primeira tese sobre Feuerbach:

> O principal defeito de todo o materialismo existente até agora (o de Feuerbach incluído) é que o objeto [*Gegenstand*], a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do objeto [*Objekt*] ou da contemplação, mas não como atividade humana sensível, como prática; (...).[159]

Portanto, conhecer é apreender, apropriar-se da realidade, penetrar nela através das categorias de análise que ultrapassam a aparência das coisas. A escola ajuda a perceber as contradições que existem entre o trabalho e a pobreza, entre o trabalho e a fome, entre o trabalho e a propriedade, entre o trabalho e a devastação da natureza, ou entre dominadores e dominados, opressores e oprimidos e assim por diante. A partir disso, a organização social e política deve dar continuidade ao aprofundamento teórico dos aspectos mais complexos da realidade.

Neste sentido é que se apresentam os desafios contidos na teoria e na prática. A produção do conhecimento deve ter clara sua finalidade, que é conhecer a realidade para transformá-la e transformá-la para conhecê-la. Logo, o método dialético precisa estar voltado para conhecer esta realidade que se quer transformar e contribuir para a formulação de novos métodos para sua transformação.

A escola deve formar profissionalmente para o trabalho, mas, também, deve desenvolver a consciência de classe para que este profissional saiba como se dá a exploração da força de trabalho pelo capital.

---

[159] MARX, K-ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Ed. cit., p. 119.

A escola deve ser vista como um instrumento a serviço das classes sociais, pois é assim utilizada pela burguesia. Os movimentos que têm possibilidades de fazer as suas escolas de ensino básico e de graduação devem assumir o papel de instrumento de classe para libertar os camponeses/trabalhadores da ignorância, do atraso cultural, da ingenuidade mitológica e colocá-los a serviço da revolução social e cultural do país.

2º Ensino e pesquisa

Ensina-se e aprende-se com pesquisas ou porque já estão prontas ou porque precisamos desenvolvê-las.

Quando uma organização deixa de crescer em quantidade e em qualidade é porque deixou de pesquisar e compreender os desafios. Eles podem estar nas contradições internas da organização ou na incompreensão das mudanças na economia, na política ou na própria sociedade civil. As derrotas passam a ser produzidas geralmente pela falta de capacidade de evoluir na definição das táticas para se alcançarem os objetivos estratégicos. A pesquisa entra como a mediação entre a organização e a superação dos obstáculos descobertos pela busca organizada do conhecimento.

Mas quem tem motivação para pesquisar? Todos aqueles que praticam a arte de conhecer e de transformar a realidade. Quem nada pratica não vê razão na pesquisa, por isso ela não pode ser vista como "trabalho de aula", mas, sim, como busca de conhecimento para intervir em determinada realidade. A escola é um exercício real de responsabilização para o estudo e para a pesquisa, assim como qualquer área da organização que deve prezar pelos princípios do materialismo histórico como referência da formulação de uma concepção científica do mundo.

Sobre os princípios que regem a concepção científica do mundo, Lenin irá descrever longamente no artigo "Mais uma vez sobre os sindicatos o momento político e os erros dos camaradas Trotsky e Bukharin":

> Para conhecer a verdade do objeto tem que abarcar e estudar todos os seus aspectos, todos seus vínculos e mediações. Jamais o conseguiremos por completo, porém, a

> exigência da multilateralidade nos prevenirá contra os erros (...) isto em primeiro lugar. Em segundo lugar, a lógica dialética requer que o objeto seja tomado em seu desenvolvimento, em seu "automovimento", em seu caminho... Em terceiro lugar, toda prática do gênero humano deve entrar na definição completa do objeto como critério da verdade e como determinante prático do vínculo do objeto com o que necessita o homem. Em quarto lugar, a lógica dialética ensina que a verdade abstrata não existe, a verdade é sempre concreta...[160]

O conhecimento pode se dar através da didática (ensino planejado) e do autodidatismo (busca individual). As descobertas mais importantes da humanidade se deram quando os resultados pareciam impossíveis, mas pela insistência da pesquisa e do esforço humano, alcançaram resultados extraordinários, confirmando o que dissera Marx:

> É por isso que a humanidade só se propõe tarefas que pode resolver, pois, se se considera mais atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem ou, pelo menos, são captadas no processo de seu devir.[161]

O estudo atento da realidade decifrará o momento, as tarefas e as condições para realizá-las.

Lenin nos ajuda a entender também este aspecto quando procura explicar a importância do estudo individual. Diz ele: "Sem um trabalho pessoal não se encontrará a verdade em nenhuma questão séria; aquele que tem medo do trabalho, se priva a si mesmo da possibilidade de encontrar a verdade". Em outra ocasião dirá: "Somente quando aprendais a orientar-vos por conta própria (...) podereis considerar-vos suficientemente firmes em vossas convicções, somente então podereis defendê-las com êxito diante de quem quer que seja ou em qualquer momento".

Mao Tsé-tung desenvolveu este mesmo raciocínio aplicando-o ao partido no artigo intitulado "Reformemos o nosso estudo". Após fazer uma crítica aos discursos infrutíferos, se deteve nas tarefas do partido:

---

160 LENIN, V. I. "Mais uma vez sobre os sindicatos e momento político e os erros dos camaradas Trotsky e Bukharin". *In: Obras escolhidas*, t. 3. Alfa ômega, 1980, p. 433.

161 GORENDER, Jacob. *Marx: para acrítica da economia política*. São Paulo: Abril cultural, 1982, p. 26.

> (...) há que dirigir a atenção de nossos camaradas para as investigações e estudo relativos aos fatos reais; fazer-lhes compreender que a tarefa dos órgãos dirigentes do partido comunista consta de dois pontos importantes: conhecer a situação tal qual como é e dominar a política, quer dizer, conhecer o mundo e transformá-lo. Os nossos camaradas precisam entender que sem investigação não há direito à palavra, e que a fraseologia pretensiosa, distribuída a torto e a direito, e a simples enunciação de fenômenos em ordem numérica, 1, 2, 3, 4, de nada servem.[162]

Para cada nível educacional deve-se prever um nível de pesquisa, seja na escola formal ou na escola de formação política, acompanhado e incentivado sempre pelos educadores. É claro que o caminho para que educadores estejam qualificados e dispostos a implementar novos métodos de ensino é longo.

3° FUNÇÃO DA ESCOLA E OBJETIVOS DA ORGANIZAÇÃO

Se queremos ter quadros políticos em quantidade, bem formados no futuro, devemos começar pela escola primária, pois o que se estuda na escola deve ser o suporte para o aprofundamento de outras questões filosóficas e políticas mais adiante. Por exemplo, se gastamos semanas nos cursos básicos para militantes estudando filosofia e emperramos no momento em que discutimos a origem do homem é porque falta aos nossos militantes o mínimo de conhecimento de biologia para compreenderem a origem e desenvolvimento da vida.

Dessa forma, a escola deve assumir a função de elevar o nível cultural e a capacidade organizativa da juventude contribuindo para desenvolver:

- a capacidade de raciocínio;
- a disciplina consciente;
- a educação dos sentidos;
- a responsabilidade individual;
- a capacidade de abstração e de interpretação;

---

[162] TSE-TUNG, Mao. "Reformemos o nosso estudo". *In: Obras escolhidas*, t. 3. São Paulo: Alfa Ômega. 1979, p. 22.

- a opinião própria;
- o relacionamento social;
- a prática de valores;
- o trabalho em equipe;
- a divisão de tarefas;
- a prática da direção coletiva;
- o respeito aos princípios;
- a mística;
- o gosto pelo estudo com domínio de técnicas apropriadas para fazê-lo;
- a capacidade de enfrentar desafios políticos;
- o gosto pela pesquisa;
- a compreensão da relação entre teoria e prática;

Quando temos o controle da escola, uma infinidade de características são acrescidas no caráter e na conduta do indivíduo pelo simples fato de ele frequentá-la.

Por esta razão, a escola deve saber o que ensinar. Saber ler e escrever – diz Krapivin – é um assunto mais sério do que se prevê à primeira vista, não se limita a ler e copiar de maneira mecanicista o texto; tampouco significa devorar livros de forma esporádica ou copiá-los em cadernos. A maneira correta de ler é um complexo processo autodidático e de autoeducação, um processo de pensar ativa e criadoramente, de examinar o conteúdo da obra, analisar, entender a lógica da exposição, destacar o essencial, comparar os conhecimentos existentes com os recém-adquiridos e enriquecer os primeiros com os posteriores. Ler corretamente significa dominar novos conhecimentos, assimilar a nova informação e aproveitá-la no trabalho prático, e pressupõe o hábito de resumir e anotar corretamente o lido e o compreendido, reproduzindo sua essência no papel em forma breve e exata.[163]

Há objetivos políticos da organização, da escola e há objetivos particulares do estudante a serem alcançados, e estes devem

[163] *Idem, Ibidem.*

se combinar. Os objetivos são fundamentais para que se possam estabelecer metas.

As ideias particulares adquirem força extraordinária quando se materializam em torno de objetivos. Estes deixam de ser abstratos ou teóricos para se tornarem prática consciente.

A função da escola de formação política

Aparentemente, o estudo da língua não faz parte da formação de um quadro, tendo em vista que nem todos os quadros adquirem, durante a vida, a habilidade da escrita, e quase sempre se percebe que a arte da leitura cada qual constrói a seu modo.

Não se pode colocar como regra que todos os quadros devem ser escolarizados, mas politicamente é fundamental que se busque condições para que isto ocorra. Não nos alonguemos, mas não é difícil perceber que a falta de domínio, por exemplo, das classes gramaticais dificulta a interpretação textual e impede a correta compreensão das teses expostas. Podemos perguntar como alguém pode compreender quem é o "sujeito da revolução" se não domina gramaticalmente o conceito? Assim se dá com o substantivo, com o verbo, o adjetivo etc.

A função de uma escola de formação política é também aperfeiçoar aspectos do conhecimento da língua e contribuir para que os militantes aprendam a ler corretamente, interpretar textos, fazer resumos, formular críticas e cuidar da formação da consciência, para que se transformem em quadros com elevado nível de conhecimento que lhes dê segurança e firmeza ideológica para agirem, e para isto é fundamental lançar mão de todos os recursos.

A escola de formação política deve contribuir para a busca de soluções dos desafios que a organização tem, sem se esquecer das deficiências na formação do conhecimento básico dos militantes. Nesse sentido, não pode ser uma escola voltada para manuais e programas de formação estáticos. Deve coordenar e realizar cursos com conteúdos como "o básico que o militante deve saber", mas a escola não necessariamente deve limitar-se a isto.

Além disso, a escola não deve assumir jamais a característica de "instituição" que funciona apenas no lugar onde está sua estrutura física. Deve ter sua sede, mas a prática formativa deve estar distribuída em todos os espaços onde o nível de formação correspondente a ela se faz necessário, combinando o programa de formação e a política de quadros, na qual a organização prevê onde irá inserir os militantes formados.

Então, a escola deve relacionar-se com todos os espaços de reflexão, seja nos cursos escolares, seja nas discussões das diversas tarefas. Por isso, ela não é "uma equipe" de formadores, mas, sim, a inteligência da organização assumida por centenas de militantes com funções diversas.

Há sempre que levar em consideração os níveis de conhecimento nas parcelas que constituem a organização (base, militantes e dirigentes). O nível de base compreende aquela formação que se realiza em cada local onde o movimento tem sua representação. No caso de um movimento social, consideramos como base a força social que permanece na luta concreta. No caso de uma organização política, referimo-nos aos setores que vão se integrando aos círculos organizativos.

O nível de militante e de dirigentes são os círculos já constituídos e inteirados das funções concretas na luta social e política. Mas há os níveis de conteúdos que devem ser adaptados, e ao mesmo tempo ampliados, dependendo da especificidade concreta. Podemos citar como exemplo um estudo sobre cooperação com um grupo de camponeses na base que queiram organizar uma cooperativa. Embora esteja ainda no início da formação, a profundidade do conteúdo deve atingir a produção da renda da terra, os aspectos da comercialização dos produtos etc. que possivelmente os militantes e dirigentes já experientes em suas atividades ainda não estudaram.

A formação política e ideológica se fragiliza quando se fragmentam os conteúdos e a formação passa a se realizar acentuando a importância "apenas" técnica ou de assimilação de métodos sem conteúdo.

Ao discursar para a juventude, Lenin destacou

> ... não acreditamos em ensinamentos, educação e instrução, se estiverem fechados em escolas e separados da agitação da vida, vossa tarefa é edificar, e só podereis fazer isto possuindo todos os conhecimentos modernos, sabendo transformar o comunismo – em lugar de fórmulas feitas, conselhos, receitas, prescrições e programas aprendidos de memória –, em algo vivo que coordene vosso trabalho imediato, sabendo converter o comunismo em guia de vosso trabalho prático.[164]

É nisto que deve se basear a escola de formação para compreender o seu papel pedagógico e político.

A educação escolar e a luta pelo socialismo

"Feita a revolução nas escolas, o povo a fará nas ruas, embora essa vinculação não seja necessária", disse Florestan Fernandes. Esta equação entre o elevado nível de ignorância política das massas e a dominação cultural pela elite é que precisamos resolver.

Não se pode dizer que uma pessoa só é culta por passar pelos bancos escolares, pois há infinitas formas para se elevar o seu nível cultural. Porém a escola é um espaço importantíssimo para desenvolver várias tarefas seja na formação da consciência ou na luta de classes.

É mais fácil desenvolver a formação política quando os militantes sabem ler e escrever do que quando são completamente analfabetos; é mais fácil ainda quando estes conseguem interpretar textos e elaborar conteúdos.

A classe dominante estrutura a escola para formar indivíduos competidores no mercado de trabalho. A escola dos trabalhadores deve formar coletividades, fazendo com que cada um assuma sua função social e política.

Independentemente dos objetivos, este conhecimento adquirido favorece o desenvolvimento do intelecto que possibilita ao ser, no momento em que decide tornar-se um profissional da política, ter facilitado seu caminho na apreensão de conteúdos em sua consciência.

---

[164] LENIN, V. I. "As tarefas das uniões da juventude". *In: Obras Escolhidas.* t. 3. São Paulo: Alfa Ômega, 1980, p. 394.

A ignorância, observada sob qualquer ponto de vista, é péssima. Ela diminui o potencial de contribuição que uma pessoa pode dar para as lutas e para a sociedade.

A luta precisa de habilidades físicas, mas também de habilidades intelectuais. Se elas estão concentradas em poucas pessoas, a tendência é, naturalmente, que as decisões sejam centralizadas e se imprimam métodos de comando de estilo militar. Uma revolução precisa também da libertação das consciências.

Sem o conhecimento científico será impossível transformar a sociedade e garantir seu melhoramento permanente. Pode-se tomar o poder pela insurreição, mas apenas isso não transforma a sociedade. Com o conhecimento científico, elimina-se a ingenuidade, desmontam-se os mitos e as pessoas vão ficando cada vez mais livres. Com pouco nível de conhecimento, o ser humano é escravo física e espiritualmente: tem medo de se expor, entrega aos outros os postos de comando, pois se julga inferior, e, com isso, a sociedade jamais conseguirá deixar de ser opressora.

Os trabalhadores rurais sempre foram excluídos dos espaços educativos em nosso país; tiveram, no máximo, o direito à escola primária. Quando quiseram ir mais longe tiveram que se afastar da atividade agrícola porque a escola funciona na cidade. Aos poucos, começamos a perceber que através da luta conquistamos vários direitos, e um deles é o da educação.

Se a formação política se iniciar já no ensino fundamental, através de conteúdos e práticas políticas, teremos uma juventude consciente e capaz num curto espaço de tempo.

José Martí nos orienta dizendo que "educar é depositar em cada homem a obra humana que o antecedeu; é fazer cada homem resumo do mundo vivente até o dia em que viva; é colocá-lo ao nível de seu tempo; é prepará-lo para a vida." Por isso, concluirá que "o primeiro dever de um homem de nossos dias, é ser um homem de seu tempo."

A busca do conhecimento histórico passado e a formulação de novos conhecimentos no presente fazem com que se possa ver

o mundo de forma consciente e se estabeleçam objetivos a serem alcançados no futuro.

A consciência política do quadro será formada no decorrer do processo histórico que ele participa e deve ser forjada pouco a pouco na experiência concreta da luta de classes, no estudo das ciências e na busca constante de informações nacionais e internacionais. Portanto, experiência de luta, estudo das ciências e informação constante da realidade local e universal são os três pilares de sustentação à formação da concepção científica do mundo.

Esta concepção científica tem como objetivo maior transformar a realidade social. Por isso, a formação deve estar a serviço desta transformação dos conhecimentos e da construção do socialismo.

A mística na prática dos quadros

Contavam nossos antepassados, quando queriam nos incentivar a superar alguma dificuldade, que havia um costume em uma comunidade que se tornara uma tradição. Todos os anos, por ocasião das colheitas, realizavam ali uma festa, com jogos e outras competições.

Uma vez, os organizadores da festa resolveram colocar na competição do "pau-de-sebo" uma relíquia como prêmio. Passaram bastante sebo no mastro e o fixaram no centro da praça. Lá no alto colocaram o belo prêmio, com um pouco de ouro e uma lista contendo nomes e quantidades de alimentos.

Os homens tentaram escalar o mastro o dia inteiro sem nada conseguir. Já no final da tarde, exaustos, sentaram-se para tomar uma decisão. Enquanto discutiam a proposta dos festeiros de abaixar o prêmio para a metade daquela altura, um menino, vendo que ninguém estava competindo, aproveitou para fazer as suas tentativas.

Os homens passaram a observá-lo e a desanimá-lo, para que desistisse. Mas, a cada tentativa, ele sempre ia um pouco mais alto.

– Desista! Desista! – gritavam.

O menino nada dizia. Tomando um pouco de distância, correu para o mastro e aos poucos foi subindo, subindo, até chegar ao topo; ali, com uma das mãos, segurou-se ao mastro para não cair e, com a outra, desamarrou a corda que prendia o prêmio e o deixou cair por terra. Seu pai, que estava ao pé do mastro, correu e recolheu o prêmio e esperou que o filho descesse para lhe dar um abraço.

Enquanto o menino descia lentamente, todos cobravam do pai uma explicação. Perguntavam se em sua casa havia um mastro daqueles para o menino treinar ou se o havia educado com algum treinador especial.

O pai encabulado, sem explicação, mas refletindo sobre aquele ato heroico, imaginou que duas razões tinham determinado a vitória de seu filho. Pacientemente, pediu silêncio e esclareceu:

– A primeira razão – disse ele – é que nós somos muito pobres, falta-nos comida e remédios; percebendo que o prêmio poderia resolver estes problemas, meu filho se empenhou para ganhá-lo.

– E a segunda razão? – perguntaram.

– A segunda razão – explicou o senhor segurando o filho pela mão – é que este menino é surdo e não ouviu quando vocês pediam para que ele desistisse e, por isso, foi até o fim.

***

Quando falamos em mística, lembramos de mistério; coisas que acontecem e não temos como explicar. Entretanto, desperta em nós a sensibilidade e a admiração por atitudes ou acontecimentos que diferenciam os comportamentos entre os seres humanos. Enquanto uns querem ir sempre mais longe, na superação dos desafios, outros não arriscam e se satisfazem em ficar sempre por perto do que lhes é mais cômodo.

Depois de vivermos um bom tempo de vida, nos damos conta de que, embora façamos parte do mesmo gênero enquanto seres humanos, o que nos diferencia não são apenas a força e a fraqueza ou a inteligência e a ignorância, mas, sim, as qualidades que se confrontam em nós, como o otimismo e o pessimismo; o ânimo e o desânimo; a solidariedade e o egoísmo; a dedicação e o comodismo; o interesse pelas causas libertárias e o apego ao poder mesquinho, explorador e violento, forjando a partir daí a identidade militante, conservadora ou revolucionária.

Como explicar essas diferenças? Por que há pessoas que lutam a vida toda, sofrem prisões, processos e até a morte, e outras, no entanto, não lutam nenhum dia e ainda torcem para que a repressão maltrate e assassine os que lutam? Da mesma forma há grupos sociais, movimentos, etnias que durante décadas man-

têm a resistência organizada na defesa dos interesses coletivos e, mesmo sem conseguirem avanços, continuam organizados e esperançosos.

Chamamos de mística esta energia, este encanto e dedicação que cada ser social manifesta em sua participação na vida social e política ao longo de sua vida.

Queremos aqui tratar da mística como expressão coletiva, que nasce e se alimenta na luta do povo, que se articula através de interesses comuns e busca (naquilo que às vezes parece ingenuidade) razões para não desistir.

Destacaremos a presença da mística dentro de quatro aspectos: primeiro, como resistência na onda do descenso das lutas sociais; depois, na presença das manifestações culturais nas lutas sociais; na dimensão da pertença criativa; e, por fim, na formulação e construção do projeto socialista.

A mística dentro da onda de descenso

Em 1989, quando os alemães, com marretas e enxadões, abriram frestas no muro de Berlim – construído em 1945 após o término da Segunda Guerra Mundial, dividindo a Alemanha em duas (Ocidental e Oriental), e, desde então, os regimes impediam que pessoas se visitassem –, despertaram diferentes reações nas pessoas do mundo todo.

Dois anos depois, em 1991, as repúblicas soviéticas e todos os países do Leste europeu que compunham o "Bloco socialista" separaram-se, e cada qual, como que envergonhado pelas desobediências cometidas contra a exploração do homem pelo homem, retorna, mais velho e mais cansado, para o mesmo lugar de onde havia partido.

Uma mistura de tristeza e alegria, sorrisos e lágrimas, manifestações favoráveis e contrárias acompanharam por algum tempo as imagens e as conversas por todos os cantos do mundo. Dúvidas e convicções confrontavam-se nos debates públicos. Aqueles acostumados a resolver tudo no mundo das ideias teciam críticas e demonstravam orgulhosamente já saberem que "aquilo" cedo ou

tarde iria acontecer. Assim, passaram a negar qualquer vinculação pessoal com a trajetória socialista.

Muitas pessoas desmotivadas se sentiram como se tivessem perdido a melhor parte de suas vidas lutando por algo que dera errado e recolheram-se para as atividades de suas profissões. Argumentaram já terem dado a sua contribuição e que, dali em diante, cuidariam de suas vidas particulares.

Diversos movimentos revolucionários desmobilizaram-se no momento em que perderam os benefícios[165] materiais, ou, simplesmente, o apoio verbal dados pela União Soviética, que intimidava o imperialismo norte-americano em agir livremente contra as nações. Outros, cativados pela ideologia burguesa, renegaram as suas identidades partidárias e passaram a ganhar espaço dentro da ordem.

A perda do interesse pelo novo fez morrer a mística da recriação das alternativas, e, docilmente, as forças políticas, antes ofensivas, passaram a servir aos interesses da contrarrevolução capitalista.

Assim foi que, sem perspectivas de mudanças estruturais, diversas forças políticas na América Latina abandonaram a ideia de efetuar uma ruptura com o capital e com o imperialismo. A classe operária, bombardeada pelas mudanças tecnológicas, em conjunto com os grandes contingentes de massas urbanas, se recolheu e passou a observar a desconstrução da história que havia escrito.

As vanguardas intelectualizadas passaram a divergir sobre o rumo das mudanças, e a frieza das análises, puramente acadêmicas, reconheceram que "O capitalismo é o destino universal e permanente da humanidade. Não há nada fora deste destino pleno".[166] O socialismo, para estes analistas renegados, tornara-se um elefante em profunda agonia caído sobre um formigueiro.

As mudanças na linguagem política desfizeram os conteúdos dos dizeres. Aquilo que várias gerações aprenderam a denominar

---

[165] ANDERSON, Perry. "A batalha das ideias na construção de alternativas". *In:* BORON, Atílio (org.). *Nova hegemonia mundial: Alternativas de mudanças e movimentos sociais.* Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 39.

[166] *Idem*, p. 38.

de esquerda e direita, para qualificar quem fosse contra ou a favor da ordem capitalista, passou a se caracterizar como mera situação ou oposição dentro dos parlamentos.

Como o menino surdo, por necessidade, e alheios à onda de acomodação, os camponeses, indígenas e lutadores sociais comprometidos com as mudanças, vinculados com setores das massas urbanas, continuaram as buscas de soluções pelo caminho da luta em todos os países da América Latina.

Enquanto os operários e categorias urbanas estavam sendo desmobilizados, a Via Campesina articulava os camponeses e indígenas com jornadas de lutas comuns em todos os países. Nascia a Revolução Bolivariana, na qual as massas populares e indígenas, na Venezuela e Bolívia, aproveitando-se das condições favoráveis, refundaram as suas repúblicas, iniciando – após elegerem o presidente – pela mudança das Constituições de seus países.

O sentimento de irmandade de todos os povos das Américas é que impulsiona as ações de solidariedade. A solidariedade nos movimentos da Via Campesina, na busca de uns contribuírem com suas experiências para que os outros também superem as suas deficiências, é a demonstração de que a mística nunca deixou apagar a chama das mudanças no coração das forças rebeldes.

Essas forças sociais e políticas, por sua vez resistentes e inovadoras nas formas de fazer as lutas, compreenderam que não foi o socialismo que morreu, mas, sim, a convicção das pessoas que o construíam. A manipulação das consciências e a fraqueza de líderes burocráticos levaram à derrota a esperança de quase um século de duração.

A mística socialista, enraizada nas mobilizações populares (mesmo sem muita certeza de tudo aquilo que querem alcançar), leva as consciências a terem clareza de tudo aquilo que não querem, seja pela ordem do capital, seja pelas burocracias das forças de esquerda. Rebatem estas forças com lutas por conquistas. As guerras, a intervenção violenta do imperialismo em qualquer país, a fome, o desemprego e a negação dos direitos humanos são elementos que dão fundamento para o valor da indignação.

É a convicção de que o capitalismo nada mais tem a dar para a humanidade que norteia as reflexões e desperta o desejo das forças sociais continuarem as lutas para forjarem o próprio caminho. A força que anima as mudanças e estabelece o novo conteúdo dos valores é a mística, aquela que nunca deixa o campo de batalha nem abandona os que ali permanecem e acreditam.

Foi através da mística que as forças sociais organizadas em movimentos – ao verem muitas lideranças políticas e organizações históricas derrotadas enrolarem as suas bandeiras e as colocarem atrás da porta, ou, com outras cores, envolverem-se em disputas dentro da ordem do capital – partiram para a ofensiva, construindo a própria autonomia.

Temas como a soberania alimentar passaram a ter referência estratégica, pois não há soberania alimentar sem antes alcançar a soberania política. Não pode haver soberania política enquanto os alimentos de um povo estejam sendo produzidos fora das fronteiras de seu país, a não ser quando o mercado esteja fora das relações capitalistas e os povos sejam solidários entre si.

Os movimentos e as forças sociais organizadas, neste momento histórico, aproveitaram para eliminar da prática política todos os vícios reumáticos que envelheciam os métodos para tomar novas decisões. Buscaram, como sujeitos autônomos, o seu próprio jeito de organizar a luta de classes. É claro que não negam a necessidade de se ter formas de organizações políticas de classe que reúnam todas as forças, juntamente com as massas populares, para fazerem triunfar o projeto popular socialista, mas, na ausência destas iniciativas tradicionais, não ficaram à espera e reuniram em si mesmos os anseios de todas as forças.

Os possíveis excessos na amplitude da defesa das causas fizeram surgir acusações em relação ao papel dos movimentos como se eles estivessem ocupando o espaço dos partidos políticos. Os movimentos e as forças sociais articulados ocuparam o espaço deixado vazio por outras forças políticas, ampliando assim o alcance de suas propostas.

No descenso das forças políticas tradicionais, a mística das mudanças se refugiou nos movimentos sociais e nas iniciativas informais para empurrar as lutas e as revoluções para frente. Na falta de instrumentos políticos, os movimentos emprestam-se enquanto aguardam que todos os esforços reunidos estabeleçam quem são os sujeitos históricos da edificação do socialismo.

A mística dentro das manifestações culturais

Aprender a lutar através da participação nas mobilizações sociais é uma maneira bastante pedagógica de adquirir conhecimentos políticos, mas lutar considerando que já existem aprendizados e que se deve valorizá-los para que a luta não pereça é uma arte.

Os movimentos sociais aprenderam a manter junto de si o que aprenderam pela tradição; e aprenderam a utilizar estes saberes como fundamentos para todas as práticas combinadas. Ao contrário da militância das organizações clássicas, que se preparavam para ir aos encontros e congressos em grande medida para divergir das teses contrárias, nos movimentos sociais, a militância se prepara e vai aos encontros para contribuir. Antes de dividir, preocupa-se em multiplicar; logo, o consenso é o princípio que orienta a manutenção da unidade.

Os camponeses levam para os encontros a alegria e a beleza dos campos, representadas pelos alimentos, os cantos de trabalho, as histórias de vida e o gosto pelo silêncio contemplativo. Nos movimentos sociais urbanos aparece a alegria das rodas de samba, a solidariedade existente entre os necessitados e a esperteza de não serem surpreendidos.

Os remédios caseiros, os cobertores, pratos e talheres que os camponeses levam para os encontros e as mobilizações demonstram a capacidade de autossustentar a própria luta. Dormir em barracas, como se fosse a própria casa, e garantir a segurança e a ordem, como se cuidassem da própria família, são demonstrações da constituição de seres humanos com consciência dos valores externados através de expressões de afetividade e de respeito.

O resgate do princípio da direção coletiva colocou em crise o paradigma do presidencialismo. A participação do homem e da mulher, enquanto seres interdependentes, também na luta política, em que cada qual deve representar a si mesmo, e a apropriação da teoria a partir da prática, renovou a mística para encontrar diferentes formas organizativas.

O gosto pelos símbolos como parte integrante da força e as palavras de ordem que resumem os programas, ainda não totalmente elaborados, ajudam na conscientização e no fortalecimento da mística revolucionária.

A multiplicação de lideranças a partir da divisão de tarefas, as marchas organizadas em filas indianas, tanto para garantir a segurança dos participantes como também para dar visibilidade estética, fazem parte da motivação de sempre dar o melhor do que temos aos outros. Quem vê a luta dos outros merece ver o belo, admirá-lo como um presente em movimento e assumi-lo como parte de si.

No cuidado com as crianças e na hospitalidade com os amigos que visitam os eventos e as manifestações, mesmo em terras estranhas, expressam-se os valores da convivência familiar praticados na cultura camponesa e nas massas urbanas.

As expressões culturais, portanto, não são deixadas de fora da organização popular e da luta política. O ser social quando vai para a luta, com suas características culturais e de identidade, é o mesmo ser político, mas apenas acrescentou em si uma quantidade de tarefas novas.

A descoberta dos lutadores e lutadoras sociais é que o sujeito que luta é o mesmo sujeito que elabora o projeto e o mesmo sujeito também que edifica a sociedade que sonha. Na linha do que disse Antonio Gramsci: "(...) não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*."[167] Isso quer dizer que todo ser humano, além das atividades físicas que pratica no trabalho, também desenvolve atividades intelectuais. Nisto está o princípio da desalienação do ser humano

---

[167] GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 53.

e a razão do prazer de viver, pois, ao conceber os objetos que quer produzir ou o mundo que quer habitar, faz deste ser social um sujeito verdadeiramente intelectual de seu próprio destino.

Por esta razão é que chamamos de mística este desejo, esta vontade e este querer que se manifestam com diferentes intensidades de um ser para outro, mesmo estando na mesma frente de batalha.

As motivações originam-se de diferentes fontes: uns se motivam pelo caminho já feito, outros pelo caminho que ainda sonham fazer.

Se o aprendizado histórico contribui para o fortalecimento da luta, o novo aprendizado corrige os defeitos do saber anterior e se agrega nas expressões da nova cultura.

Para Antonio Gramsci, a cultura é mais que saber enciclopédico: "É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior...".[168] Com este desenvolvimento, o indivíduo compreende o seu próprio valor histórico, desvenda a sua função social e articula a prática dos direitos e dos deveres que possui.

A compreensão dos princípios políticos e organizativos como fatores estruturantes das diretrizes táticas e estratégicas fazem com que o ser social busque investir-se na materialidade do processo de transformação social. A crítica e a autocrítica realizadas de forma permanente não são entendidas como ofensas, mas, sim, como uma contribuição para que cada qual melhore ainda mais a sua presença neste tecer da história.

A unidade política, tão vilipendiada nas velhas entidades, passa a ser sustentada pelo princípio da afetividade. Gostar e gostar-se são sentimentos que destensionam as discussões. Negar uma ideia que esteja equivocada não é negar a importância de seu defensor, mas ajudá-lo a retirar as barreiras que o impedem de ver além. Porém, negar uma ideia correta pelo simples fato de não gostar do

---

[168] GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 58.

seu formulador é colocar-se como inimigo na própria trincheira da luta de classes.

Os movimentos sociais e as lutas de massas resgataram nas últimas décadas o que a humanidade produziu de mais sensível nos métodos de fazer a história, que é o reconhecimento do valor do companheirismo. Quando a competição toma conta das fileiras de uma organização, é sinal que o seu tempo de vida está se encerrando: divide-se em partes; estraçalha-se como um trapo velho que somente serve para ficar nos cantos da história.

Poderíamos utilizar muitos exemplos para ilustrar esta ideia, mas tomemos como referência a Segunda Internacional, criada para reunir o proletariado e as forças políticas do mundo todo. O equívoco nas análises e as competições internas permitiram a convivência até o início da Primeira Guerra Mundial, quando os operários, em cada país, decidiram entrar na guerra ao lado das burguesias nacionais. Esta posição foi liderada pela social-democracia alemã, que, tendo um acúmulo de forças razoável, passou a defender uma posição nacionalista e favorável à burguesia nacional. Essa posição era contrariada por Rosa Luxemburgo e por Karl Liebknecht, que foram ignorados e, em consequência, em janeiro de 1919, ambos foram assassinados com a aprovação de setores do próprio partido que participavam.

Sobre este episódio sentencia Leandro Konder: "Marx havia terminado seu famoso *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, com a recomendação: 'Proletários de todos os países, uni-vos!' Mas, em 1914, os proletários alemães e franceses passaram a se matar uns aos outros, de armas na mão".[169]

A nova cultura política descoberta pelas práticas populares – sem, no entanto, caírem no culto ao espontaneísmo –[170] ajudou a produzir aos poucos também uma nova moral. O combate aos preconceitos contra a presença feminina nos cargos de direção, dos homossexuais nas atividades organizativas, o corporativismo

---

[169] KONDER, Leandro. *História das idéias socialistas no Brasil*. Ed. cit., p. 20-21.

[170] Cf. LENIN, V. I. *Que fazer?* Ed. cit., p. 109.

político e religioso que impediam a confraternização coletiva das conquistas etc., se não ficaram totalmente para trás ou não se emanciparam totalmente, é porque o ser social, enquanto sujeito histórico, ainda está em construção; a correção das posturas preconceituosas elevou a condição humana a um nível superior daquele que era um simples cidadão cumpridor dos seus deveres. A cultura, neste estágio, já superou os aspectos arbitrários.[171]

São perceptíveis, porém, as limitações dos movimentos na construção de alternativas de superação da ordem, pois a obrigação de lutar por coisas do cotidiano impede a percepção dos aspectos universais e estratégicos, mas esta também é uma descoberta coletiva que se vai aprendendo com o próprio limite das ações.

As lutas particulares precisam, cada vez mais, ser articuladas com as lutas mais amplas, para se chegar a construir um projeto de classe com perspectivas socialistas. Mas o ponto de partida é a vontade das massas, e o triunfo depende de seus interesse pela revolução.

A mística dentro da pertença criativa

A pertença é a presença do ser social para ocupar o seu lugar na história, porém não é uma presença emburrada, impositiva, mas, sim, voluntária e criativa. A mística é uma força positiva que se impõe sobre uma força negativa.

Cada sujeito, depois de descobrir o seu lugar e a sua função, se arma de otimismo e não espera pelas ordens, mas ordena a si próprio para garantir o sucesso coletivo.

A pertença criativa não significa obediência submissa; porém, também não significa totalmente o seu contrário. Conforme nos descreve Bloch, a partir dos anos de 1900, quando aflorou na juventude alemã a determinação de não pertencerem a ninguém (como sucedia com as crianças na família), senão a si próprios: "A juventude se percebeu como um começo, usava trajes próprios,

---

[171] BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. Uerj. 2006. p. 88.

adorava viajar, cozinhar, era conscientemente verde. Almejava vida nova e própria, distinta da adulta e melhor em tudo, a saber, informal e sincera".[172]

O despertar desta juventude na Alemanha demonstrava claramente que ela participava, mas não se pertencia. Era inicialmente controlada pela família, depois pelas organizações que integravam, e depois pelo Estado. Mas, acima de tudo, a juventude antevia o que estava por vir pouco mais de uma década depois: a Primeira Guerra Mundial que ela obedientemente deveria executar.

Os movimentos sociais e as massas populares e indígenas no início deste século também perceberam a decadência da civilização e o aprofundamento da crise do capitalismo que atingiu a economia, a política, a ecologia, a cultura e os valores. Fugiram das formalidades e responderam ao desprezo das forças políticas desgastadas, pressionando de diferentes formas para a realização das mudanças.

O sentimento de pertença à terra fez dos habitantes do campo a força motora da resistência e da busca de um futuro não determinado pelo capital. A necessidade da reação articulada em toda a América Latina não se deu por um programa escrito e racionalizado, mas pelo conhecimento secular da capacidade aterrorizadora das forças dos dominadores estrangeiros.

Como bem descreveu José Carlos Mariátegui na primeira metade do século passado:

> A conquista foi, antes de tudo, uma tremenda carnificina. Os conquistadores espanhóis, por conta de seu número escasso, não podiam impor seu domínio senão aterrorizando a população indígena, na qual as armas e os cavalos dos invasores produziram uma impressão supersticiosa, e estes passaram a ser vistos como seres sobrenaturais.[173]

A sobrenaturalidade ou poder absoluto do Império e do Estado ainda ocorre com o uso de cavalos e cães nos despejos das

---

[172] BLOCH , Ernst. *O princípio Esperança.* Vol. 2. Rio de Janeiro: Contraponto. Uerj. 2006, p. 140.

[173] MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana.* São Paulo: Expressão Popular & Clacso,. 2008, p. 61.

fazendas ocupadas, na expulsão dos indígenas de suas terras e dos camponeses atingidos pelas águas represadas das barragens, nas greves e mobilizações urbanas; mas o capital qualificou ainda mais o seu fetiche. Com a ampliação do mercado, a mudança na genética das sementes e o poder devastador dos venenos que matam a flora e a fauna, poluem as águas e contaminam os organismos dos animais e dos seres humanos está a "impressão supersticiosa" da superioridade que intimida e cria dependência.

A negatividade da conquista levou à rejeição do conquistador por parte daqueles que tinham não só os costumes, mas também as almas agrárias.[174] O terrorismo espanhol e lusitano nos ensinou que a servidão nada pode criar a não ser a dominação, o desespero e a miséria.

Como poderiam surgir, sobre os destroços de batalhas, lágrimas e ecos de gritos de lamento e dor, através da solidariedade, movimentos determinados a nunca mais aceitarem a dominação pacificamente?

A pertença à terra como princípio original dos camponeses e indígenas não pode ser interrompida por interesses mesquinhos da acumulação do capital. Os cuidados milenares com a terra, com as florestas e as sementes não podem ser relegados às lembranças. A cultura também é o culto. Cultuar é querer. "*Cultus* traz em si não só a ação sempre reproposta de colo, o cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante desse trabalho e já incorporada à terra que se lavrou".[175]

Desta maneira, não nos incorporamos à terra somente pela devolução da matéria física do corpo quando é chegado o momento de nossa morte, mas ainda em vida, através do trabalho, do cultivo do solo e dos cuidados com a natureza.

As empresas imperialistas nunca poderão compreender esta relação do ser humano com a terra, pois para eles a retirada de alguém de seu ambiente histórico pode se dar através da compra

---

174 *Idem*, p. 63.

175 BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13.

ou da expulsão. Não sabem que a terra para os camponeses e indígenas contém mais do que o direito de propriedade: nela, pelo longo percurso histórico, já se desmancharam em suor, força e vidas diversas gerações.

Quando o governo, por causa da pressão organizada, demarca uma reserva indígena ou desapropria um latifúndio para fins de reforma agrária, está devolvendo o direito das gerações voltarem para a própria casa que havia sido tomada pelos colonialistas. Quando o governo regulariza a grilagem ou dá concessão de uso das terras para as empresas, está matando a possibilidade de que o humano recomponha a sua dignidade vilipendiada pelos invasores colonialistas e imperialistas.

Tinham razão os nossos antepassados quando diziam que "a história da humanidade cabia dentro de um grão de milho", pois, se bem analisado, veremos incorporado neste grão as impressões digitais de todas as gerações que cultivaram esta variedade como alimento. É neste sentido que a natureza nos pertence e nós pertencemos a ela. Sem a entreajuda e a tolerância entre os gêneros, a vida acaba.

A compreensão da interdependência nos ajuda no aperfeiçoamento do sentimento de pertença.

> Os animais dependem da fotossíntese das plantas para atender às suas necessidades energéticas; as plantas dependem do dióxido de carbono produzido por animais, bem como do nitrogênio fixado pelas bactérias em suas raízes; e, todos juntos, vegetais, animais e micro-organismos, regulam a biosfera e mantêm as condições propícias à preservação da vida.[176]

A mística da pertença ao sistema terrestre é também inspiração para a pertença no sistema de integração política. A diversidade de formas organizativas e as variações nas formas de luta combinam-se no trabalho cooperativo para a construção da Pátria Grande, onde cabem todas as etnias e povos. Não cabem as classes, porque elas, para existirem, renunciam à igualdade de direitos e afirmam as

---

[176] CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável.* São Paulo: Cultrix, 2002, p. 23.

desigualdades sociais; precisam competir, e a competição é uma atitude desumana, porque, para um ter, precisa fazer faltar ao outro. O princípio da igualdade ensina a repartir sem competição.

Os explorados pertencem a esta classe por imposição, mas lutam para se livrar dela e deixar de ser classe. Para isso, precisam desfazer a classe que os domina, controlar as forças produtivas, transformar o Estado e as relações sociais competitivas que praticam.

As transformações profundas das sociedades precisam de um programa que oriente a política como a planta orienta uma construção, com uma diferença: ela não tem medidas exatas nem tampouco prazo de conclusão. E isso ocorre porque os construtores desta obra, ao construírem, podem aperfeiçoar o desenho, ampliando os espaços para que ninguém fique de fora. Por isso é que tem que ser uma obra coletiva: enquanto uns se empenham em erguer a estrutura, outros se encarregam da pintura e da jardinagem. As cores vivas dão o sentido de uma sociedade alegre, e a jardinagem atrai os pássaros e as borboletas, sinais de harmonia, solidariedade e pureza.

A mística dentro do projeto

O projeto popular é assim denominado por ser uma contraposição ao projeto das elites capitalistas. Não significa que esta formulação negue a importância das classes como protagonistas dos processos de transformação.

O fator determinante para compreender este conceito é que, com as mudanças tecnológicas, a classificação histórica dos indivíduos, enquanto membros naturais de uma classe, por passarem a cumprir outras funções no mundo do trabalho, sofreu uma "desclassificação" na forma como estávamos acostumados a interpretá-los. Não quer dizer que o proletariado não seja mais o sujeito da revolução, mas, fundamentalmente, devemos entender que não está mais sozinho.

As massas saíram das classes operárias e camponesas e se instalaram nas periferias dos grandes centros urbanos; ali produzem a existência através de diferentes afazeres profissionais e trabalhos

informais, constituindo também parte das forças fundamentais para impulsionar os processos de transformação.

A Revolução Bolivariana, em andamento na Venezuela, nos mostra que há diferentes caminhos para se chegar ao socialismo; todos eles, porém, precisam passar por uma revolução. A força principal da Revolução Bolivariana não está na classe operária, nem na classe camponesa quase inexistente, mas, sim, nas massas populares. Elas representam a força de sustentação das iniciativas tomadas pelo governo. O impulso da revolução, por sua vez, não foi determinado por um partido político, nem por movimentos sociais estruturados, mas o movimento das contradições possibilitou o surgimento da liderança de Hugo Chávez que convocou as massas populares a se envolverem na busca das soluções de seus problemas.

Neste momento, ainda de indefinição, a tarefa das massas populares não é se articular em movimentos sociais, como ocorre em outros países, mas organizar o poder popular vinculado ao governo que incentiva a estruturação de um partido político, uma das grandes carências daquela revolução.

Atualmente, a mística do projeto popular em toda a América Latina é a motivação participativa em formas simples de organizações; nelas simplifica-se a estratégia política, e o horizonte fica ao alcance das mãos daqueles que jamais foram considerados força importante para decidir os rumos das transformações. O fundamental é compreendermos que não importa onde lutamos, mas, sim, pelo que lutamos. Estas forças articuladas constituem a luta de classes, ou seja, a classe dos explorados lutando contra a classe dos exploradores para ultrapassar a exploração do homem pelo homem.

Há elementos diferenciadores em cada lugar. O MST do Brasil, por exemplo, ao organizar a luta pela reforma agrária, através da luta pela conquista da terra, reconstrói a classe camponesa quando inclui na classe os trabalhadores que estavam dispersos pelo desenvolvimento do capitalismo. Neste caso, é o popular se tornando classe, com organização, consciência e posição política de classe, pois, além de defender os seus interesses, se empenha em ajudar

a defender os interesses mais amplos do país e da humanidade. Mas a maioria da população está nas periferias das grandes cidades ainda desorganizada, e, todavia, não existe uma referência mobilizadora na qual todas as forças possam depositar a sua esperança e empenhar a sua força transformadora.

As massas populares, a seu modo, sustentam um projeto de mudanças, pois ninguém sente prazer em pensar que um filho que vai nascer herdará a miséria de seus pais. Ao contrário, aqueles que ainda vão nascer devem orgulhar-se no futuro por ter-nos tido como alimentadores da esperança. O projeto popular é a elaboração coletiva do povo que se revolta contra a elite exploradora e opressora, e, ao mesmo tempo em que diz o que pensa, constrói o que quer. Considerar a participação popular como fundamental não significa cultuar a espontaneidade ou entender que a simples mobilização já é suficiente para derrotar os inimigos; necessitamos, além disso, organizar e elevar o nível de consciência das massas para que elas compreendam o que estão fazendo e se empenhem para avançar sempre mais com a construção do projeto.

As formas organizativas podem variar, seja na categoria organizada, seja na classe estruturada ou no território de moradia; o que importa é o movimento que cada força faz, para ir em direção à mesma mudança.

A classificação das forças para o processo de transformação em fundamentais, motoras ou dirigentes não deixa de existir; o que as lutas sociais ajudaram a superar foi a visão de que não há uma força mais importante que outra: há tarefas imprescindíveis e tarefas aleatórias, que cada força, em seu nível, deverá cumprir.

Por sua vez, muitas polêmicas foram superadas pela própria mudança de estágio de desenvolvimento do capitalismo. Se as independências na América Latina, entre 1810 e 1824, trouxeram consigo a possibilidade da luta pela garantia dos direitos republicanos, a tendência atualmente é ver estas possibilidades reduzidas. As revoluções burguesas efetuadas na Europa a partir 1848, que aceleraram as mudanças estruturais do capitalismo, não ocorreram em nossos países; por esta razão, muitas reformas de

natureza capitalista não foram realizadas, como a reforma agrária, que reproduz a propriedade privada, e a reforma urbana, que organiza e constrói moradias etc., de modo que agora elas só podem acontecer associadas com a luta pela superação do capitalismo enquanto modo de produção.

Os desvios do economismo e do espontaneísmo que desprezavam a luta política foram, por estas mudanças de situação, derrotados. A partir deste século, as forças que pretendam alcançar vitórias precisam derrotar politicamente as forças contrarrevolucionárias que defendem o capitalismo. Derrotar politicamente não significa vencer as forças contrarrevolucionárias em disputas eleitorais, mas impedir, tirando-lhes os meios de dominação, que retomem os espaços conquistados pelas forças populares.

E o que são estes espaços? A derrota sofrida pelo imperialismo em relação à Alca (Área de Livre Comércio das Américas), prevista para funcionar no início deste século, foi importante para as forças populares do continente latino-americano; a defesa da água doce, evitando que os rios fossem privatizados; a estatização das riquezas naturais e a construção da Alba (Aliança Bolivariana dos Povos das Américas) são vitórias políticas importantes, que, além de impedirem o avanço do imperialismo, integraram a luta dos povos na defesa de causas coletivas.

A grandeza destas iniciativas políticas populares está na superação do estágio de cada qual lutar por si isoladamente e na organização de movimentos cada vez mais amplos. A mística da união entre todos os povos e etnias constrói a verdadeira solidariedade através de uma nova visão do internacionalismo proletário.

***

Agora, podemos voltar à história inicial do menino pobre e surdo que nos contavam os nossos pais. Ela nos diz que somente se interessam pelas conquistas, através das lutas e do sacrifício, aqueles que têm necessidade delas. Há setores de classe que no passado eram considerados revolucionários e se aburguesaram

ou entraram no projeto da classe dominante. Já não possuem mais interesse em transformar a ordem capitalista e, por isso, se apresentam como portadores da mensagem da mudança apenas na linguagem.

Esta linguagem pegajosa e cheia de elogios aos poderosos e aos governos que os cooptaram é endereçada aos ouvidos daqueles que acreditam nas transformações pela disputa e não pela conciliação entre as classes. Mas, como o menino surdo, é preciso não ouvir.

Os movimentos sociais tiveram a ousadia de se constituírem sem manuais, e por esse fato nasceu com eles uma nova consciência e um novo jeito de ser sujeito da história.

Este sujeito histórico faz as mudanças sociais sem deixar de ser o que é enquanto identidade de força. Retém o aprendizado na memória, mais do que nos registros escritos, e os repassa através da oralidade às futuras gerações.

A mística, neste caminhar, é mais do que o alimento do caminhante; é também a fome que não deixa parar nem dormir até chegar ao lugar desejado. O sujeito desta história já não vive mais para si; vive agora para a sua coletividade.

A certeza de que esta causa será vitoriosa está na descoberta de andarmos de mãos dadas; ninguém ficará perdido pelos caminhos da história.

"Fé na vida, fé no homem, fé no que virá (...) vamos lá fazer aquilo que será."[177]

[177] GONZAGUINHA. Música "Sementes do amanhã".

Conclusão

No decorrer deste trabalho, sentimos que a estrutura organizativa e a consciência são partes de uma mesma formação. A natureza das ações, ao mesmo tempo que exige da organização qualidade suficiente para implementá-las, eleva a quantidade de conhecimentos no sentido de que, ao ampliar os horizontes, desvendam-se novas contradições e, com isso, a qualidade política dos que decidem, planejam e executam tais atividades.

A prática política não pode ser eficiente se, ao seu lado, não houver o conhecimento que confronte e esclareça as contradições formadas, que ajudam ou impedem as pessoas de seguir em frente. Sem a teoria, a prática, depois de um certo período, tende a perder a eficiência das táticas e as converte em fórmulas. O processo de conversão se dá quando as táticas deixam de ser inteligentes, já não se interligam nem tampouco atacam as contradições principais, e assim, as ações passam a ser repetitivas e sem consequências.

Neste sentido, tanto a busca pelo conhecimento quanto o movimento das ações precisam ser permanentes. Tudo o que para de evoluir começa a regredir, e isso é o que pode ocorrer com qualquer organização política ou movimento social depois de alguns anos de expansão. Não alcançando o triunfo durante o primeiro impulso, uma quantidade enorme de dificuldades se apresenta, e os limites não compreendidos levam a organização a não conseguir mais responder aos seus próprios desafios.

Os retrocessos e as derrotas nem sempre ocorrem pela incapacidade das forças em movimento. As mudanças nas circunstâncias que diferenciam os momentos políticos são determinantes no movimento das transformações.

Entretanto, nem sempre as forças estão preparadas para aproveitar as circunstâncias favoráveis e realizar as mudanças estruturais. Mas é de fundamental importância compreendê-las

para que a definição das tarefas seja consciente, levando em conta o momento e a realidade política em que se age.

Para tanto, quando o movimento das mudanças na realidade econômica, política e social está ocorrendo de maneira profunda e mexe com a estrutura da constituição, fundamentalmente na base econômica da sociedade, e as forças políticas realizam tarefas de alcance conjuntural, as organizações existentes, acostumadas com o período anterior, tendem a ser relativizadas. Suas ações pouco efeito causam, tanto no sentido de deterem as mudanças em andamento quanto no sentido de aprofundarem as contradições.

Se as mudanças na realidade são de natureza conjuntural, mas as forças políticas desempenham tarefas como se fossem estruturais, elas cometem o equívoco de não compreenderem corretamente o momento político em que vivem e correm o risco de não serem entendidas pelas massas, como se falassem línguas diferentes.

Não resta dúvida de que as classes dominantes buscam todas as formas para se atualizarem. Defendem seus estrategistas que os avanços tecnológicos facilitaram a penetração das forças do capital em todos os territórios, mas provocaram, também, profundas contradições com as forças locais. De algum modo, grande parte dos conhecimentos militares, juntamente com o arsenal bélico e a constituição das Forças Armadas, com grandes contingentes regulares, terão que passar por reformulações. Segundo eles, as tendências apontam para a colocação das forças no movimento das mudanças estruturais dos próprios modelos capitalistas, que já não estão relacionados prioritariamente com as guerras entre países, pois estas reduziram muito a sua intensidade; atualmente, os dois referenciais de enfrentamentos em desenvolvimento se dão através dos exércitos regulares contra exércitos irregulares ou forças sociais; e entre estas últimas e grupos paramilitares, com apoio das forças oficiais.

As grandes potências econômicas, como os Estados Unidos da América, atuam com as duas possibilidades – forças oficiais e paramilitares –, mas priorizam os conflitos localizados, ou seja, repassam funções e tarefas para as Companhias Militares Priva-

das (CMPs), que se encarregam de prestar serviços em todas as frentes, seja na linha da logística, inteligência, administrativa ou no desenvolvimento de ações militares diretas.

De alguma maneira, o paramilitarismo já existe desde o término da Segunda Guerra Mundial. Porém, segundo o estudioso italiano Dário Azzelini, o verdadeiro crescimento dessas empresas começou em fins dos anos de 1980 e foi reforçado de forma maciça nos anos de 1990. Podemos ver pelos dados apresentados:

> Na primeira guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, a relação entre os empregados das CMPs e os soldados era de 1 para 100. No Afeganistão, de 1 para 50/40. Agora, no Iraque, há 180 mil empregados das CMPs, segundo dados do próprio exército norte-americano. Quantidade maior do que a dos soldados do Exército.[178]

Uma das vantagens da política de terceirização é que o Estado não tem responsabilidade alguma com o indivíduo que atua em uma empresa de prestação de serviços, nem com a sua família, como ocorre no caso de este ser um soldado do Exército, o que lhe dá garantias de que não responderá a nenhum processo fora de seu país de origem. Embora estes civis cumpram funções de soldados, no caso de cometerem crimes, não podem ser julgados pela Justiça militar; e, sendo paramilitares, possuem garantias de que não poderão ser julgados pela Justiça civil do país onde atuam.

As empresas, por sua vez, buscam, através dos conflitos constantes, ampliar os seus lucros. E, conforme diz o próprio Azzelini, se anteriormente os soldados tinham interesse em terminar as guerras para voltar para casa, agora as empresas prolongam e multiplicam os conflitos, pois, como a guerra é um investimento, quanto mais demorar, maior lucro elas terão.

Maquiavel já havia alertado sobre isso no início do século 16, quando tratou da guerra dizendo que nenhum governante sensato deveria permitir que nenhum súdito ou cidadão fizesse dela sua única profissão, pois nenhum homem bom poderia fazer tal coisa

---

[178] AZZELINI, Dário. Disponível em: www.defesanet.com.br. 29 de setembro de 2009.

para se sustentar. "(...) a guerra não os sustentará em tempos de paz, e, assim, precisam esforçar-se por evitar a paz ou esforçar-se o máximo durante a guerra para que não lhes falte sustento quando a guerra acabar (...).[179]

Percebe-se, portanto, o grande perigo que correm as nações com a política de terceirização das forças de guerra organizadas através das empresas privadas. Na medida em que estas quiserem ampliar os seus lucros ou evitar os prejuízos, provocarão conflitos bélicos por conta própria, que poderão, inclusive, sair do controle da nação que as iniciou, formando-se aí uma nova contradição também para ela.

Nas últimas décadas, foram inúmeras as operações executadas pelas Forças Armadas e policiais, em forma de teste, em áreas de alta densidade populacional, como forma de experimentar táticas de contenção às reações populares ou de capturar inimigos que convivem em seu meio: a presença de tropas brasileiras no Haiti e o uso da força militar na Palestina, Iraque, Afeganistão, bem como as ofensivas feitas na Colômbia e no Peru (para citar algumas). As operações constantes realizadas nas periferias do Rio de Janeiro e São Paulo fazem parte deste novo aprendizado que os "Estados", como aparato burguês, precisam acumular para lidar com os grandes contingentes de massas rebelados.

Mas, se os referenciais analíticos da ordem dominante mudaram, em termos de lutas e formas organizativas, isto é valido também para as forças revolucionárias. As tendências demonstram que, até meados do século passado, as lutas desenvolveram-se associadas à estratégia do que se chamou de "guerra do povo" contra grandes exércitos oficiais. Essas forças políticas e militares se utilizavam das selvas e dos lugares inóspitos dos países para acumular forças e estimular a população a insurgir-se contra os poderes constituídos. Agora, devido ao grau de elevada urbanização da população mundial e aos avanços tecnológicos para detectar informações, alvos e possibilidades de ações, os conflitos revolu-

---

[179] MAQUIAVEL. *A arte da guerra.* Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003, p. 13-14.

cionários tendem a não se realizar mais nas selvas, mas, sim, "entre a população" urbanizada.

A mudança desses referenciais, tanto da natureza bélica dos novos conflitos quanto da constituição da nova base social, que apontam para diferentes formas organizativas, inovadoras, no seio dos imensos contingentes populacionais, colocará ainda mais em crise aquilo que conhecemos tradicionalmente como "organizações de esquerda". Compreende-se que estas entidades foram formadas e educadas em uma época em que os conflitos cabiam nas plataformas reivindicatórias da disputa de força entre o capital e o trabalho, mas que agora elas vão além.

As atuais táticas desenvolvidas pelas forças de esquerda foram aprendidas dentro da ordem, sem ferir profundamente a filosofia da lei e da moral. Seus objetivos eram alcançar conquistas, mas sem oferecer elementos para a criminalização. Assim, contiveram-se, quase sempre, de todos os excessos em suas mobilizações previstas por "calendários de lutas", tendo data de início e previsão de encerramento. O período histórico da "esquerda negociadora" e das disputas institucionais, isoladas, para acumular forças aproveitáveis para o processo revolucionário, por si só, está superado; já não há o que negociar a não ser a manutenção das conquistas anteriores, nem o que disputar no campo da institucionalidade, quando o objetivo não for a ruptura com a ordem. Essas práticas, firmadas no degrau anterior da luta política, se desatualizaram e converteram-se em fórmulas que, além de conter as transformações, empurram o movimento das mudanças para trás.

Se o movimento, no deslocamento das forças sociais, alterou a possibilidade de utilização das Forças Armadas tradicionais e exige novas formações para combater as novas formas de reações contra-hegemônicas, por que é que persistiriam como válidas para as massas, no intuito de representá-las e dirigi-las, entidades que foram criadas para responder perguntas de sujeitos que estavam estruturados de outra forma no passado? As perguntas atuais, sem deixar de observar os conceitos e as experiências anteriores, devem ser respondidas por sujeitos atuais, com táticas e instrumentos

atualizados. A mudança de conteúdo na composição das forças sociais exige a criatividade para reinventar as formas organizativas.

A estratégia doravante em articulação tende a ser a de combinar a ação da classe (onde estiver organizada) com a ação das massas populares e setores médios existentes.

Como síntese desse processo, podemos dizer que as tarefas urgentes das forças revolucionárias em toda a América Latina são as de repensar o caminho da organização política e social nessa nova conformação das forças, bem como aprofundar os estudos para elevar o nível de conhecimento e consciência das massas e dos quadros. Isto porque o principal elemento das mudanças ou de qualquer processo de transformação nunca poderá ser feito sem a participação das massas e da militância altamente preparada. Não seria possível avançar com uma revolução sem considerar a necessidade de uma força dirigente capaz de orientar todas as forças para seguirem no mesmo rumo.

Como disse Marx no livro *A sagrada família*: "(...) as ideias nunca podem realizar nada. Para executar as ideias, são necessários os homens, que põem em ação uma força prática."[180] "Os homens", compreendemos no aspecto aqui tratados, são os quadros e a militância que produz, assimila e emprega as ideias na luta concreta das massas. Sem esta combinação jamais pode haver revolução.

Neste sentido é que a mística militante entra como elemento fundamental para sustentar o ânimo das forças nas dificuldades que virão pela frente. O sujeito da história, constituído pelas diversas forças organizadas, garantirá que no futuro se tenha não apenas uma sociedade socialista, mas a certeza de que ela é apenas a transição para o comunismo, quando tudo será melhor.

---

[180] MARX, K.-ENGELS, F. *A sagrada família*. Lisboa: Presença, 1980, p. 179.

Referências

ABREU, Laerthe Jr. *Conhecimento transdisciplinar*. Unimep, 1998.

ALVAREZ, Marta Elena (org.). Ho Chi Minh. São Paulo: Ática, 1984.

ANDERSON, Perry. "A batalha das ideias na construção de alternativas". *In:* BORON, Atílio (org.). *Nova hegemonia mundial: Alternativas de mudanças e movimentos sociais*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda e MARTINS, Maria. H. Pires. *Filosofando: Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

AZZELINI, Dário. Disponível em: www.defesanet.com.br. Acesso em 29/set./2009.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. UERJ, 2006.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 2000.

BOGO, Ademar. *Lições da luta pela terra*. Salvador: Companhia das Letras, 1999.

_____ (org.). *Teoria da organização política*, vol. I. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

_____. *O vigor da mística*. São Paulo; MST, 2002.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

CUNHAL, Álvaro. *O partido com paredes de vidro*. Lisboa: Avante, 1985.

FERNANDES; Florestan. *O PT em movimento*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. "O que é revolução". *In: Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

GIAP, *O Vietnam segundo Giap*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

GOMES, Oziel. *Lenin e a Revolução Russa*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *A política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. *Cadernos do cárcere*, vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

GUEVARA, Che. *Obras de Che Guevara: textos revolucionários*. Trad. Aton Fon Filho. São Paulo: Global, 1986.

HARNECKER, Marta. *Fidel e a estratégia política da vitória*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

_____. *Tornar possível o impossível*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: Breve século XX*. 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

IASI, Mauro Luis. *Ensaios sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KAUTSKY, Karl. "Um elemento importado de fora". *Revista do Partido Social-Democrata Alemão Neue Zeit*, n. 3, p.79, 1901-1902.

KONDER, Leandro. *História das ideias socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

KRAPIVIN, V. *Metodologia de auto-edución política*. Moscou: Editorial Progresso, 1983.

LENIN, V. I. "A propósito da revolução de toda a Rússia". *In: Obras completas*. T. 15. Moscou: Editorial Progresso, 1983.

_____. "Jornadas revolucionárias". *In: Obras completas*. T. 9. Moscou: Editorial Progresso, 1982.

_____. "A guerra de guerrilhas". *In: Obras completas*. T. 14. Moscou: Editorial Progresso, 1982.

_____. *Que fazer? Questões candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. "Discurso sobre o aniversário da revolução em 6 de novembro (1918)". *In: Obras completas*. T. 37. Moscou: Editorial Progresso, 1983.

_____. *Jornadas revolucionárias.* Argentina: Distribuidora Baires, 1974.

_____. *Partido proletário de novo tipo.* Lisboa: Avante, 1975

_____. *Obras escolhidas.* T. 3. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

_____. *A formação dos quadros.* Lisboa: Seara Nova, 1977.

_____. "Discurso pronunciado na reunião do soviete de Moscovo de deputados operários e soldados vermelhos". *In: A formação de Quadros.* Lisboa: Seara Nova, 1977.

_____. "Mais uma vez sobre os sindicatos e momento político e os erros dos camaradas Trotsky e Bukharin". *In: Obras Escolhidas.* T. 3. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

_____. "As tarefas das uniões da juventude". *In: Obras escolhidas.* T. 3. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

LESSA, Sérgio e TONET, Ivo. *Introdução à filosofia de Marx.* São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LUXEMBURGO, Rosa. *Partido de massas ou partido de vanguarda: Polêmica entre Rosa, Lenin.* Trad. Marisa Teixeira. São Paulo: Nova Stella, 1985.

LÖWY, Michel. (org.). *O marxismo na América Latina.* São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

_____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio.* São Paulo: Boitempo, 2007.

MAQUIAVEL, Nicolau. *A arte da guerra.* Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

MARIGHELLA, Carlos. "A crise brasileira". *In:* BOGO, Ademar. *Teoria da organização política.* Vol. II. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã.* São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. *A sagrada família.* Lisboa: Presença, 1980.

MARX, Karl. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann.* 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Manifesto do Partido Comunista.* São Paulo: Global, 1986.

_____. *Para a questão judaica.* São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. *Para a crítica da economia política.* São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MENEGAT, Marildo. *Depois do fim do mundo: A crise da modernidade e a barbárie.* Rio de Janeiro: Faperj, 2003.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
MORATO, Juan Jose. *El partido socialista obrero*. Madrid: Editorial Ayuso, 1976.
NETTO, José Paulo (org.). "As lutas de classes na França (1848-1850) de Karl Marx". *In: Friedrich Engels*. São Paulo: Ática, 1981.
NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
PESSOA, Enildo. *A escola e a libertação humana*. Petrópolis: Vozes, 2000.
POLITZER, Georges. *Princípios fundamentais de filosofia*. São Paulo: Hemus, 1986.
POLÖVNIKOVA E. e STRÚKOVA, E. "Experiência do PCUS e o mundo atual". *In: Partido proletário de novo tipo*. Lisboa: Avante, 1975.
PRESTES, Luis Carlos. "Carta aos comunistas". *In:* BOGO, Ademar (org.). *Teoria da organização política*, vol. II. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Lisboa: Avante, 1967.
SADER, Eder (org.). *Mao Tsé-tung*. São Paulo: Ática, 1982
SADER, Emir. *Gramsci, poder, política e partido*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
_____. *O socialismo humanista*. Petrópolis: Vozes, 1991;
SARTORI, Giovani. *Partidos e sistemas partidários*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
SMITH, Rupert. *A utilidade da força: a arte da guerra no mundo moderno*. Lisboa: Edições 70, 2008.
TSÉ-TUNG, Mao. *Obras escolhidas*. T. 3. São Paulo: Alfa Ômega, 1979.
VÁRIOS autores. *El partido y las massas*. Moscou: Editorial Progresso, 1983.
VÁZQUEZ, Adolfo S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
_____. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
VIEIRA, Evaldo. *O que é desobediência civil*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
VOLKOGÓNOV, D. *A educação ideológica dos militares*. Moscou: Editorial Progresso, 1985.
VOLTAIRE, *Os pensadores*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1979.